

ÉMILIE COLLIGNON

A EDUCADORA ÉMILIE COLLIGNON

GRANDE MEDIUM DA DOCTRINA ESPIRITA



ORGANIZADORES
JORGE DAMAS MARTINS
STENIO MONTEIRO DE BARROS

JORGE DAMAS MARTINS
STENIO MONTEIRO DE BARROS

ORGANIZADORES

A EDUCADORA ÉMILE COLLIGNON

GRANDE MÉDIUM DA CODIFICAÇÃO ESPÍRITA

Publicação autorizada segundo a *Service Reproduction* da Bibliotheque Nationale de France (Nº client: 82170)

Pesquisa, introdução, coordenação e notas:
Jorge Damas Martins e Stenio Monteiro de Barros

Direitos reservados à
Casa de Recuperação e Benefícios Bezerra de Menezes.

Rua Bambina, 128 – Botafogo – Rio de Janeiro – RJ
CEP: 22251-050
<http://www.casarecupbenbm.org.br/>

Tradução:
JOSÉ ANTONIO CARVALHO

Diagramação e Capa:
SIMONE OLIVEIRA

Foto da Capa:
WILLIAN DYCE
A Mulher Samaritana
1860
Birmingham Museums and Art Gallery, Birmingham, Inglaterra.

Impressão:
WALPRINT GRÁFICA & EDITORA

1ª Edição – Junho/2010

Distribuição gratuita – Venda proibida

Impresso no Brasil
Presita em Brazilio

JORGE DAMAS MARTINS
STENIO MONTEIRO DE BARROS

ORGANIZADORES

A EDUCADORA ÉMILE COLLIGNON

GRANDE MÉDIUM DA CODIFICAÇÃO ESPÍRITA

ESBOÇOS CONTEMPORÂNEOS

A EDUCAÇÃO NA FAMÍLIA E PELO ESTADO
CHEFE DA FAMÍLIA NACIONAL

MENSAGENS MEDIÚNICAS

CRBBM
CASA DE RECUPERAÇÃO E BENEFÍCIOS BEZERRA DE MENEZES

Dedicamos este obra de Émilie Collignon

A Pierre-Gaëtan Leymarie, o grande administrador
da obra espírita de Allan Kardec

Um fato dar-se-á, infalivelmente, porque os sinais são patentes: o mundo visível estabelecerá relações diretas com o mundo invisível, ou, em linguagem vulgar, os vivos estarão em comunicação direta com os mortos.

Bezerra de Menezes,
Espiritismo. Estudos Filosóficos, vol. III, p. 434,
Editora FAE, São Paulo-SP, 2001

PREFÁCIO

“Mostra-me a tua fé sem obras,
e eu te mostrarei a minha fé pelas minhas obras.”
(Tiago, 2:18)

Com o lançamento deste volume – A Educadora Émile Collignon, Grande Médium da Codificação Espírita - completa-se a publicação em português das obras de um dos nomes mais extraordinários das primeiras horas do Espiritismo, Émilie Collignon.

Esta grande médium de Bordeaux, França, tem lugar de honra no panteão dos pioneiros de nossa doutrina por diversas razões, mas aqui destacamos três: a) pelos exemplos de caridade cristã que nos deixou de legado; b) pela qualidade da literatura espírita que produziu, de sua própria lavra; c) pela excelência de sua produção mediúnica, como médium psicógrafa mecânica.

Destacamos primeiro os exemplos de caridade cristã lembrando de pronto o ensino dado pelo Cristo: é pelo fruto que se conhece a árvore. Os fatos valem mais que as palavras, quando da avaliação dos “profetas” de todas as eras. Não basta dizer “Senhor, Senhor...” Redigimos este texto no início de abril de 2010, nos dias das comemorações do centenário do incomparável Chico Xavier, um dos maiores médiuns de todos os tempos, do Brasil e do mundo. Chico se fez notável pelo volume e qualidade de sua produção mediúnica, claro, mas se tornou um exemplo inesquecível a partir de seus valores e de sua atitude profundamente cristã. Sua vida avaliza sua obra. A correspondência que estabeleceu entre a atitude do médium e a qualidade de sua capacidade receptiva

foi de tal magnitude que passou a servir de critério para avaliação dos médiuns e produções futuras – e também presentes e passadas, por que não?

Collignon antecipou, em alguma medida, o caminho traçado pelo Chico, exatamente pela coerência que estabeleceu entre sua vida e sua obra.

Nascida na Antuérpia, Bélgica, em 1820, Émilie Aimée Charlotte Bréard teve ao longo de toda a sua vida uma condição financeira bastante confortável; seja pela posição de seu pai, Paul Damase Bréard, que vivia de rendas; seja daquele que mais tarde seria seu esposo, o pintor Charles Collignon, apresentado nos documentos oficiais como “capitalista”, ou seja, também dotado de rendas suficientes para a garantia de uma vida confortável.

O conforto material não tisonou em momento algum a sensibilidade deste espírito generoso e dedicado ao bem. Ao contrário, os registros históricos revelam uma alma de profunda consciência social, empenhada integralmente em auxiliar os mais necessitados não apenas com seus recursos materiais, mas principalmente com sua inteligência, com seu tempo e com seus esforços reiterados em prol dos desassistidos.

O caso da escola para meninas pobres servirá certamente de exemplo do caráter diamantino desta grande pioneira de nossas fileiras. No início de 1870 Émilie projetou construir uma escola profissionalizante para jovens carentes e mulheres adultas. Para tanto, escreveu “Esboços Contemporâneos” (Marenes, Librairie Florentin-Blanchard, 1870). A idéia é que a renda obtida com a venda desta obra fosse revertida para a criação da referida escola. Continuando os esforços pela busca de recursos, em 1873 nossa denodada irmã volta à carga, lançando novo trabalho, intitulado “A educação na família e pelo estado – chefe da família nacional”. São exatamente estes dois trabalhos que encontram-se reunidos neste volume que ora apresentamos, acrescidos de uma terceira parte dedicada às mensagens recebidas por Collignon, como grande médium da Codificação Kardequiana.

A chegada da guerra franco-prussiana, no entanto, antepõe-se como um obstáculo intransponível para a consecução dos objetivos de Collignon. Os recursos disponíveis tornam-se cada vez mais escassos, e as doações para seu projeto minguem na mesma proporção. Em 1876 ela se apresenta de público nas páginas da “Revista Espírita” lamentando não ter podido ainda concretizar seu sonho, pedindo mais e mais ajudas ao seu propósito. Um ano mais tarde, no entanto, ela voltaria às páginas da mesma Revista para prestar contas do resultado de sua campanha, publicamente, e anunciar a desistência do projeto, por falta de fundos. Sabia ela, por revelações mediúnicas, que a história de seu aparente “fracasso”, ao longo daqueles sete anos de tentativas, registradas passo a passo na Revista Espírita, de Allan Kardec, deixariam igualmente entrever a seus pósteros o seu empenho constante em prol da causa do bem, independente das condições adversas. Seu esforço pioneiro não alcançou então o resultado desejado, mas seu exemplo de “fé com obras” encontraria mais tarde eco e acolhimento integral na chamada “Pátria do Evangelho” e no movimento espírita simbolizado nas figuras de Bezerra de Menezes, Eurípedes Barsanulfo, Chico Xavier e Divaldo Franco, entre outros tantos e tão memoráveis campeões da caridade...

Sem deixar esfriar o amor, Émilie Collignon vai então presidir uma creche ligada as obras de caridade de uma loja maçônica. Ah, o amor, sempre vence!

É esta solidez moral que recomenda a produção literária espírita de Émilie Collignon. A pesquisa levada a efeito por nossos irmãos Jorge Damas Martins e Stenio Monteiro de Barros, ao longo de mais de 20 anos de trabalho, em contatos freqüentes diretamente com a Biblioteca Nacional da França e diversas autoridades francesas, identificou ao todo cinco trabalhos de sua autoria publicados:

- “A Educação Maternal / O Corpo e o Espírito” (1864);
- “Conversas Familiares sobre Espiritismo” (1865);

- “Os Quatro Evangelhos” (1866)¹;
- “Esboços Contemporâneos” (1870) e
- “A educação na família e pelo estado – chefe da família nacional” (1873²).

TODOS estes lançamentos foram celebrados nas páginas da “Revue Spirite”, sempre com elogios e recomendação de leitura, seja da parte do Codificador seja de seus sucessores na redação daquele grande periódico espírita.

Sobre o primeiro, “Educação Maternal” (1864), diz o Codificador na página 302 da “Revista Espírita” de Julho daquele ano:

“É com prazer que aprovamos esse trabalho sem reservas, tão recomendável pela forma, quanto pelo fundo”.

“Conversas Familiares” recebe da parte do Codificador o mesmo tratamento:

“Temos um prazer e um dever lembrar, à atenção dos nossos leitores, essa brochura, que não fizemos senão anunciar em nosso último número, e que inscrevemos com prazer entre os livros recomendados. É uma exposição completa, embora sumária, dos princípios verdadeiros da Doutrina, numa linguagem familiar, ao alcance de todo mundo, e sob uma forma atraente. Fazer análise dessa produção seria fazer a de O Livro dos Espíritos e dos Médiuns. Não é, pois, como contendo idéias novas, que recomendamos esse opúsculo, mas como um meio de propagar a Doutrina”.³

¹ Este em parceria com Jean Baptiste Roustaing.

² Em português estas obras tiveram as seguintes edições: “A Educação Maternal - O Corpo e o Espírito” foi publicada em 2005 pelo confrade Jorge Damas Martins; “Conversas Familiares” em 2007 pela CRBBM; “Os Quatro Evangelhos” tem publicação regular da FEB; “Esboços Contemporâneos” e “A educação na família e pelo estado” são agora reunidos neste volume também publicado pela CRBBM.

³ RS, FEB, 1865, setembro, pág. 382.

Em 1869, pouco antes de desencarnar, Kardec inclui “Educação Maternal” e “Conversas Familiares” no seu “Catálogo Racional para se fundar uma biblioteca espírita”, na categoria “Obras Diversas sobre o Espiritismo ou Complementares à Doutrina Espírita”.⁴

Em 1870, “Esboços Contemporâneos” tem sua resenha e anúncio feitos pela direção da “Revista Espírita”, na figura de A. Desliens, médium e ex-secretário particular de Allan Kardec:⁵ destacando a Sra. Collignon como *estimável irmã* espírita.

Finalmente, em 1873, “A educação na família e pelo estado – chefe da família nacional” consolida de vez a série de avaliações positivas iniciadas pelo Codificador. Agora é P.-G. Leymarie, médium e o grande sucessor de Kardec na administração de “Revista Espírita”, quem destaca *a firme vontade* da Sra. Collignon de abrir sua *ouvroir-école*.⁶

Foi, no entanto, através do exercício da mediunidade verdadeiramente cristã que a vida e obra de Collignon atingiram o seu auge. O reconhecimento definitivo da qualidade de sua produção mediúnica veio igualmente da parte do Codificador, com a seleção de mensagens recebidas por seu intermédio para integrar algumas das obras fundamentais de nossa Doutrina, como a “Revista Espírita”⁷, “O Céu e o Inferno”⁸ e, especialmente, “O Evangelho Segundo o Espiritismo”. Nossos irmãos Jorge e Stenio identificaram 06 participações de Collignon neste volume, especificamente com as seguintes mensagens:

⁴ Ed. Madras, 2004, Introdução de Florentino Barrera e Ilustrações e Notas de Eduardo Carvalho Monteiro, pág. 28

⁵ Revista Espírita, 1870, Setembro, p. 295

⁶ Revista Espírita, 1873, junho, p. 164.

⁷ A participação da Sra Collignon na “Revista Espírita”, na época de Kardec, já foi destacada na obra “Jean Baptiste Roustaing – Apóstolo do Espiritismo”, dos nossos irmãos Jorge e Stenio, publicada em 2005, pela CRBBM.

⁸ Ver “O Céu e o Inferno”, de Allan Kardec, Segunda Parte, Capítulo II: Espíritos Felizes, Bernardin, mensagem recebida em Bordeuax, em abril de 1862.

- 1) “A Indulgência”, do Espírito Joseph, mentor de Émilie Collignon (ESE, Cap. X, 16);
- 2) “Espiritismo Prático”, do Espírito Dufêtre, bispo de Nevers (ESE, Cap. X, 8).
- 3) “A fé, mãe da esperança e da caridade”, do Espírito Joseph, mentor da Sra. Collignon e recebida em Bordeaux em 1862 (ESE, Cap. XIX, 11);
- 4) “Pelas suas obras é que se reconhece o cristão”, Espírito Simeão, Bordeaux, em 1863 (ESE, Cap. XVIII, 16);
- 5) “Perdão das Ofensas”, Espírito Simeão, Bordeaux, em 1862 (ESE, Cap. X, 14);
- 6) “Dever-se-á por termo às provas do próximo?”, Espírito Bernardin, Bordeaux, em 1863 (ESE, Cap. V, 16).

Os leitores deste volume poderão conhecer ainda mais da valiosa produção mediúnica de Émilie Collignon na terceira parte deste volume, onde Jorge e Stenio enfeixaram uma variedade de mensagens recebidas por esta médium, todas publicadas pela primeira vez em português.

O mais surpreendente, no entanto, na apreciação da trajetória desta grande médium, é constatar que todas estas conquistas anteriores – seu valor moral, sua produção literária, e até suas qualidades mediúnicas – foram apenas a base necessária para a recepção da obra que assinalaria em definitivo o seu nome como um dos grandes médiuns de todos os tempos. Referi-mo-nos a “Os Quatro Evangelhos” ou “Revelação da Revelação”, coligida e publicada por Jean Baptiste Roustaing, o grande advogado e fervoroso discípulo de Allan Kardec, também de Bordeaux.

“Os Quatro Evangelhos” é a única obra da literatura espírita mediúnica, em todo o mundo, que explica versículo a versículo o Evangelho de Jesus. Ditada à Collignon pelos espíritos dos próprios evangelistas – Mateus Marcos, Lucas e João – constitui um verdadeiro tesouro da tradição cristã, cumprindo “ipsis literis” a promessa do Cristo de enviar o Consolador para “lembrar e explicar” tudo

o que Ele havia dito e complementando, com maestria, o esforço empreendido por Allan Kardec com as obras da Codificação.

Émilie Collignon é a médium de “Os Quatro Evangelhos”.

Nada mais houvesse produzido com sua mediunidade, que não esta obra, e seu nome já estaria consagrado para todo o sempre, mas o fato é que ela realizou bem mais, e deixou exemplos de cristandade em sua vida pessoal que a assinalam em definitivo como uma digna missionária do Cristo.

Que o público brasileiro receba, portanto, com carinho renovado, mais esta jóia ofertada por esse coração tão valoroso...

* * *

Não podemos concluir estas palavras breves sem expressar nossa gratidão aos irmãos Jorge Damas Martins e Stenio Monteiro de Barros. Pouco a pouco se avolumam os resultados deste mais de vinte anos de pesquisa e esforço constante no resgate da história do Espiritismo. Este é apenas mais um, mas encerra uma parte importante deste ciclo, porque traz a lume, em todo o seu fulgor, o brilho de uma vida exemplar que muitas vezes foi enublada pelo desconhecimento ou pelo preconceito. Que Deus os abençoe por isso, e possa recompensá-los com mais energia e entusiasmo para o cumprimento da tarefa abraçada.

Aos companheiros da nossa Casa de Recuperação e Benefícios Bezerra de Menezes, um abraço carinhoso. O melhor bem é que fazemos juntos. Deus ampara os seus pequeninos que se reúnem para fazer um bem maior do que a sua indigência individual lhes permitiria empreender.

A todos, paz.

Júlio Couto Damasceno

Do Rio de Janeiro, para o
VI Congresso Roustaing, em junho de 2010,
Feira de Santana - Bahia

ÉMILIE COLLIGNON GRANDE MÉDIUM DA CODIFICAÇÃO ESPÍRITA

Émilie Aimée Charlotte Bréard nasceu em Antwerp (Anvers), Bélgica, no ano de 1820. Era filha de Paul Damase Bréard, natural de Villedieu (Manche), onde nasceu em 08 de setembro de 1795, que vivia de rendas (*rentier*) e Aimée Marie Célestine Hubert, dita Descours de saint-Omer (Pas-de-Calais), onde nasceu em 1797.

Depois, Émilie foi morar com seus pais em Paris, na Rue des Vinaigres, 8 vindo a casar com o artista pintor Sr Charles Paul Collignon, nascido em Paris 1808 (Paris), e que também vivia de rendas (*rentier*). Ele era filho de François Collignon e Jeanne Barber Le Tort, e residia na Rue Grange aux Belles, 19. O casamento deu-se em Paris, onde residiam, em 03 de janeiro de 1843 e o casal manteve moradia na casa do noivo, Sr Collignon.

A Vida abençoou os recém casados com uma filhinha: Jeanne Aimée Berthe, nascida em 15 de dezembro de 1843, na casa dos pais em Paris.

Depois o casal foi morar na commune de Caudéran, nas vizinhanças de Bordeaux, na Rue Terre Nègre, no bairro de Saubos.

Anos mais tarde, a Sra Collignon teve uma outra filha, Paule Victorine Aimée Collignon, nascida em 11 de outubro de 1854. Paule Victorine cumpriu uma pequena estada na Terra, pois, com menos de um ano de idade, em 25 de setembro de 1855, desencarnou, sensibilizando pela dor os seus pais.

A roda da vida, no entanto, num fluxo permanente, não pára. *É Deus que dá e retoma a vida* (I Sm 2: 6), e faz tudo *nascer, morrer e renascer, continuamente* (RS, FEB, 1861, novembro. p. 478).

Assim, numa onda permanente, a dor da perda é substituída pela alegria da vida, e tudo prossegue obedecendo à ordem imperativa do comando evolutivo. Então, em 02 de outubro de 1856, nasce mais um filho para o casal, que receberia o nome de Henri Paul François Marie Collignon, e que daria aos seus pais e à França o maior exemplo de dedicação, serviço e amor. Henri, advogado, se imortalizou na política como prefeito dos mais queridos, em diversos departamentos, e como herói na guerra de 1914, quando num gesto de coragem entregou a sua vida em defesa da pátria.

Agora vamos focar o ano de 1861, quando a Sra Collignon conheceu pessoalmente os missionários Allan Kardec e Jean Baptiste St. Omer Roustaing. Ambos foram visitá-la no intuito de observar um grande quadro mediúnico desenhado, representando um dos aspectos dos mundos que povoam o espaço. Neste tempo, a Sra Émilie Collignon e sua família não moravam mais em Caudéran. Vamos encontrá-la, na nova residência, em Bordeaux, na rue Sauce, 12. Esta rua, em 1920, passou a se chamar Henri Collignon em justa homenagem a seu grande filho, herói francês.

Inicialmente, foi visitá-la Allan Kardec, aproveitando sua estada em Bordeaux, a convite do Sr Émile Sabò, para a inauguração em 14 de outubro da *Sociedade Espírita*. Foi então o Codificador convidado para observar as faculdades medianímicas da jovem Jeanne Collignon, a primeira filha de Émilie, que completaria dezanove anos em dezembro. Kardec informa que à sua faculdade de escrever se somava a de desenhista e música. Ela recebeu um trecho de música do Espírito Mozart, que não desautorizaria este grande compositor. Surpreendente foi, também, a exatidão na assinatura da entidade, em tudo por tudo, semelhante ao seu autógrafo quando encarnado.

Mas, ainda segundo Kardec, o seu trabalho mais notável é, sem dúvida nenhuma, o desenho (*le dessin*):

“Trata-se de um quadro planetário (*un tableau planétaire*) de quatro metros quadrados de superfície, de um efeito tão original e tão singular que nos seria im-

possível dar uma idéia pela sua descrição” (RS, 1861, FEB, novembro, p. 475).

O trabalho é desenhado em lápis negro, em pastel de diversas cores e em esfuminho. Este trabalho tinha sido iniciado há alguns meses, e ainda não estava encerrado, quando da visita do Prof Rivail, e havia sido destinado, pelo Espírito artista, à *Sociedade Espírita de Paris*. Kardec viu a médium em plena execução e ficou maravilhado com a rapidez e o nível de precisão:

“Inicialmente, e à guisa de treino, o Espírito a fez traçar, com a mão levantada e de um jacto, círculos e espirais de cerca de um metro de diâmetro e de tal regularidade, que se encontrou o centro geométrico perfeitamente exato” (p. 475).

Evidentemente, sem o trabalho pronto, Kardec não pode aquilatar o quadro, quanto ao valor científico, e como ele mesmo disse, admitindo seja uma fantasia, não deixa de ser, como execução mediúnica, um trabalho notável.

A tela, antes de ser encaminhada a Paris, seria fotografada e reproduzida, em várias cópias, por sugestão do próprio autor espiritual, para que da obra muitos tivessem o conhecimento. Outro fato que o visitante fez questão de ressaltar é que o pai da médium era pintor:

“Como artista achava que o Espírito obrava contrariamente às regras da arte e pretendia dar conselhos. Por isso o Espírito o proibiu de assistir o trabalho, a fim de que a médium não lhe sofresse a influência” (p. 476).

Mas, com todo respeito ao artista pintor espiritual e seu quadro, e ao músico celeste e seu trecho musical mediúnico, penso que é na concordância com o ensinamento de *O livro dos espíritos* que encontraremos a grande virtude deste médium bordelense, como tão bem observa Kardec:

“Até pouco tempo a médium não havia lido nossas obras. O Espírito lhe ditou, para nos ser entregue à

nossa chegada, que ainda não estava anunciada, um pequeno tratado de Espiritismo, em todos os pontos conforme *O livro dos espíritos*” (p. 476).

Agora foi a vez de J.-B. Roustaing conhecê-la; e logo após ao inesquecível encontro pessoal dele com o missionário de Paris, Allan Kardec, em 14 e 15 de outubro, onde com toda a satisfação apertaram as mãos, na Sociedade de Bordeaux. Jean Baptiste Roustaing também foi visitar a Sra Collignon impulsionado pelo mesmo motivo de Allan Kardec:

“Em Dezembro de 1861, foi-me sugerido ir à casa de Mme. Collignon, que eu não tinha a satisfação de conhecer e a quem devia ser apresentado, para apreciar um grande quadro (*un grand tableau*) mediunicamente desenhado (*dessiné*), representando um aspecto dos mundos que povoam o espaço” (QE, I, 64).

Evidentemente que estamos diante do mesmo quadro (*tableau*), mediunicamente desenhado (*médianimiquement dessiné*), visto em execução por Kardec e doado espiritualmente, depois de pronto, à Sociedade de Paris. Dada as dimensões do movimento espiritual da época, em Bordeaux, fica difícil se pensar numa obra com as mesmas características: grande quadro (*grand tableau*) mediúnico, de 4 m², retratando o aspecto planetário (*planétaire*) ou, como diz Roustaing, representando um aspecto dos mundos que povoam o espaço (*qui figurait un aspect des mondes répandus dans l'espace*). Além da identidade do sexo do médium, da sua idade e da profissão de artista pintor para o seu pai. A semelhança nos textos, acrescida desses últimos dados, nos leva à identificação que Kardec e Roustaing viram o mesmo *quadro planetário* e na mesma época, nos fins de 1861.

Assim temos que o Codificador do Espiritismo esteve na casa de Émilie Collignon aonde, alguns dias mais tarde, os Evangelistas, assistidos pelos Apóstolos, em *espírito e verdade*, anunciariam mediunicamente a obra *Les quatre evangiles*. Precisando a época,

a visita de Kardec ocorreu cerca de sessenta (60) dias antes do anúncio da maior obra mediúnica sobre os ensinamentos de Jesus Cristo.

Voltemos ao quadro mediúnico. Charles Collignon era pintor e espírita e, por certo, queria expor este quadro em seu atelier, para observar melhor a técnica espiritual empregada pois, naquela época, tudo isto, em especial a *psicopictografia*, era muito novo. Outro fato: dada a sua influência no meio das artes, o quadro ali exposto seria melhor e mais facilmente observado, principalmente por especialistas no assunto que deviam ser convidados por Charles Collignon. E mais: seu atelier serviu para a execução do quadro como espaço apropriado e com a devida disponibilidade dos materiais e instrumentos necessários.

O pai da médium, Sr Charles Collignon, sendo pintor profissional, com larga experiência – com exposições em Paris e Bordeaux -, quis inclusive opinar na execução da técnica mediúnica, o que não foi consentido pelo autor espiritual. O quadro foi executado com cuidado e levou alguns meses para ser pintado.

O Censo de 1866, na cidade de Bordeaux, também contemplou a Rue Sauce e a família dos Collignon. Nele, temos algumas particularidades até então desconhecidas. Na Gironde era comum dar ao lado do nome legítimo, o oposto, *em família*. Por isso Roustaing era conhecido por *St Omer* e Elizabeth, sua esposa, por *Jenny*. Os Collignon, Charles e Émilie eram conhecidos, na intimidade, segundo o Censo, pelos prenomes: *Jean*, de 58 anos e *rentier* (capitalista) e *Jeanne*, da família Bréard, 47 anos, sem *profissão*. Como este prenome só era escolhido muito tempo depois do nascimento, o menino Henri ainda não tinha o seu, mas aparece, com o nome do registro de nascimento, tendo, então, 10 anos (nasceu em 2 de outubro de 1856). A jovem Jeanne, agora com 22 anos, foi registrada com o nome íntimo e carinhoso de *Jeannine*.

O imóvel era grande, e as respostas ao Censo foram dadas em uma das entradas da residência, do No 7 ao No 12, da Rue Sauce, pois ao que parece, ele estendia-se até ao atelier do Sr Charles, na esquina com a Rue Laroche, por uma comunicação interna entre os prédios.

Voltemos à filha dos Collignon, Jeannine (na intimidade do lar). Ela era médium mecânica – a mediunidade é hereditária, pois Émilie também é médium mecânica -, que escrevia tratados, compunha e pintava. Mas a faculdade psicopictórica era a que mais sobressaía, segundo Kardec:

“O trabalho mais notável é, sem contradita, o desenho” (RS, FEB, 1861, novembro, p. 475).

Agora há um fato que precisa bem a época em que a Sra Émilie Collignon conheceu as obras de Allan Kardec. O Codificador, falando sobre a filha dela, Jeannine, registra:

“Até pouco tempo a médium não havia lido nossas obras. O Espírito lhe ditou, para nos ser entregue à nossa chegada, que ainda não estava anunciada, um pequeno tratado de Espiritismo, em todos os pontos conforme *O livro dos espíritos*” (p. 476).

O anúncio da visita de Kardec à cidade de Bordeaux foi feito na *Revue spirite* de setembro de 1861. Logo, o tratado foi psicografado antes do mês de setembro. Com o anúncio da chegada próxima de Kardec, tudo divulgado pelos *quatro ventos*, seu nome se popularizou mais em Bordeaux, bem como suas obras, que puderam ser conhecidas pelas médiuns, Jeannine e Émilie Collignon.

Quanto à informação de Émilie, na carta para um abade de Bordeaux, e publicada por Kardec na *Revue spirite*, de que em sua família, em janeiro de 1862, apenas ela e seu marido Charles seguiam a *via espírita*, não é argumento para se opor aos dados sobre a mediunidade de sua filha Jeannine. Ela era jovem, solteira nesta época, como informa o Censo; logo, casadoira, dependente da família, que a prudência de seus pais achou por bem resguardar. Coisa aceitável para época, para famílias ricas e, inclusive, de tradição protestante por parte do Sr Charles. Tempo depois a jovem veio estabelecer casamento com o Sr Maillères.

O casamento de Jeanne-Maillères ocorreu entre 1866 e 1872. Não temos ainda a certidão de casamento, porém, esta pesquisa já conseguiu levantar muitos dados relevantes: No Censo de 1866 temos a informação, já registrada, de ser Jeanne solteira, mas no Censo de 1872 ela aparece como *separada* (*séparée*) do Sr Maillères. Bem mais à frente, em 1891, após a desencarnação do Sr Charles Collignon, quando foi feita a transferência de seus bens aos seus herdeiros, através da Declaração de Sucessão (*Déclaration des Mutations por Décès*), Jeanne já se encontrava (*divorcée*) do Sr Georges Maillères, e continuava a morar na residência de seus pais, na Rue Sauce, 12.

Qual o motivo da separação do casal? Possivelmente ficará para sempre o sigilo na história! Mas me dou o direito de aventar a hipótese, bem plausível para a época, de que o principal motivo, entre outros, esteja no fato de Jeanne ser medium e espírita. Daí todo o cuidado em não se revelar o nome de jovens casadoiras, naqueles tempos ...

E isto é bem certo, pois Kardec não revelou o seu nome na *Revue spirite*, nem Roustaing em *Les quatre evangiles*.

Kardec era bem consciencioso quando da publicidade de nomes de espíritas e simpatizantes em sua época:

“A reserva que temos na publicação de nomes é motivada por razões de conveniência, pelo que não temos, até o momento, senão que nos felicitar” (RS, FEB, 1860, janeiro, p. 53).

Mais à frente, ele explica o porquê:

“Uma coisa é ter coragem de externar a opinião numa conversa e outra é entregar o nome à publicidade [...] Estes escrúpulos, que absolutamente não implicam falta de coragem, devem ser respeitados” (RS, FEB, 1860, fevereiro, p. 62).

E, por fim, comenta a principal razão que é, também, o principal motivo sobre o silêncio do nome de Jeannine:

“Quando fatos extraordinários se passam em qualquer parte, compreende-se que seria pouco agradável, para as pessoas que lhes são objeto, serem transformadas em ponto de mira da curiosidade pública e molestada pelos importunos. Sem dúvida, devemos ser gratos aos que se põem acima dos preconceitos, mas também não devemos censurar com tanta leviandade os que talvez tenham motivos legítimos para não se fazerem notados” (pp. 62-3).

Não há nada oculto que não venha a ser descoberto. Jeannine Collignon é mais uma prova.

A partir desta visita de Roustaing, a Sra Émilie Collignon e seu esposo se engajam de vez no movimento espírita bordelense e, em âmbito nacional, marcam presença na *Revue spirite* de Paris e na *La vérité* da cidade de Lyon. Émilie vai se transformar na maior personalidade mediúmica de Bordeaux, aquela que recebeu a maior divulgação na imprensa espírita, com *um cem número* de mensagens, poesias, novelas, artigos, cartas e livros.

Imediatamente após estas duas célebres visitas, vamos encontrar o casal Émilie-Charles freqüentando e participando das sessões espíritas do prestigiado *Grupo Sabò*. O local do *Grupo* facilitava muito, pois a rue Barennes está localizada nas proximidades da antiga rue Sauce.

Em seguida, Émilie Collignon funda um Centro Espírita: o *Grupo Sra Collignon*, o que era comum na época. Aliás, é o próprio Kardec quem recomendava estes grupos particulares, evitando o inchaço inconveniente para a prática mediúmica e pelo perigo de endeusamento pelo poder¹.

Dada a sua excelente mediunidade, do tipo mecânica, e sua grande fluência no escrever, seu *Grupo* se popularizou rapidamente.

¹ Ver o artigo completo de Allan Kardec: *Organização do espiritismo* (RS, 1861, dezembro, pp. 528-47).

te, o que fez o Sr Alexandre Delanne observar, quando de sua visita à cidade de Bordeaux:

Eu visitara os grupos espíritas dessa cidade; nela já havia um número bastante grande. Os mais freqüentados eram os da Sra Collignon, da Srta O'kine, dos Srs Roustaing, Krell, Alexandre, etc. Existiam dois órgãos espíritas: *Le Sauveur des peuples* e *L'Union spirite bordelaise (Le spiritisme – organe de l'union spirite française)* (Gerente: Gabriel Delanne), No. 23, 1º quinzena de fevereiro de 1884, p. 6. Redação e administração: Passage Choiseul, 39 & 41, Paris).

Não é surpreendente, nem coincidência, que, nesta lista de grupos espíritas de Bordeaux, o Grupo da Sra Collignon a esteja encabeçando. Dada à divulgação de sua produção mediúnica, nos diversos periódicos espíritas da cidade, e da veracidade comprovada de vários fenômenos mediúnicos obtidos por seu intermédio, o destaque ao seu *Grupo* é mais que natural.

A Sra Émilie Collignon estudava a doutrina e as diversas comunicações mediúnicas, recebidas por ela ou não, as meditava, analisava a linguagem, a forma e o fundo, comparava com outras mensagens de seus *bons guias particulares* e, em especial, consultava o seu mentor, o Espírito Joseph, sempre que achava necessário. Ressalto que Joseph fazia parte do *corpo* do Espírito de Verdade, responsável primeiro por toda a Terceira Revelação. Aliás, Émilie Collignon é co-autora de *O Evangelho segundo o espiritismo*, de Allan Kardec, com ricas e substanciosas mensagens. Para se aquilatar o valor de sua produção mediúnica, que o leitor e a leitura estudiosos, busque a 3ª parte deste livro, onde encontrarão uma coletânea de pérolas espirituais captadas pela grande médium da Codificação Espírita.

Estudante sistemática da *Revue spirite* mantinha-se atenta a todas as novidades do movimento nascente, principalmente, no campo da mediunidade, prestando-se a colaborar com informações pertinentes e assegurando o seu valioso testemunho como membro

honorário da Sociedade de Paris. Um exemplo podemos tirar do artigo *La psychométrie du professeur Denton* [A psicometria do professor Denton] estampado neste periódico (RS, 17º ano, 1874, fevereiro, pp. 55-8). Émilie, vendo a novidade da palavra *psicometria* e de seu estudo, presta o seu testemunho em carta endereçada à Redação da revista (Administração P.-G. Leymarie), datada de Bordeaux em 23 de fevereiro do ano em curso, informando que cerca de quatorze a quinze anos passados² ela foi informada sobre este tipo de mediunidade. O fato se deu assim: uma senhora, Mme D***, de plena confiança, esposa de um de seus amigos, narrou-lhe o fato de um serralheiro de cerca de 60 anos, analfabeto, que sabia “ler”, como num “quadro vivo”, o conteúdo de uma determinada página de um livro, marcada ao acaso por uma pessoa, que também não sabia o que ali se encontrava narrado. O caso era mais surpreendente ainda, pois o serralheiro contava que sua filha (a mediunidade é hereditária) podia identificar numa planta, tocando-a, seu país de origem e suas características individuais. Dado o interesse do tema, a Redação transcreveu a carta na íntegra acrescentando outros fatos que corroboram seu conteúdo (RS, 1874, abril, pp. 109-15).

Émilie também colaborou com instrutivas mensagens mediúnicas que foram estampadas por Allan Kardec na *Revue spirite: O espiritismo filosófico*, de Bernardin (RS, FEB, 1862, junho, 263-266), *Meu Testamento* (poesia, RS, FEB, novembro, pp. 462-5) e, - *É permitido evocar os mortos, já que Moisés o proibiu?* - de Simeão, por Mathieu (RS, FEB, 1863, outubro, pp. 425-7).

Émilie Collignon contribuiu muito mais. 1864 foi um ano de graças abundantes para o Espiritismo e para a médium de *Les quatre évangiles*. No mesmo mês de abril, em que surgiu o seu *L'Éducation maternelle*, é lançado em Bordeaux, num outro periódico bordelense, *La lumière*, no dia 7 (quinta-feira), também

² Aqui é Émilie Collignon quem informa que seu interesse por assuntos espíritos já existia por volta dos anos de 1860-61.

sobre a direção do Sr Armand Lefraise, como já registramos, uma nova série de artigos de Émilie Collignon, não mediúnica, intitulada: *Entretiens familiers sur le spiritisme*. Esses dois livros já foram publicados por nós em português.

Os livros da senhora Collignon eram um sucesso editorial. A *Revue spirite*, através de seu Secretário Gerente senhor Leymarie, chega a transcrever passagens remarcáveis de uma carta, datada da cidade X..., 2 de abril de 1872, de uma leitora e admiradora, a professora Sra E. Em certo parágrafo ela informa:

“Eu digo sem orgulho, que tudo que tenho conseguido é proveniente de Deus e da ajuda dos bons Espíritos – que eu imploro – bem como dos excelentes livros de Allan Kardec, dos Srs. Marc Baptiste e Babin, e da *Educação maternal* da senhora Collignon³, de Bordeaux. Eu jamais hesitei em ler as passagens mais importantes desses livros aos meus filhos, em lhes explicando o que poderia estar um pouco obscuro para uma jovem inteligência” (RS, 1872, maio, pp. 143-5).

Em 1864, outro fato relevante aconteceu na vida de nossa médium. No dia 17 de julho, às duas horas da manhã, desencarnou a mãe de Émilie Collignon, a Sra Aimée Marie Célestine Hubert dit Descours, viúva Bréard, aos 67 anos de idade, em sua residência, na rue Sauce,12.

O que é digno de nota é que a Sociedade de Paris, em 2 de novembro de 1864, visando oferecer uma piedosa lembrança a seus *falecidos* colegas e irmãos espíritas, numa reunião espiritual específica, recebe várias mensagens dos mortos-vivos e, entre elas, através da médium Sra Delanne, temos a benção das palavras mediúnicas da Sra Aimée Bréard, *de Bordeaux*, a querida mãezinha de Émilie, *membro honorário da Sociedade* (RS, FEB, dezembro, 1864, p. 492).

³ Estamos em 1872, cerca de oito (8) anos após o lançamento da brochura *Educação Maternal*.

Continuemos aprofundando a vida da grande pioneira do Espiritismo. Agora vamos focar a pedagogia em Émilie Collignon.

O segundo testamento de Roustaing, de 25 de novembro de 1878, em certa altura anuncia:

“Dôo e lego à senhora Collignon, na sua qualidade de presidente da obra de aprendizes, obra das lojas maçônicas, a quantia de três mil francos, encarregando-a de fazer a aplicação na obra de conformidade com as regras e estatutos que a regem”.

O que significa presidente da obra de aprendizes? A *Revue spirite* esclarece sobejamente os fatos que podem ser revividos em detalhes.

Em princípios de 1870, Émilie Collignon projetou criar uma escola para meninas pobres e cursos para mulheres adultas. Os recursos para a consecução deste empreendimento era sua intenção tirá-los da venda de uma obra, escrita por ela para tal fim: *Esquisses contemporaines* (Marennes, Librairie Florentin-Blanchard⁴, 1870). *Esquisses* significa *esboços*; logo temos: *Esboços contemporâneos*. Esta brochura nos foi enviada, de Bordeaux, em abril de 1997, pelo então Primeiro Ministro Francês M. Alain Juppé.

É uma obra muito interessante que merece ser meditada. Depois da apresentação de Émilie Collignon, segue um belo poema intitulado *Dieu (Deus)*, que a *Revue spirite* transcreve em suas páginas (RS, 1871, p. 63). Em seguida, temos artigos e poemas com temas mais que atuais: *Às damas de Bordeaux, Dizer e fazer são duas coisas diferentes (Dire et faire sont deux – [fábula])*, *Emancipação das mulheres*, *A filha da necessidade* [poema] e *O luxo*. Por fim, uma peça de teatro, *Tudo que brilha não é ouro (Tout ce qui reluit – n'est pas or)*. A brochura tem, ao todo, 33 páginas.

⁴ O Sr Florentin-Blanchard era espírita em Marennes. Amigo de Kardec, bem como defensor dos princípios doutrinários contra o ataque de intransigentes. Ver artigo de Kardec intitulado *O espiritismo em Rochefort – episódio de viagem do Sr Allan Kardec* (RS, FEB, 1862, dezembro, pp. 499-509).

Esta brochura é uma alerta às *damas da sociedade*, quanto a seu importante papel na formação da família. Diz mais, o objetivo principal da mulher é *a educação de vossos filhos*.

A *Revue spirite* anuncia este livro e seus propósitos, em 1870 (p. 295) e 1871 (pp. 13 e 63). Ele é formado por combinações (*mélanges*) de *prosas e poesias* e é devido à pena simpática de Sra E. Collignon e, *o produto de sua venda, está destinado a servir a uma obra essencialmente filantrópica e moralista*:

“A fundação em Bordeaux de uma escola primária e profissional gratuita para as meninas. O preço da obra é de 1 franco” (*Revue spirite*, 1870, p. 295).

Este projeto tinha, evidentemente, o apoio da Espiritualidade, em especial do Espírito Jean, dito *Babutier*⁵, que cuidava da obra de forma imediata, inclusive ditando mensagem de apoio e esclarecimento. A tradução em português deste livro é a primeira parte do trabalho que vocês - amigos e amigas de ideal - tem mãos.

Em 1873 Émilie Collignon faz mais um grande esforço para a concretização de seu projeto de instalação da escola, ao publicar o seu quinto livro, se incluirmos *Les quatre évangiles*, a brochura intitulada: *L'éducation dans la famille et par l'état - chef de la famille nationale* [A educação na família e pelo estado – chefe da família nacional]. Esta obra nos foi enviada pela *Bibliothèque Nationale de France*-BNF e traz as seguintes informações: Em Marennes, estava posta a venda pela Librairie Florentin-Blanchard e, em Bordeaux, pela Librairie de Feret & Fils, 15, cours de L'intendance.

Inicialmente, temos uma apresentação da Sra Collignon que aborda os objetivos que se pretende alcançar com esta publicação para a instalação de sua *Ouvroir-école*⁶; depois, segue uma carta

⁵ *Babutier*: produtor de cofre, baú, malas, armários rústicos, etc. Ver 2º Apêndice do opúsculo “A Educação Maternal”.

⁶ Uma tradução seria: *instituto de beneficência escolar, escola operária ou escola profissionalizante*.

de apresentação do trabalho, feita por Jean Macé, o fundador da *Liga de ensino*. Émilie Collignon diz que Jean Macé será o *passaporte* para a divulgação de sua *Ouvroir-école* e, também, de sua brochura: uma espécie de *aval*.

Ao todo são 44 páginas que tratam de assunto ultramoderno: *A educação na família, A família na escola primária, A instrução obrigatória, Deveres do Estado – chefe da família nacional, A gratuidade da instrução, A ciência na escola: a religião na igreja, O que será no futuro* [a educação], *Objecções, O que é: o que será* [a educação], *A questão do dinheiro, A nação é a família coletiva, Aos egoístas, O que o homem pode, o que ele deve* [em educação]. Estes temas mostram o quanto Émilie Collignon era antenada com a vanguarda.

A *Revue spirite* saudou o lançamento de mais um grande trabalho da generosa médium do Evangelho redivivo e reforçou a importância da escola que visava em seu curriculum à preparação para a profissionalização (*Revue spirite*, 1873, p. 164). A tradução dessa brochura forma a 2ª parte deste livro que esta diante dos seus olhos.

A guerra com a Prússia, porém, causou muitos danos na economia francesa, deixando o bolso das pessoas desprovidos de recursos para ajudarem no projeto de Émilie Collignon. Aliás, o Espírito Jean, *dito* Bahutier, já a havia alertado, que *nem sempre ela seria bem sucedida* neste projeto-escola. Assim, mais uma vez, ela, numa outra carta, alcança as páginas da *Revue spirite*, onde lamenta não ter podido ainda concretizar o seu projeto da *Ouvroir-école*, mas que se encontrava engajada, à frente da direção de uma escola e creche, em Bordeaux, mantidas por uma *instituição independente* (RS, 1876, abril, pp. 127-8). Ela presidia, então, instituição com vinte crianças, mantida pela maçonaria e, por isso, Roustaing, em seu segundo testamento determina: *Dôo e lego à senhora Collignon, na sua qualidade de presidente da obra de aprendizes, obra das lojas maçônicas*.

Sua vida de caridade sensibilizou os espíritas sinceros de seu tempo. P.-G. Leymarie, inclusive, em sua visita a Bordeaux, em 1881, não deixou de ir visitá-la:

“Antes de deixar Bordeaux vimos alguns dos nossos amigos espíritas... nós pudemos conversar com Sra Collignon” (RS, 1881, setembro, p. 442).

É desta grande pioneira espírita e educadora que J. Malgras escreve:

“Senhora Collignon (Émilie), mãe de um dos nossos mais simpáticos prefeitos, morta em 1902. Ela foi a célebre médium que escreveu para J.-B. Roustaing, chefe da ordem dos advogados de Bordeaux, os famosos *Evangelhos revelados* e dos quais certas visões originais foram vivamente combatidas e contestadas por um grande número de espíritas. É justo acrescentar que, longe de favorecer suas opiniões pessoais, ela era claramente oposta a certas revelações das quais não foi senão a intérprete meramente mecânica” (*Os pioneiros do espiritismo*, p. 94).

Os últimos anos de sua produtiva existência foram passados na bucólica cidade de Saint-Georges-de-Didonne, em Charente-Maritime, junto a familiares de Charles Paul Collignon, o seu digníssimo esposo. No lindo e significativo 25 de dezembro de 1902 ela desencarna aos 83 anos. Grande e significativo dia do Natal de Nosso Senhor Jesus-Cristo.

Jorge Damas Martins
Stenio Monteiro de Barros

ESQUISSES CONTEMPORAINES (1870) – ÉMILIE COLLIGNON

Vendido em benefício da Oficina-Escola Bordelesa

Preço 1 fr.

MARENNES – LIVRARIA FLORENTIN-BLANCHARD.

ROCHFORT. — TIPOGRAFIAS MERCIER E DEVOIS, RUA DES FONDERIES, 72

1ª Parte

ESBOÇOS CONTEMPORÂNEOS

ÉMILIE COLLIGNON



UMA PALAVRA DE PASSAGEM

É de hábito que um livro, seja qual for, comece por um prefácio indicando seu objetivo e seu alcance, o que, é preciso confessá-lo, não prova a confiança do autor na sagacidade do leitor ou no brilho da obra.

Vou então, ainda que apenas oferecendo ao público uma simples brochura, tentar fazer um prefácio para explicar que..... ora essa! deixemos p'ra lá a exposição do assunto. Em uma compilação como esta, há matéria para agradar e desagradar a todos os gostos. Limitar-me-ei então a dar um conselho às minhas jovens leitoras... se tanto é que delas tenha.

Porque, Minhas Senhoras, não tomais a pena de vez em quando, para formular as idéias graciosas, às vezes até sérias que vos atravessam o espírito entre duas gargalhadas? Temais de vos ver abatidas sob esse título horrível, cheio de pedantismo, de negligência, de desordem... *Bas bleu!* Compreendo o medo que esse epíteto vos inspira. Essas palavras terríveis, *bas bleu*, apresentam imediatamente à imaginação, uma musa com os cabelos desgrenhados, modo de vestir excêntrico ou negligenciado, com comportamentos chocantes, que compõe uma elegia sobre a morte e esquece de levar a tisana ao doente que reclama seus cuidados; canta as graças inocentes da infância e relega os pequenos seres que Deus lhe confiou, o mais longe possível sob a vigilância de uma governanta, quando delas há uma, a fim de não ser perturbada pela bulha de sua alegria ingênua; celebra os trabalhos da

¹ *Bas bleu*: mulher pedante com pretensões literárias; velha, com sentido pejorativo. Talvez pudesse ser traduzido por: “perua”. N. do T.

perseverante aranha suspendendo seus fios invisíveis, e esquece de consertar seus baixos... azuis ou brancos; que, finalmente, para seguir uma idéia, negligencia, as obrigações imperiosas da sociedade, da família.

Mas, vejamos, poesia à parte, pensais que não haja no mundo muitas das *bas bleus* sob esse ponto de vista? Os prazeres frequentemente não arrastam a filhinha, a mocinha, sobretudo, fora de seu lar, quando sua presença aí seria das mais necessárias?

As crianças não são frequentemente como brinquedos graciosos que nós nos agradamos em adornar para os mostrar com coquetismo, e que, dentro de casa, permanecem distanciados da vigilância maternal, porque seus alegres folguedos perturbariam as conversações ociosas dos visitantes; porque sua curiosidade indiscreta atrapalharia a harmonia dos mil nadas custosos que ornaram o tocador?

Não se vêem as obras elegantes que um hábil operário mal terminou, e que compramos com grandes gastos, rolar de móvel em móvel, para fazer ostentação de suas cores, de sua riqueza, enquanto a roupa da casa oculta vergonhosamente sua destruição nos recônditos aonde a desordem a impele com desdém?

Ainda, a *bas bleu*, a verdadeira, essa que rima, leva geralmente ao esquecimento de todas as coisas até ao esquecimento de si mesma e sua administração negligenciada, torna-se proverbial, ela é pouco dispendiosa. Mas isso é assim para a *bas bleu*... sem poesia? Não perseguindo a rima, persegue a moda, essa caprichosa que procuramos fixá-la à força de ouro e que foge sem cessar insaciada e insaciável.

Para quê, deveis dizer, nos animar a escrever? Meu Deus! para combater o tédio que uma imaginação ardente e cultivada deve encontrar inevitavelmente nas ocupações vulgares de uma casa; ocupações contudo necessárias, obrigatórias, às quais toda mulher deve se sujeitar.

Se se percebe a monotonia da obra que confeccionam os dedos, quando o pensamento está ocupado de uma maneira séria e

agradável? Está-se fatigada do barulho e do movimento das crianças, quando se estuda em seus jogos, suas cóleras, suas alegrias, as tendências de seu caráter e que o traçamos com a lucidez de um coração maternal, contos instrutivos próprios a reprimir o mal que previmos, em desenvolver o bem que cultivamos? O lar não tem mais monotonia, não tem mais solidão. A louca da casa, torna-se sábia, preenche os lugares vazios, empresta charme a todos os trabalhos, compraz-se no canto da lareira, e, longe de procurar unicamente os prazeres ruidosos do mundo, lamenta às vezes de ver perturbar a calma do lar por uma dessas visitas indiferentes, que só deixam após elas a lembrança de um pouco de barulho ou de algumas maledicências de salão.

Cultivai, pois, a poesia, queridas crianças: todas vós a tendes no fundo do coração. Deixai-a falar-vos sua graciosa linguagem, que seja cadenciada pela cesura ou que corra sem se fixar na rima. Ela vos conduzirá insensivelmente a essa idade em que todas as flores perdem suas cores frescas, mas na qual os frutos são de um sabor e de um perfume que dão encanto às neves do inverno e lhe sobrevivem.

Escrevei, mas nunca calcando aos pés a roca para alcançar a garupa escorregadia do cavalo alado, atai solidamente vossa pena ao fuso que gira entre vossos dedos.

Escrevei, mas sem negligenciar as ocupações da dona de casa; a pena só deve repousar dos trabalhos vulgares e romper, aos olhos do marido, a monotonia da vida de família.

Escrevei, mas não esqueçais que sois mães e que vossa pena, como vosso pensamento, vo ssos atos e vossas palavras, deve ter para objetivo principal, a educação de vossos filhos. Embalai-os em lhes salmodiando docemente, e ao invés de Contos da Carochinha ou de Malborough², a estância ou o conto que vindes de criar;

² O duque de Malborough, general Juan Churchill (1650-1722), passou mais de vinte anos em guerras sucessivas, à frente das tropas inglesas, depois que, em 1690, foi encarregado por Guilherme III de submeter a rebelde Irlanda. As

e eles dormirão... como o fazeis nesse momento, caras leitoras. Tanto melhor: que eu possa vos arranjar um sono calmo e profundo que vos ajude a retomar alegremente, ao acordar, os trabalhos da jornada.

ÉMILIE COLLIGNON.

glórias militares fizeram dele o homem mais influente da Inglaterra durante o reinado de Ana, período em que o duque militar, em nome da rainha, declarou e aceitou guerras com diversos países europeus, entre eles a França, a Alemanha e os Países Baixos. As “guerras de Malbourogh” foram o grande assunto na Inglaterra entre 1702 e 1716, ano em que o duque caiu em desgraça [Nota: JDM]

DEUS!

Palavra que sem nela pensar pronuncia-se sem cessar
Na dúvida, no medo, na alegria ou na aflição;
Que se diz com desdém, com ódio, com fé;
Que levanta o riso ou faz tremer de pavor!...
Deus! por todos invocado: palavra cheia de mistério!
Juiz, mestre ciumento, implacável... ou bom pai.
Deus de amor, Deus de paz, Deus do qual se arma o braço
Para guiar sem piedade teus filhos aos combates;
Que na eternidade praticas a vingança
E nos dás um dever de perdoar a ofensa,
Sem sonhar que desde seis mil anos, nossa sorte,
É expiar, de Adão, o irreparável erro!³
Deus justo, que proscresves a criança morta sem batismo
E recebe o pecador lavado pela Santa Crisma;
Pela graça eficaz, absolves quem tu escolhes
Ou, no-la recusando, para sempre nos amaldiçoas;
Derramas, como ao acaso, saúde, felicidade, riquezas,
E parece ignorar de onde vêm essas liberalidades.....
Tu de quem se fala tanto, DEUS! o que és tu? nosso espírito,
Em sua órbita estreita, ai de mim! te circunscreve,
Te empresta seus defeitos, te molda à sua imagem,
Pretende ter direitos à tua santa herança,
E, te vendo tão alto, para subir até a ti,
Em seu nível te abaixa e reforma tua lei!

Oh! não, Deus! tu não és... não, tu não podes ser
O que o homem orgulhoso te ousa fazer parecer.
Recolha-te minha alma e procura pressentir
Aquele que em sua grandeza, nada pode conter.

³ Ver o comentário de Allan Kardec no seu *A Gênese*, capítulo XII: *Gênese Mosaica – Os seis dias – Perda do paraíso* [Nota: JDM]

Princípio universal, fonte viva infinita
Onde tudo, no Universo, tira o ser e a vida,
Sem nunca enfraquecê-lo, sem nunca nele entrar;
Que ninguém pode saber, ninguém pode demonstrar;
Fluido vivificante, pensamento, espírito, luz,
Criador incriado; toda causa primária.....
Estou muito distante de ti para te definir bem,
Mas te sinto bastante para crer e te glorificar!

ÀS SENHORAS DE BORDEAUX.

Venho, em nome dessa caridade tão grande, tão devotada, da qual dais tantas provas, dirigir-vos um apelo em favor das crianças pobres privadas de toda direção; meninas abandonadas a si mesmas em uma idade em que todas as seduções, todas as cobiças se unem aos maus conselhos, aos maus exemplos, para impeli-las ao vício. E uma vez que elas nele chegarem, sabeis, Minhas Senhoras, quanto podeis ter de sofrer dessa concorrência descarada que as perdidas vos fazem até no seio de vossas famílias!

Esposas que só tendes vossos maridos quando elas não querem mais eles, mães que chorais sobre o cinismo de vossos filhos sobre a perda de sua saúde, de sua vida! Irmãs que sois tratadas por vossos irmãos com uma indiferença, uma leviandade, um desprezo ofensivo, uni-vos para deter o mal em seu impulso sempre mais rápido.

Direis que há necessidade de criar mais escolas? Bordeaux não oferece um número bastante grande de instituições laicas ou clericais para que os filhos dos operários nelas possam ser alunos se os pais quiserem enviá-los a elas?

Sim, há muitas escolas; mas elas são insuficientes visto que tantas crianças mendigam nas ruas onde se desenvolvem em todos os vícios.

Elas são insuficientes, visto que as crianças que elas educam e que, geralmente, restituem à sociedade após a primeira comunhão⁴, época em que começa a aprendizagem, fornecem um contingente tão imponente de operários preguiçosos, bêbedos, libertinos; de operárias cujo estado é um pretexto; que até nem têm pudor de tomar esse pretexto e apregoam publicamente sua degradação. Visto que se vê, para vergonha da humanidade, meninas de dez a doze anos, já pervertidas, ainda que elas tenham estado

⁴ Aqui fica claro como as fases escolares eram influenciadas pelos dogmas da Igreja Católica. Sinais dos tempos! [Nota: JDM]

ou estejam ainda na escola, que elas tenham dado ou se preparem para dar o passo que as consagre católicas romanas⁵.

Que de fatos hediondos poder-se-ia citar se eles não revoltassem a tal ponto o pudor e a moral, que nenhuma pena deve traçá-los, nenhum olho deve lê-los!

A direção dada à infância é, pois, má, visto que as obras que ela produz são más. “Uma má árvore não pode dar bons frutos.”⁶ A árvore não era má em sua essência; mas a natureza do clima social mudou; os frutos necessitam de uma seiva mais apropriada ao meio em que eles vivem, e a árvore exaurida nada mais tem de bastante poderoso para fornecer.

A moral é ÚNICA, que seu preceito fundamental saia dos lábios de Confúcio⁷ ou de Jesus⁸; que o grande princípio de solidariedade, sobre o qual a sociedade atual deve se apoiar, se ela quiser se manter em equilíbrio, venha deste... ou daquele... é DIVINO porque é racional, porque é justo, porque é perfeito.

É, pois, em nome desse princípio, pai da caridade bem compreendida, bem aplicada, que vos digo: Minhas Senhoras, unamo-nos; formemos uma sociedade estreitamente ligada, trabalhando em comum nessa obra previdente do futuro: *A preservação da infância*.

Qualquer que seja nossa religião, qualquer que seja nosso culto⁹, todos temos um mesmo sentimento: o amor da humanidade. Tra-

⁵ Crisma [Nota: JDM]

⁶ Lucas 6:43; Mateus 7:17-19. N. do T.

⁷ Confúcio (551 aC - 489 aC). “Aquilo que não desejas para ti, também não o faças às outras pessoas.” [Nota: JDM]

⁸ Jesus Cristo: “Tudo o que vocês quiserem que as pessoas façam a vocês, façam-no também a elas.” Mt. 7,12 e Lc. 6,31 [Nota: JDM].

⁹ “[O Espiritismo]... é uma doutrina puramente moral, que absolutamente não se ocupa dos dogmas e deixa a cada um inteira liberdade de suas crenças, pois não impõe nenhuma. E a prova disso é que tem aderentes em todas, entre os mais fervorosas católicos, como entre os protestantes, os judeus e os mulçumanos” (Allan Kardec, Revista Espírita, FEB, Outubro de 1861, pp. 436-437). Nota: JDM.

balhemos, pois, em comum para a moralização social da geração nascente, deixando às Igrejas o cuidado de trabalhar por sua vez em sua moralização religiosa. Trabalhemos com zelo para legar à sociedade que preparamos, os germes indestrutíveis da honradez, da caridade, do devotamento. E, operárias de todas as horas, quando o Mestre nos chamar no final da jornada, poderemos nos dizer com satisfação: também nós cultivamos a vinha do Senhor¹⁰.

Para fundar uma escola correspondendo às atuais necessidades, é preciso o concurso de mulheres devotadas; é preciso — dinheiro. — Pois bem, Minhas Senhoras, vós que sustentais com tanta diligência a obra da maternidade, não abandoneis depois de seu nascimento as crianças que ajudais a entrar na vida. Dançais, em proveito das mães, nas toaletes que rivalizam de elegância... Suprimi nessas toaletes alguns galões, algumas flores, algumas jóias. Cem francos são bem facilmente gastos em futilidades, em bombons, em bolos, no curso de um ano. Detende no fundo de vossa bolsa algumas peças de ouro dispersadas inutilmente. Rivalizai na simplicidade, e mais coquetes ainda que a mãe dos Gracques¹¹, podereis, cercadas das crianças que tiverdes salvado do vício, mostrar ao mundo inteiro... mostrar a DEUS! *nosso pai*, um adereço cuja riqueza nunca se alterará.

¹⁰ Ver Jo. 15, 1-11 {Nota: JDM}.

¹¹ Os Gracques: nome dado a dois irmãos, tribunos da plebe romana: Tiberius Sempronius Gracchus [nascido em Roma em 162 a.C. e aí morreu em 133 a.C.] e Caius Sempronius Gracchus [nascido em Roma em 154 a. C. e aí morreu em 121 a. C.]. Eles tentaram realizar em Roma uma reforma agrária visando a redistribuir aos cidadãos mais pobres as terras açambarcadas pela aristocracia. Ambos foram massacrados, vítimas da oposição dos grandes proprietários. O drama de ambos serviu de tema a Jacques-Louis David [nascido em Paris em 30/08/1748 e morto em Bruxelas em 29/12/1825], pintor do neo-classicismo francês, para um quadro que, junto com um outro dele mesmo [O Juramento dos Horácios], se tornou um marco do saber intelectual para decolar a Revolução Francesa. N. do T.

DIZER E FAZER SÃO DOIS.

FÁBULA

Eu escutava, outro dia, um diálogo agradável.
Entre um velho cão Barbet¹² com a fisionomia um pouco arrogante,

E o gato de nossa casa,
Sobrinho, degenerado, de *Rominagrobis*¹³.
Esse gato — um belo falador — exaltava a moral
Que a tiramos na lei de amor:
Essa lei, dizia ele, não terá rival;
Por ela, o egoísmo é banido sem retorno.
Aproximai, caro Barbet, ofereço-vos... minha pata;
Não a apertai muito, ela é muito delicada.
Irmãmente bem amado, eu vos trato hoje.
Sem medo aproximai-vos: Tendes algum desgosto?
Meu coração se abre para vós com mansuetude;
De praticar o amor, tenho o santo hábito;
Sobre todos os animais, espalhando minha bondade,
Dou-lhe... este coração, cheinho de caridade.
O velho cão, animado por uma tão doce linguagem,
De seu triste destino, lhe fez a triste imagem.
Nosso gato escutava-o os olhares voltados para o céu,
E seus olhos destilavam não só leite mas também mel.
Pobre de mim! diz o Barbet, sou velho e meu amo

¹² Cão de caça de origem francesa. Embora se desconheça a origem precisa do Barbet, sabe-se que é um precursor de raças como os poodles, Irish Water Spaniels e Otterhounds [Nota: JDM]

¹³ Um belo gato. Em La Fontaine (1621-1695): *o príncipe dos gatos* [Nota: JDM]

Ignorando essa lei, da qual falais tão bem,
Me proibiu de tornar a aparecer,
Não lhe sou mais bom para nada!
Será pouco para mim de encarar a miséria,
Desde muito tempo sei suportar,
Mas minha casa, em um canto, abrigava uma mãe,
E seus quatro filhos. O que vão eles tornar-se?...
Quereis servir-lhes de pai?
Esses são gatinhos, todos quatro são encantadores...
Devagar, retomou Minet, falais disso com facilidade;
Tenho meus encargos também, e, nisso não vos desgosto,
Não amo os mendigos.

Quantas pessoas generosas não o são senão nas palavras
E quando é preciso agir, não têm nem mesmo um óbolo.

A EMANCIPAÇÃO DAS MULHERES.

Singular organização essa da sociedade, que só pode permanecer no *statu quo*¹⁴, ou lançar-se em saltos prodigiosos, com risco de ultrapassar o objetivo que ela deseja alcançar e inutilizar tudo em sua rota.

Depois de ter mantido durante séculos a espécie feminina em um estado de dependência moral que atrofia sua inteligência e lhe interdita seu vôo, sob pena de — *O que se dirá dela*, a reação tendo ocorrido de todos os lados, hoje se compreende falar da *emancipação* da mulher. A atmosfera está carregada dessa idéia; todos os cérebros dela se impregnam, por bem ou por mal, e até aqueles que se acreditavam os mais interessados em deter-lhe o impulso, lhe dão uma impulsão maior pela oposição sistemática que lhe fazem.

Mas... o que se entende por *emancipação da mulher*? Emancipação! Essa palavra faz tremer verdadeiramente! Ela reporta o espírito para a submissão e estende, de repente, aos olhares espantados os excessos aos quais os escravos emancipados de um momento para o outro não podem evitar de se entregar.

Os governos filantrópicos, mais leves, que cumpriram essa obra humanitária para com os negros, puseram as nações no estado de ver o que se pode fazer da liberdade quando não se aprendeu pouco a pouco a dela se servir.

Reconhece-se que as mulheres são escravas? Que se lhe tenha cuidado de quebrar muito rapidamente as cadeias que entravam seu caminhar; porque, pressionadas a tomar um impulso desacostumado, elas poderiam, de queda em queda, se precipitar, e arrastar com elas a sociedade, em um caos do qual seria difícil de fazer sair à luz.

¹⁴ *Statu quo*, em Latim no original: Estado em que. Estado anterior à questão de que se trata. N. do T.

E contudo, é com razão que as mulheres aspiram a uma mudança em sua posição social; é com justiça que os homens esclarecidos se esforçam em modificar o sistema de educação aplicado até hoje ao nosso sexo. Mas, por Deus, Minhas Senhoras, por respeito para conosco, recusemos essa expressão de emancipação que arrasta sempre depois dela, como consequência imediata, uma idéia de excesso.

Não é uma maior liberdade de ação que é necessária às mulheres casadas, elas, dela, se servem bastante. Não é uma ocorrência mais extensa que é preciso abrir às suas faculdades intelectuais; essas que a natureza lhes traçou criando-as é bastante vasta para que elas encontrem ocasião de nelas manifestar todos os seus recursos. O que é preciso, é somente... deve-se dizê-lo?... um pouco mais de igualdade na posição dada aos dois sexos. Essa igualdade estabelecerá o equilíbrio sem nada transtornar.

Tomemo-la primeiro na educação e rendamos homenagem aos homens esclarecidos que se esforçam de estender e de consolidar o modo de instrução das moças. Quaisquer que sejam as apreensões que essas tentativas façam nascer em certas consciências timoratas, aquele que não tem parti-pris¹⁵, de espírito de casta, deve apreciar os benefícios delas.

As moças que participam de uma educação liberal escapam da vigilância maternal? Não, visto que as mães as acompanham e *aproveitam* das lições.

O constrangimento acontece por se inquietar porque os cursos são confiados aos professores da Universidade? Não, visto que esses mesmos professores freqüentemente são chamados aos pensionatos, às vezes até nos conventos de moças.

A religião sofre por que o programa católico não pode impor-se aí? Não, porque os cursos destinados aos adeptos de todas as crenças não podem e não devem ter nenhum caráter religioso. A família não está aí para desenvolver a alma das crianças para as

¹⁵ *Part-pris*, em latim no original: prevenção; opinião preconcebida. N. do T.

aspirações divinas, e não é essa especialmente a tarefa da mãe e do pastor?

A ciência, só a verdadeira ciência, deve ser distribuída a essas jovens inteligências, ávidas de saber, ávidas de compreender. Por que teme-la? Ela é incompatível com a fé? Deus, o princípio Eterno de tudo o que existe na imensidade, que esse tudo tenha sido criado em períodos de vinte e quatro horas ou de milhares de séculos¹⁶. Deus pode perder de sua grandeza infinita porque permitiu à ciência de levantar um canto do véu que recobre as origens dos mundos? Ele é menos poderoso, porque o homem é forçado a confessar humildemente sua condição ínfima nesse espaço todo povoado de esferas cujos habitantes desconhecidos, mas seus irmãos, celebram como ele essa grandeza e esse poder que nos deslumbram, e ultrapassam nosso entendimento? Não, não, certamente, porque quanto mais aprendermos a conhecer e sobretudo a compreender esses milagres de cada dia que passam despercebidos aos nossos olhos, tanto mais nos humilharemos com reconhecimento e com amor diante do infinito, único incompreensível daquele que nos deu a inteligência para admirá-lo, o livre arbítrio para servi-lo, o amor para adorá-lo em todas as suas obras.

A extensão da instrução dada às mulheres, não tem, pois, outro inconveniente senão estabelecer a igualdade entre as faculdades intelectuais do sexo que se pretende forte e daquele que se qualificou de fraco.

Essa é, então, uma concorrência tão temível para o primeiro que lhe causa tanto terror?

Ali, entretanto, poderia estar com efeito um perigo se, ao invés de ser uma sábia direção, preparando lentamente e seguramente o caminho, fosse uma *emancipação*. Todo escravo que obtém subitamente a liberdade, dela ignora o valor e a emprega, ignorância que o impele ao abuso, ou faz dele a presa daquele que quer explorá-lo...

¹⁶ Ver *A gênese*, Allan Kardec, capítulo XII [Nota: JDM].

Até hoje, a educação geral tem sido superficial para as mulheres do mundo, tem sido nenhuma para aquelas do povo. Daí, a futilidade de umas, a humilhação das outras. E quando, impelida por um espírito mais enérgico, pelas aspirações mais sérias, uma delas se elevou acima do nível comum, ela não foi admitida senão de má vontade entre as naturezas de elite; e, como ela era uma exceção, foi forçada a separar-se do grupo; algumas vezes até, intimidada e um pouco aturdida dessa superioridade que os homens não constataam senão com zombaria, e as mulheres com uma inveja malévola; ela procurou se *masculinizar* e acabou por esquecer o papel que a Providência lhe traçara na vida. Mas do momento em que essa superioridade de ontem for a média de hoje, a vaidade não poderá mais gabar-se disso, e as mulheres, ao invés de curvar a cabeça sob o nível da futilidade comum, levanta-la-á diante do progresso intelectual e moral.

Os retrógrados¹⁷, aqueles que olham as mulheres como uma *coisa* de utilidade pública ou particular, como um objeto de luxo ou de prazer, como um instrumento tanto mais fácil de manejar quanto mais incapaz de raciocinar, protestam contra a extensão de sua instrução dizendo: “Se vo-las fazeis sair de sua esfera, elas negligenciarão seus deveres mais sagrados! Se delas fazeis sábias, sufocareis as esposas virtuosas, as mães devotadas. Se engrandecéis seu horizonte, destruireis a religião! O que se tornará então o santuário da família?”

Mas respondamos a isto: a mulher do mundo atual que tenha sido educada no convento ou sob os olhos de sua mãe é, então,

¹⁷ A frase começa assim: “Les stoppers, ceux qui...” “Stopper” é um verbo transitivo que pode ser: parar a marcha de um navio, de uma máquina; impedir de avançar, de progredir; parar definitivamente; verbo intransitivo: cessar de avançar; parar. De qualquer forma, nenhuma das opções daria sentido à frase, como verbo, pois a palavra esta sendo usada como substantivo. E, como tal deveria ser “stoppeur”, que também não dá sentido porque é “aquele que pede carona”, ou aquele que cerze, “cerzidor”. “Os parados” no tempo e no espaço? O sentido da frase é de seres que são contra o progresso, são conservadores, reacionários, antiquados. Assim, “Os retrógrados”, pareceu-nos mais apropriado ao sentido da frase. N. do T.

uma guardiã tão sedentária desse lar conjugal que se teme ver profanado por uma instrução sólida e séria?

Não a vemos, já mocinha, preocupar-se muito mais com a corbelha de casamento¹⁸ que lhe prometem, do que com o marido que lhe propõem? Moça feita, os cuidados de sua toalete, os deveres de sociedade, as visitas a receber ou a fazer, os bailes, os concertos, as Igrejas onde se comem bolos esperando a hora do pregador em voga, enquanto o marido almoça sozinho com as crianças ou vai almoçar no restaurante ou... algures; a missa das elegantes para a qual se escolhe o traje mais rebuscado porque os jovens vão até a cerca fumar seu charuto à saída daquilo que eles chamam com doçura — o lugar sagrado e durante o qual passam em revista todas as suas conhecidas, admirando esta, criticando aquela; tomando notas e gravando na memória uma forma de chapéu excêntrico ou um corte de roupa que desenhe melhor o talhe? Essas graves ocupações não absorvem todos os seus pensamentos, durante todo o seu tempo?

Apenas a esperança da maternidade se desenvolveu, que nós a vemos informar-se de uma ama de leite — porque sua constituição está muito enfraquecida pelas vigílias ou pelas imprudências exigidas pela moda, para lhe permitir preencher o dever sagrado da mãe. — Porque ela não pode se subtrair às suas obrigações do mundo, incompatíveis com o aleitamento; porque... — Mas essas são para lastimar, — porque seu marido declarou que uma jovem mãe, ama de leite, é aborrecida, desagradável, que uma criança gritadora é fatigante... para seu pai, etc. E se busca com grande cuidado uma ama de leite cujo costume tenha um certo estilo, sem se ocupar muito se ela é muito jovem ou muito velha para substituir a mãe, — se alguma vez uma mãe pode ser substituída! — Se ela é doce ou áspera, alegre ou triste, o que tem todavia uma influência séria sobre o caráter da criança. Se ela não tem, seja de

¹⁸ Corbeille de mariage: corbelha de casamento ou simplesmente corbelha: cesta de vime, de metal ou de qualquer outro material, com ou sem alça, que a noiva recebe seja em dote, seja em presentes; o conteúdo da cesta. N. do T.

si mesma, seja por herança constitucional, algum desses vícios de sangue que alteram o leite e destroem desde o berço a saúde, algumas vezes a vida do bebê.

Não se vê os filhinhos confiados às amas-secas de qualquer nação que elas sejam, que têm a missão de os passear, de ocupar junto deles os deveres íntimos da maternidade e que assim se acham na posição de serem suas primeiras iniciadoras, enquanto as mães cumprem escrupulosamente os deveres que a sociedade lhes impõe?

Quando a mãe se ocupa disso, não é, geralmente, para os adornar como pequenas bonecas entre as quais se desenvolve desde o berço o orgulho e o amor do luxo?

Desçamos na ordem social até a mulher do povo, incapaz de velar sobre sua jovem família, porque o labor do dia absorve todo o seu tempo. Não compreendendo os benefícios de uma instrução que ela não conhece, ela deixa seus filhos errar na rua e não os envia à escola gratuita senão precisamente o tempo necessário para fazer a primeira comunhão, porque essas escolas acarretam sempre certos gastos que ela não pode ou não quer fazer; ou, no entanto, pior, quando ela tira um ganho qualquer de seus filhos dirigindo-os à mendicância.

Depois da primeira comunhão, são postos em aprendizagem; e quem não sabe o que se torna a maior parte dessas pobres moças de doze a dezesseis anos, estando tirada desde então do meio em que viveram, de maus princípios que se desenvolveram e aumentaram pela convivência com as aprendizes mais velhas do que elas; pela gula, pela preguiça e pela sede de luxo.

Então há a temer que a instrução prejudique à vida de família? Não, ainda uma vez não. Uma direção séria, dada às mulheres, só pode afastá-las da futilidade que se lhes censura, comprazendo-se em confirmá-la em torno delas. Não se notou que as... bas bleus geralmente eram muito mal dirigidas? Todavia, Deus preserva as mulheres de cair nesse excesso. O Criador as fez para encantar: tudo nelas deve concorrer para esse objetivo, a beleza do corpo

como a do espírito. Mas não é preciso que, aturdida por seu desenvolvimento intelectual, a mulher esqueça suas atribuições. Ela foi criada mulher, para que ela seja esposa, e sobretudo que ela seja mãe. Todo esse desdobramento de ciência, de faculdades, de inteligência, deve servir à felicidade da família e não ao triunfo do orgulho dessa que é chamada a ser, dela, o sustentáculo moral.

Não é preciso que essa instrução, derramada em profusão, não tenha outro resultado senão de fazer sábias, doutoras, ocultando sob o barrete do médico ou do advogado, os anéis sedosos nos quais seus bebês seriam tão felizes de mergulhar seus pequenos dedos róseos. Não é necessário que absorvidas em seus trabalhos e em seus deveres sociais, elas esqueçam os deveres imperiosos, os humildes mas indispensáveis trabalhos do lar; não é preciso que, para se consagrar ao público, elas negligenciem seus filhos, porque a educação faltaria em suas famílias, e a família é o seu reino.

Que a esposa, que a mãe, deixe às mulheres que não têm marido ou que os têm maus, às viúvas que não os têm mais, o exercício das funções sérias compatíveis com seu sexo e suas faculdades, enquanto apoiada com confiança sobre seu companheiro de viagem na vida, ela preencherá a missão sagrada que lhe incumbe.

Então, não é a *emancipação* que é necessário reclamar para a mulher, mas a justa apreciação, o livre exercício de *seus direitos* como de *seus deveres*.

A FILHA DO POBRE

Sua frente nua sob o Céu, seus pés descalços sobre a terra
A véis correr, quando ela era criança?
Ela ia mendigar cantando, rindo....

Sabe rir, a criança, mesmo na miséria!
Como essa idade é feliz! Mais tarde, a cada manhã,
Viste-la passar como mãe de família.
Com um irmão nos braços, outro pela mão,
Com duas irmãs ao lado? Pobre menininha!
Enfraquecida pela fome, com o rosto alegre,
Já da idade madura, tornou-se sério
E só se ilumina com um pálido sorriso;
Seus olhos se escavaram; sua tez mate é de cera;
Uma vestimenta muito curta oculta indiscretamente,
Sob os trapos usados, seu corpo fraco e franzino.

Crer-se-ia, vendo-a caminhar, que a qualquer momento
Ela vai se quebrar, de tanto que parece frágil!
Viver assim não é morrer pouco a pouco?
Se ao menos de pais tivesse a ternura,
Algumas palavras benevolentes, repouso ou brincadeira.
Mas tem, ela, o tempo? Tem sua mãe? Uma carícia
Feita a uma das crianças é um instante perdido.
É-lhe necessário trabalhar: sua magra razão diária
Chegou ao fim; porque o pai, assíduo
À bodega, bebe tudo. E se entra em demência,
Sem assunto, sem piedade, bate nos pequenos.
O repouso sob os golpes, a alegria nos gritos,
Assim correm os dias das pobres criaturas
Cada um deles trazendo novas feridas,
Fora, o abandono, as palavras indecentes,
Dentro, o trabalho, a fria indiferença;
Jamais uma prece, uma palavra falando dos céus.

Um conselho amigável, para dirigir a infância;
A sua necessidade de amar, de dar um alimento,
Propondo para objetivo à vaga ternura,
Que absorve sempre o coração da juventude,
Do amor do próximo, o profundo sentimento.

Ela tem vinte anos. De onde vem essa metamorfose?
Sua frente é calma e branca sob seus espessos cabelos;
Sua face tem os reflexos emprestados da rosa,
O riso e a malícia brilham em seus olhos.
De onde vem?... Ah! compreendo! sob esse luxo efêmero
Vejo com nojo o vício triunfante,
Assalariar secretamente a fome e a miséria,
E perder, com o corpo, a alma dessa criança!
Todavia ela tem uma vantagem: à sua pobre família
Sem se nomear, freqüentemente ela envia um socorro...
Quem sabe, se para esse ouro, que a atordoa e brilha,
Não a temos vendida a amores infames!

Dez anos se passaram. Da escada dourada
Que o vício sustenta, cai-se rápido e baixo!
Ontem, eu a revi e não o acreditava!
Da miséria ainda, sofrendo o servilismo
Pálida, os olhos apagados, esfarrapada,
Na rua amontoando os restos e a lama,
Ela ganhava seu pão. É muito necessário que ela coma
Para poder aleitar seu bebê descarnado!

Oh! vós que me escutais, vós, mães de família,
Que vos mirais em vossos filhos,
Se vedes passar uma mocinha
Fazendo ofício dos mendigos,
Não vos contenteis de lhe dar a esmola
Que faz obter um pedaço de pão;

Ele nutre só o corpo, à alma é que é preciso que se dê;
A alma também não tem fome?
Dai, dai muito desse alimento
Que tirais em vosso coração.
Sustentando o corpo, salvai da desonra
O espírito, obra do criador.
Vós atraís a criança pela esperança do óbolo,
Que lhe estende vossa caridade;
E vossos brandos conselhos, vossa palavra doce
Envolvem-na de castidade.

Se vedes passar essa mocinha,
Que vai descalça e mendicante,
Abri-lhe vosso coração, ó mães de família,
De Deus não é ela filha?

O LUXO

Ouve-se freqüentemente os otimistas dizerem, falando do luxo das mulheres, que é uma necessidade à qual elas se submetem para reter seus maridos tão freqüentemente esquecidos de seus deveres; ou então para manter seu crédito comercial, ou ainda por filantropia, para fazer viver os trabalhadores e encorajar a indústria.

O luxo é, verdadeiramente, uma das forças vitais da sociedade; é o agente que faz circular o ouro, esse sangue da civilização; mas não é o único; e, como em todo corpo bem constituído, se uma força se desenvolve desmedidamente, é às expensas dos outros, o equilíbrio se perde e a saúde geral é alterada.

O luxo de nossa época, isto é o luxo desclassificado, é uma espécie de febre que se apodera de toda a população homens e mulheres, grandes e pequenos, ricos e pobres. É uma sede crescente sem cessar do supérfluo e do ouropel. Uma loucura que impele a querer não somente copiar os gastos que vemos fazer o mais rico que nós, mas a ultrapassá-los, ou, no mínimo, dar a aparência disso.

É por consequência desse fatal espírito de imitação, que a jovem operária desdenha os tecidos de percal ou de lã que noutro tempo bastavam à sua classe, que ela usa as roupas de seda, substitui a pequena touca de musselina ou o lenço posto coquetemente sobre os cabelos lisos e brilhantes, por um chapéu de tule ou de crepe ornado de fitas, de flores, de penas, cujo preço absorve sozinho o ganho de muitos dias, que perguntamos o que pode prover para o resto de suas despesas? Que o operário, desprezando a blusa de tela e o jaleco de tecido grosso que o embelezavam no domingo, veste a casaca ou o paletó, prende os pés nas botinas envernizadas e oculta os traços honrosos de seu labor rude em luvas que o incomodam.

Não, o luxo não consiste nesses esforços para parecer o que não se é; nessa exuberância de cobres, de miçangas de todas as cores que usurpam descaradamente os nomes que trazem e fazem

se assemelhar a maior parte das mulheres por esses atrativos enganadores que atraem a cotovia.

Não, não é luxo deixar arrastar na poeira das calçadas e das ruas (bom quando é só poeira) vestidos a que se prendem as imundícies e transformam as elegantes em varredoras; trazer ornamentos cujos nomes por si sós já deveriam fazer com que os proscressem as mulheres que não têm por profissão exibir-se; pôr sobre as vestimentas tantas cores divididas, tecidos superpostos, recortados, amarrotados, que se pensaria estar em Veneza, no tempo do carnaval.

Não, esse não é o luxo, esse não é o verdadeiro, esse não é o bom.

Apesar da pouca chance de sucesso que posso esperar pleiteando uma causa semelhante, vou todavia tentar repor o luxo no lugar que ele deve ocupar.

Antes de tudo, tomemo-lo sobre o gracioso pedestal onde seus apologistas o colocam: o luxo acessório de uma coqueteria santa e digna; essa que impele a mulher a empregar todos os seus esforços para reter no lar conjugal o companheiro, muitas vezes bastante volúvel, com o qual ela deve passar sua vida, e vejamos se luxo e coqueteria andam fraternalmente para esse honroso objetivo?

Será bom para os maridos que tantas mulheres façam loucas despesas e ponham em ação os principais meios da arte de agradar... até contra a vontade deles, o que provoca às vezes altercações penosas, perigosas até? Que elas prendam suas formas graciosas nesse horrível aparelho que as fazia assemelhar-se à *mater-amabilis*, essa virgem da renascença sobre a qual, creio, se modelaram os apagadores de luz¹⁹ e que ameaçam hoje, graças a esses apêndices, que não se sabe como nomear, dar-lhes a aparência elegante de tubos ditos: *coude-de-poêle*?²⁰ Que elas empastem seus traços delicados com a ajuda do branco, do azul, do vermelho e que enegreçam as sobrancelhas e os cílios que a natureza fizera em harmonia com seus cabelos e lhes tinja,

¹⁹ Éteignoirs, no original: Pequenos cones metálicos com os quais se cobrem as velas de cera ou as de sebo para as apagar. N. do T.

²⁰ Ver nota especial do tradutor no final desta 1ª porta opúsculo [Nota: JDM].

e que dêem assim a seu rosto um aspecto sempre estranho e por vezes muito vivo? Que elas façam desaparecer o brilhante sedoso de sua cabeleira sob um pó branco, loiro ou ruivo, que lhe dá a aparência terna e doentia da estopa? Que elas sobrecarreguem a cabeça de *gonflans*²¹, de *coques*, de *tranças*, de *papelotes*, e façam de seu penteado um monumento desmedido que rebaixa sua aparência, desproporciona toda a sua pessoa e provoca, por seu peso excessivo e seu atrito contínuo, afecções cerebrais ou a queda de seus próprios cabelos; esses enfeites negros ou dourados que a Providência pôs sobre suas lindas cabeças como o coroamento de sua obra-prima.

O marido é enganado por tudo isto, ele que conhece os segredos do aposento de toalete?

Deixemos de lado a questão da coqueteria conjugal; os encantos do caráter, do espírito, da educação, são mais capazes de reter um marido do que essa amostra de ornatos que força a estabelecer uma comparação entre uma mulher honesta e... aquela que não o é. Comparação que estará sempre em desvantagem para a primeira, no momento em que ela tiver a imprudência de se aventurar sobre o mesmo terreno da segunda.

Crianças que amortalhais vossa beleza, vossas graças naturais sob esse montão de ornamentos, porque sériéis bem mais sedutoras nessa elegante simplicidade como nunca poderão imitar as mulheres cuja *profissão* é agradar, porque a conservação da castidade é um de vossos principais atrativos.

Deixai, pois, todo esse aparato às mulheres velhas e feias, que ignoram o encanto dos cabelos brancos trazidos dignamente, e que sozinhas beneficiam modas que lhes permitem pôr uma máscara sobre suas rugas e de disfarçar a infelicidade de seu andar pesado sob o balanço regular da crinolina²².

²¹ Gonflan, não encontramos a palavra, em português, que pudesse traduzir este vocábulo mas é um chumaço que se coloca no cabelo, espécie de tufo, para “inchar”, para aumentar o volume do cabelo, para deixá-lo entufado. N. do T.

²² Crinolina: armadura de arcos metálicos superpostos que davam uma grande amplitude às saias das mulheres. N. do T.

Visto que isso não é por coqueteria conjugal, examinemos se é verdadeiramente isso tendo em vista fazer trabalhar os operários que as mães de família empregam a maior parte daquilo que ganham seus maridos, algumas vezes mais do que eles ganham, preparando assim às crianças uma existência incerta na qual as lançamos com todos os apetites da riqueza e todas as decepções da mediocridade?

Certamente, fazer trabalhar os operários é uma abnegação muito filantrópica. É preciso que as manufaturas produzam, porque sua inatividade põe sem pão milhares de pobres pessoas que vivem do que ganham, por falta de ganhar bastante para poder diminuir da ração cotidiana um bocado para o dia seguinte; mas é muito necessário que as famílias se arruinem para atrair às oficinas, às usinas, um número sempre crescente de homens, de mulheres, de crianças, que desertam os campos, abandonando a cultura, abandono que força os proprietários, em certas regiões, a transformar suas terras aráveis em pastagens, por falta de braços para conduzir a charrua, e multiplica incessantemente, nas cidades, o número dos necessitados, por consequência, dos descontentes?

O luxo é um benefício, quando ele afasta de seu caminho uma tão grande parte da população de um país?

Atacando-o, não pretendo preconizar os encantos do hábito de freira e a elegância do anel de ferro, se bem que ainda prefira a franqueza grosseira deste último às delicadezas do cobre prateado: ataco os excessos.

Cada um, em sua posição, tem uma parte de luxo que *pode*, que *deve* se permitir para pagar sua dívida ao bem-estar geral. Luxo de adorno para sustentar a indústria; luxo de biblioteca para desenvolver a inteligência daqueles que produzem e daqueles que lêem; luxo de objetos de arte para formar, apurar, elevar o gosto, as idéias, e encorajar os artistas dos quais nos ocupamos tão pouco, e que têm, todavia, um lugar tão importante na civilização! Luxo de caridade, para sustentar as escolas, os asilos, os orfanatos... Mas ai de mim! quanto dinheiro, homens como mulheres, gastam e ultrapassam sua cota em frivolidades

e lançam descuidosamente a esse minotauro²³ o *luxo* ávido pela moda, não somente o supérfluo do dia, mas o necessário do dia seguinte! Não somente a moralidade do presente, mas a honra do futuro!

Tudo está bem, tudo está bom, quando nada sai dos limites razoáveis. Viva, pois, ao luxo sério, de bom gosto, sobre ornamentos mentirosos, que não permite confundir a mulher honesta com... a outra; mas repilamos com todas as nossas forças esse luxo, filho de um orgulho louco, que consiste apenas em uma aparência enganosa. Que gasta em ornamentos de mau gosto, o que poderia ser aplicado no conforto. Que veste seda na rua e em casa as furadas em baixo. Que expõe aos olhares uma profusão de braceletes, de correntes, de broches, em que o cobre desempenha o maior papel, e toma cuidado em substituir nos aposentos em que o visitante não penetra, o xairel²⁴ e o tapete em farrapos. Que dá aos convivas um banquete em que os vinhos mais finos, as iguarias mais procuradas são servidos em profusão e raciona para a família e os servidores com parcimônia. Que recusa à mãe de família *legal*, o dinheiro necessário para as necessidades de sua casa, para a educação de seus filhos, e lança o ouro em profusão nos círculos em que se joga, nas pocilgas em que se arruína e nas casas fraudulentas em que se avilta.

Esse gênero de luxo é, infelizmente, uma doença contagiosa que parte do alto e desce de classe em classe, de fortuna em fortuna, até ao mais baixo estágio. Ninguém quer permanecer em seu lugar. O rico ainda nele se ri porque sua bolsa é de uma boa constituição; mas o pobre nele morre ou se desonra, porque lhe falta a energia para resistir no modo de proceder.

O luxo é a grandeza das nações: Seu excesso é sua perda. Tenhamos cuidado!

²³ Na Mitologia grega o Minotauro era uma criatura meio homem e meio touro. Ele morava no labirinto, que foi elaborado e construído por Dédalo, a pedido do rei Minos, de Creta, para manter o Minotauro. O Minotauro foi eventualmente morto por Teseu [Nota: JDM].

²⁴ Cobertura de besta, feita de tecido ou de couro, sobre a qual se põe a sela (*Novo Dicionário Aurélio Eletrônico 3.0*. [Nota: JDM].

NEM TUDO O QUE RELUZ É OURO

Provérbio

PERSONAGENS: LÉON, VICTOR, UM DOMÉSTICO.

Um quarto de rapaz ou pequeno salão, com uma mesa sobre a qual há uma garrafa de licor ou um ponche.

LÉON, VICTOR, sentados junto à mesa.

LÉON.

Finalmente, entrei nessa praça forte,
E todos os meus concorrentes permaneceram na porta.
Do castelo eis-me comensal assíduo.

VICTOR.

Com tua obstinação esse triunfo devia acontecer:
Há mais de dois anos, pretendendo uma herdeira
Que, para teus credores, tornava-se necessário,
De pais enriquecidos, sem medo, fazendo a investida,
Buscavas, mas em vão, esse dote que te é necessário.
Cres tê-lo encontrado, e te felicito por isto,
Tanto mais que Julie é mulher de mérito;

Verdade, se não soubesse qual era o teu desejo,
Creio que teria tomado o caminho de amá-la.

LÉON.

O que? tu, meu caro?

VICTOR.

Sim, eu! O que vês que te espanta?

LÉON.

Bem...

VICTOR

Vamos, pois, Léon, teu rosto me dá
Exatamente, a prova do que desejarias falar.

LÉON, *rindo e com um ar confidencial.*

Muito bem! amigo discreto, vou revelar-te
A impressão profunda do que sinto;
É...

VICTOR, *tristemente.*

Que tu a amas!...

LÉON, *vivamente.*

Não! é que o dote é considerável
E o ornamentam aos meus olhos doces reflexos do ouro

Que ela deve trazer-me. Compreendeste, Victor?

VICTOR, *surpreso*.

O quê! nada de amor?

LÉON, *friamente*.

Nem a sombra.

VICTOR.

Contudo, ela é linda.

LÉON.

Sim, mas ela tem o defeito de se chamar — Julie!

Não gosto desse nome.

VICTOR.

Ela é muito inteligente.

LÉON, *com indiferença*.

Creio nisso por informações, não mo disseram.

VICTOR, *animando-se pouco a pouco*.

Sua conversa brilha pelo ímpeto

Que vela castamente seu ar de modéstia.

Ela tem juízo, graça, coração...

LÉON, *vivamente*.

Alto lá!, caro amigo, vais me meter medo!

A zelosa ternura de minha doce metade
Estragaria meus planos. Tenho em minha amante.

VICTOR.

Nesse caso, por que casar-te?

LÉON, *com impaciência. Ele se levanta e vem ao meio da cena.*
Victor o alcança.

Mas para pagar
Meus numerosos credores que, de me custear
A crédito, estão todos cansados. Tu o sabes por ti mesmo.

VICTOR, *indignado.*

Eu sei... que, para se unir, pelo menos é preciso que se ame,
E que, vender seu nome, por bom dinheiro,
É a mais infamante das profissões infames.
Eu sei... *(Ele faz um movimento para sair.)*

LÉON, *detendo-se.*

Ora essa! Melhor que tu, encantarei o ídolo.
A mulher vive de incenso e não é bastante tola
Para melindrar-se com uma homenagem mentirosa,
Que lisonjeia seu orgulho, sem comprometer seu coração.
Qual é, em geral, o desejo de uma moça?
Livrar-se o mais cedo possível do jugo de sua família,
Trazer não só o xale de cachemira mas também adereços de
brilhantes
Sem temer o futuro, cercar-se de galantes;
Expor aos olhares custosas vestimentas,

Com... intenções puras, honestas... fazer um grande número de conquistas...

E, se chega um dia a tropeçar no caminho,

Ele encolhe os ombros rindo.

A função do marido... é de estender a mão.

Por um contrato tácito, suportam-se suas fraquezas,

O cavalheiro ignora o amante... A madame, as amantes,

E...

VICTOR, *interrompendo-o com indignação.*

Infelizes! como educar os filhos...

LÉON, *com indiferença.*

Eles crescem, meu caro, — quando estão bem de saúde.

É preciso preocupar-se com crianças que estão para nascer?

Eles farão como nós.

VICTOR, *severamente.*

Eles farão pior, talvez!

Porque no fundo do lamaçal, se tu os pões na beirada,

Eles tornarão a sucumbir não só com mais rapidez, mas também com mais força!

Não falemos mais nisso, se possível. Tua moral equívoca

Me causa náuseas, e o desprezo provoca

Uma irritação...

LÉON, *rindo*.

Acalma-te, puritano;
Consinto em menosprezar tua cólera, teu desdém,
Suporto valentemente todas as tuas avanias.
Tenho o erro de te amar. Cada um tem suas manias,
Mas, pelo menos, por tua vez, trata de suportar...

Um doméstico entra e apresenta uma carta a Léon.

Uma carta, meu senhor, que alguém acaba de trazer.

LÉON, *depois de ter olhado o endereço
com fatuidade, espantado, depois de ter lido a assinatura*.
Uma carta de mulher. Alguém assinou Julie?

VICTOR, *encolhe os ombros e se dirige para sair*.
De um velho amor defunto, algum gracejo,
Bom dia.

LÉON, *para-o com um sinal, percorrendo a carta*.
Espera um pouco.

VICTOR, *o examina*.
Então, o que tens? empalideces!

LÉON, *aterrado, estende a carta a Victor*.
Empalidecer-se-ia pelo menos! toma esta carta, lê!

VICTOR, *lendo*.

“Talvez que na decência,

“Meu senhor, eu falte gravemente,

“Mas a voz de minha consciência,

“A vos abrir meu coração, me impulsiona neste momento.”

LÉON, *ironicamente*.

É isto: grandes palavras! quanto mais se alonga a frase,

Tanto mais o fim, irritando, vos mergulha na dificuldade!

VICTOR, *continuando*.

“Vossas homenagens, sem dúvida, teriam podido me lisonjear,

“E contudo devo me apressar

“Em levar ao vosso conhecimento um segredo.

“O dinheiro para vós é talvez de grande importância;

“Sois rico, e eu, (*lendo com surpresa*) eu, Meu senhor, nada tenho?”

LÉON.

A declaração me parece oportuna,

Não irei tomá-la, certamente, sem fortuna.

VICTOR.

Contudo, tu me disseste...

LÉON, *com humor*.

Por Deus, eu acreditava nisso.

Qualquer outro teria sido enganado: Equipagem, lacaios,

Grandes bailes todos os invernos, castelo na Champagne
Onde, no verão, se gasta a rodo no campo.
Tu mesmo, serias enganado da mesma maneira que eu.
O golpe foi inteligente, e bem executado, por Deus,
E dizer que amanhã, mandando os presentes
Queria, sobre o dote, causar admiração.
Mas prossegue.

VICTOR *retoma sua leitura.*

... Eu... nada tenho... Nosso luxo é enganoso.
“Temei sua falsa promessa,
“Sofro confessando-o; mas minha delicadeza
“Que se fia em vossa honra
“Não poderia acontecer, à idéia
“De se ver um dia suspeitada.

LÉON, *tragicamente.*

O que dizes disso? — Agora, compreendes meu terror?

VICTOR, *rindo.*

Gozais, quando muito, o fim, os pais como tu.
Mentiroso! sobre qual confusão baseavas tua fortuna?

LÉON, *divertidamente.*

Sobre um caminho de ferro projetado... na lua.
Não se tem sempre amigos prontos a emprestar.
Ações e contratos que só se tem que mostrar?
Com humor.

Nesse momento, isto nada acrescenta ao negócio:
Eu preciso de novo arranjar a herdeira.

VICTOR.

Como! Este procedimento não te faz sentir,
Pensando em Julie, um pouco de arrependimento?
Essa ingenuidade, essa nobreza de alma
Não te entusiasma?

LÉON, *friamente*.

Eu? não. Não tenho paixão
Senão pelo positivo.

VICTOR, *vivamente*.

Renuncias?

LÉON.

Claro.

VICTOR, *com alegria*.

Eis-me liberto. Vou, desde hoje,
Visto que não devo mais te fazer concorrência,
Declarar aos pais qual é a minha esperança,
Feliz, se de Julie assegurando a felicidade,
Possa, por meu amor, ganhar seu nobre coração.
Adeus, meu caro, corro...

LÉON, *detendo-o.*

Mas isto é loucura!

Tome mulher sem dote, mulher jovem e bela!

Em dois anos, no máximo, vais arruinar-te.

VICTOR.

Não, nessa jovem, sente-se revelar-se

Os nobres sentimentos, a moral severa,

Que da criança logo fazem esposa e mãe.

Desses desvios vergonhosos ela submete-se à lei.

Já que não a pode desafiar, ela a suporta, crê-me.

Porque, do mesmo modo com que buscas a herdeira,

Pais que não têm a consciência austera

Buscam encontrar um bom genro... a crédito,

Esse erro, Léon, eu to tinha previsto.

Para fundar o futuro, a mais segura herança

É saber escolher a mulher modesta e ajuizada

Que traz para sua parte na comunidade

Sólidas virtudes e sua casta beleza.

E que, planando acima de todo luxo profano

Nunca se confunde com a cortesã.

Lembra-te do provérbio procurando esse tesouro:

NOTA ESPECIAL DO TRADUTOR:

Coude-de-poêle: Não encontramos, em nenhum dicionário a expressão “coude-de-poêle”. Fomos à Aliança Francesa, no Rio de Janeiro, na “Maison de France”, e não conseguimos alguém que tivesse condições de traduzir a expressão, mesmo tendo todo o texto da frase onde ela está inserida. Visitamos a Biblioteca da “Maison de France”, e nada encontramos. Então fomos à Biblioteca Nacional e encontramos alguns dicionários antigos que, embora não tenham a expressão que procuramos, vamos mostrar o que apresentam das palavras isoladas dela. Vamos citar primeiro os dicionários:

LITTRÉ, Émile. Dictionnaire de la Langue Française. Paris: Jean-Jacques Pauvert Editeur, 1956-1957 [até o volume IV]; [a partir do volume V até o VII] Gallimard / Hachette, 1957-1958. Tome I. s.v. “coude”; Tome VI. s.v. “poêle”.

REY, Alain et CHANTREAU, Sophie. Dictionnaire des expressions et locutions. 2ème édition, mise à jour. Paris: Le Robert, 1993. s.v. “coude”; s.v. “poêle”.

SAINT-PALAYE, La Curne de. Dictionnaire historique de l’ancien langage française ou Glossaire de la Langue Française depuis son origine jusqu’au siècle de Louis XIV. Niort/Paris: L. Favre, editeur/H. Champion, libraire, 1875-1882. 10 tomes. Tome IV, s.v. “coude”; Tome VIII, s.v. “poêle”.

ROBERT, Paul. Dictionnaire alphabétique et analogique de la Langue Française. Casablanca – Maroc: Société du Nouveau Littré/Paris: Presses Universitaires de France, 1953-1955. [Para os tomos I e II.]; Paris: Editeurs: Société du Nouveau Littré/Diffusion: S. A. F. O. R. (Société Administrative Française des Oeuvres de Paul Robert, 1960-1959 [Para os tomos III e IV]; Paris: Société du Nouveau Littré, 1962-1964 [Para os tomos V e VI]. Tome I, s.v. “coude”; Tome V, s.v. “poêle”.

Colocamos o dicionário de Paul Robert, por último porque foi nele que encontramos as explicações mais objetivas da palavra “poêle”. Vejamo-las:

1. POÊLE (pouâl’). n. m. (XVII^e s. avec l’orthog. actuelle; palis en 980, “étouffe”; paile, poile au XIII^e s.; dér. du lat. pallium.)

1° (1210; paile). Drap recouvrant le cercueil, pendant les funérailles. V. Drap (funéraire, mortuaire). Les quatre glands. Les quatre cordons du poêle.

2° (Vers 1250, poile). Ancienn. Voile tenu au-dessus de la tête des mariés, dans la liturgie catholique.

3° V. Dais (2°). Porter le poêle.

[Tome 2: DAIS: 2° Liturg. Étoffe tendue, soutenue par des petits montants, sous laquelle on porte parfois le saint sacrement, particulièrement dans les processions. Porter le dais. Tenir les cordons de dais.]

2. POÊLE (pouâl’) n. m. (1351 poille, “chambre”; 1545 poêle. LITTRÉ, HATZF, donnent encore l’orthographe poile; on écrit aussi poêle; dér. du lat. pe(n)silis, “suspendu”, dér. de pendere, dans l’expression pensiles balnæ, “étuves suspendues”).

1°. Vx. Chambre chauffée. — REM. Ce sens, en usage au XVII^e s. (cf. FURET.), est encore connu par allus. à DESCARTES (“Enferme seul dans un poêle...”)

2°. (1545) Appareil de chauffage clos, contenant un foyer où brûle un combustible, et qui dégage de la chaleur par rayonnement des parois et convection de l’air. (...). — Parties d’un poêle: couvercle, tampon de chargement, foyer à parois réfractaires, porte de foyer, grille, cendrier, admission d’air (aspirail), buse à laquelle

s'adapte le tuyau (fixe par une bague, un collier...) Tuyau de poêle.
Registre de tirage d'un poêle.

3. POÊLE (pouâl') n. f. (1636 avec l'orthogr. Moderne; 1170 paele, "chaudron"; au XVIII^e s. paelle, paielle, etc.; du lat. patella. Ustensile de cuisine en metal, de forme ronde et plate, à bords bas et muni d'une longue queue. (...) — Technol. Poêle se dit de divers ustensiles, récipients servant à faire fondre la cire, certains métaux... — REM. Aux XVII^e et XVIII^e s. poêle désignait aussi des ustensiles de cuisine profonds (casseroles, bassines... poêle a confiture). — Spécialt. (par anal. de forme) partie d'un étang formant cuvette, et où vont les poissons lorsqu'on vide l'étang.

TRADUZINDO:

1. POÊLE (pouâl'). s. m. (séc. XVII com a ortografia atual; palis em 980. "estofa" [qualquer tecido que serve para vestuário ou mobília]; paile, poile no séc. XIII; derivado do latim pallium.

1° (1210; paile). Pano recobrando o ataúde, durante os funerais. V. Pano (funerário, mortuário). Os quatro glandes. Os quatro cordões do sudário.

2° (cerca de 1250, poile). Antigo. Véu estendido por cima da cabeça dos recém-casados, na liturgia católica.

3° Dais (2°). [Pálio] Levar o pálio.

2. POÊLE (pouâl'). s. m. (1351 poille, "câmara [quarto, aposento]"; 1545 poêle. LITTRÉ, HATZF, dão ainda a ortografia poile; escreve-se também poêle; derivado do latim pe(n)silis, "suspenso", derivado de pendere, na expressão pensiles balnax, "estufas suspensas").

1º Antigo. Câmara aquecida. — NOTA. Esse sentido, em uso no séc. XVII (cf. FURET.), ainda é conhecido por alusão a DESCARTES (“Adoentado só em uma câmara aquecida [poêle]...”).

2º (1545). Aparelho de aquecimento fechado, contendo uma lareira onde queima um combustível, e que produz calor por irradiação das paredes e convecção do ar. (...). — Partes de um aparelho de aquecimento: tampa, bucha de carga, lareira de paredes refratárias, porta da lareira, grade de ferro, borralho, admissão de ar (respiradouro), tubo no qual se adapta o cano (fixado por um anel, um colar...). Cano de vapor. Registro de tiragem de um aparelho de aquecimento.

3º POÊLE (pouâl'). s. f. (1636 com ortografia moderna; 1170 paele, “caldeirão”; no séc. XIII paille, paielle, etc.; do latim *pattella*. Utensílio de cozinha em metal, de forma redonda e chata, com bordas baixas e munido de um cabo longo. (...). — Tecnologia: Poêle se diz de diversos utensílios, recipientes servindo para fazer fundir a cera, fundir certos metais...— NOTA. Nos séc. XVII e XVIII poêle designava também os utensílios de cozinha profundos (caçarolas, tachos... tacho pequeno para fazer doces de frutas). Especialmente (por analogia de forma) parte de um tanque formando uma bacia, e onde vão os peixes quando se esvazia o tanque.

COUDE: Todos os dicionários repetem a mesma coisa a respeito dessa palavra: cotovelo; curva; mudança brusca de uma direção; esquina de um muro, de uma parede, de uma rua, de um rio; curva de um cano de água;etc.

Fomos buscar tudo isto que o leitor acaba de ler para tentar entender o que a autora tentou dizer ao colocar a expressão “coude-de-poêle”, que nos parece criação dela. No texto parece que ela compara, de algum modo, a forma da roupa que as mulheres usa-

vam com a forma dessas peças. Parece difícil chegar a uma conclusão, pois, para a expressão, que aparece no item 2 de POËLE, 2º conceito: Tuyau de poêle, que traduzimos por cano de vapor, que é o que está nos dicionários de Francês-Português, também encontramos, para a mesma expressão: chapéu de copa alta cilíndrica e abas estreitas [cartola, chapéu coco]. Mas naquele dicionário de Paul Robert, tomo 6, encontramos para essa expressão: conjunto de tubos de ferro fundido unidos que religam um aquecedor [poêle] à chaminé. Coudes d'un tuyau de poêle. — Fig. e vulg. (1926, in WARTB.) “Famille tuyau de poêle” [se fôssemos traduzir: família tubo (cano) de vapor], no qual as pessoas têm relações muito livres umas com as outras.

[Observações: 1. Nestas citações, tudo que está entre colchetes [] é nosso e as reticências entre parênteses (...), também, sendo esta última para indicar interrupção no texto transcrito dos dicionários; 2. O itálico, o negrito e o VERSAL são do original.]

Assim, depois de tudo isto, achamos que a comparação que ela faz é muito difícil de ser interpretada, na seqüência da frase porque “coude-de-poêle” ficou isolado, em uma interrogação, como se a autora estivesse querendo saber se aquele poderia ser o nome a ser dado àquilo que não se sabia como nomear. Mas se imaginarmos que as mulheres tinham cintura fina e usavam uma imensa saia rodada [e que por isto serviram de modelo, segundo a autora, para modelarem os apagadores de luz, de forma cônica]; se se acrescentar, a essa saia, sobre o traseiro da mulher, um acréscimo de pano chamado de “anquinha”, para realçá-lo; se levarmos em consideração que a palavra “tournure”, traduzida por “aparência”, também pode ser traduzida por “anquinha”, poderíamos ter a seguinte tradução para este trecho da frase francesa:

“Quélles encagent leurs formes gracieuses dans cet affreux appareil qui les faisait ressembler à la mater-amabilis, cette vierge de la renaissance sur laquelle on a, je crois, modelé les éteignoirs et qui menacent aujourd’hui, grâce à ces appendices, qu’on ne sait

comment nommer, de leur donner la tournure elegante de tuyaux dits: coude-de-poêle?

Que elas prendam suas formas graciosas nesse horrível aparelho que as fazia assemelhar-se à mater-amabilis, essa virgem da renascença sobre a qual, creio, se modelaram os apagadores de luz e que ameaçam hoje, graças a esses apêndices, que não se sabe como nomear, dar-lhes a aparência elegante de canos ditos: curvas suspensas?

Em que a palavra “tournure” que tanto pode ser “aparência”, quanto “anquinha”: teria sido usada como ironia à “elegância” que essas curvas e as saias rodadas apresentam em sua forma parecida com as formas desses aquecedores de aposentos nas casas da época? Sentimos, pelo texto, que ela está criticando este tipo de roupa que as mulheres, de seu tempo, usavam. Além disso, se levarmos em consideração que, para a primeira acepção do termo “poêle”, acima, o dicionário diz que é derivado do latim “pallium”, e que no verbete próprio, no tomo 5, mostra que deu, com o mesmo radical, “pallier”: paliar, disfarçar, dissimular; que, com o mesmo radical, “palliatif”: paliativo, que palia; e também, “palliation”: paliação, ato de paliar, disfarce, dissimulação; então poderíamos ter “curvas que dissimulam”? “curvas que enganam”? Aí ainda seria ironia, da parte da autora? Ainda temos de considerar que, a “anquinha”, quando usada, provoca na mulher uma pequena inclinação para a frente, realçando a “anquinha” e mostrando nádegas empinadas e provocantes. E, neste caso, se aproximaria — por analogia da forma de contorno da mulher, de perfil —, com a forma da frigideira. Teria sido esta a figura que a autora quis ironizar?

O leitor vai nos desculpar pelo alongamento deste texto, mas deveríamos explicar porque não conseguimos a tradução desta expressão e mostrar o nosso interesse em fazer um trabalho de respeito ao leitor e ao autor do texto.

L'ÉDUCATION DANS LA FAMILLE ET PAR L'ÉTAT
CHEF DE LA FAMILLE NATIONALE (1873)
ÉMILIE COLLIGNON

Preço: 1 franco

MARENNES BORDEAUX

LIVRARIA FLORENTIN-BLANCHARD

LIVRARIA DE FÉRET & FILHO

15, COURS DE L'INTENDANCE, 15

MARENNES – IMPRIMERIE, FLORENTIN-BLANCHARD.

2ª Parte

A EDUCAÇÃO NA FAMÍLIA E PELO ESTADO CHEFE DA FAMÍLIA NACIONAL

ÉMILIE COLLIGNON



AO SENHOR JEAN MACÉ.¹

Senhor,

O Sr. Emmanuel Vauchez vos deu conhecimento há alguns meses de um manuscrito tratando da educação e da instrução tais como eu as compreendo, isto é, inseparáveis. Revi este pequeno trabalho e gostaria de publicá-lo. Permitti-me, Senhor, de vo-lo oferecer? Vosso nome tão conhecido e tão respeitado seria, na frente de minha brochura, um passaporte que lhe abriria uma larga circulação, o que teria para mim, além de vossa aprovação, da qual estou tão orgulhosa quanto feliz, uma dupla vantagem do ponto de vista do objetivo a que me proponho: 1º Acredito que há algumas idéias, que podem ser úteis sendo retomadas pelos homens inteligentes e práticos. 2º O produto da venda ajudar-me-ia a realizar a esperança de que me alimento há vários anos: a fundação, em Bordeaux, de uma escola preparatória às escolas profissionais, para as meninas pobres que as privações, os maus exemplos, os maus conselhos só preparam para essa existência de deboches que tem contribuído tão poderosamente para o abatimento moral no qual a juventude caiu e de onde é preciso levantá-la a qualquer preço. Bordeaux é, infelizmente, uma cidade muito rica nessa origem de vício e se encontram pobres meninas de cinco ou seis anos cujo cinismo infantil é capaz de fazer enrubescer uma fronte coberta de cabelos brancos.

Envio-vos, Senhor, o projeto de estatutos que gostaria de divulgar para tratar de reunir o mais possível de adesões a essa obra,

¹ Jean Macé, nasceu em 1815, em Paris e morreu em 1894, em Monthiers, Aisne. Publicista francês, fundador da Liga Francesa de Ensino. N. do T.

que acredito essencial. Sereis bastante bom para, ao tomar conhecimento dela, me dar a conhecer as observações e retificações que julgardes útil fazer?

Envio-vos, ao mesmo tempo, o opúsculo que pusera à venda no começo do ano marcado, a fim de prover aos primeiros encargos de instalação dessa *Ouvroir-Ecole*², que desejo ardentemente e que espero ver abrir cerca do mês de outubro de 1872. Mas, ai de mim!, em lugar de pensar em salvar do vício nossas meninas que mendigam, foi preciso ajudar nossos filhos a ir fazer-se matar!... e para que resultado!³

Conhecendo vosso devotamento à causa da instrução e, por conseqüência, do progresso, ousou ter esperança, Senhor, de que gostaríeis de dar vosso apoio moral à obra cujo projeto vos submeto, e vos dou testemunho, antecipadamente, do meu profundo reconhecimento.

Recebei, Senhor, a garantia de minha alta estima.

ÉMILIE COLLIGNON.

Monthiers par Neuilly Saint-Front (Aisne),
27 de outubro de 1872.

² Ouvroir-Ecole: não há, em nossa língua uma palavra que traduza essa palavra: “ouvroir” = é um lugar reservado às obras de costura, de bordado, etc., em uma comunidade de mulheres, em um convento, etc.; é um atelier de caridade onde pessoas benévolas fazem “trabalhos de mulheres [obras de costura]” para os indigentes ou ornamentos de igreja; “école” = escola, estabelecimento público de ensino, etc. Poderia ser traduzido por: “Escola feminina de artes manuais”. Que, na realidade, é esse o interesse da autora, quando disse, mais acima, de sua esperança de fundar uma “escola preparatória às escolas profissionais, para as meninas pobres”, que preparasse as meninas pobres para uma profissão. N. do T.

³ Entre 1871 e 1873 a França vive um momento tumultuado após a guerra franco-prussiana, que acabara com a derrota da França e a necessidade dela pagar os prejuízos. E os franceses brigavam entre si — oposição e governo. Daí a colocação da autora. N. do T

MADAME,

Aceito com grande prazer a honra que preferis dar-me, e visto que me convidais a vos fazer as observações que me fossem sugeridas pela leitura de vosso projeto de uma *Ouvroir-École* que me parece, como a vós, chamada a prestar grandes serviços a Bordeaux, permiti-me de protestar junto a vós contra a exclusão absoluta formulada no artigo 8. Vossa obra é evidentemente uma obra feminina cuja direção volta-se diretamente às damas; mas por que atar-vos as mãos antecipadamente e proibir-vos a admissão de um homem no comitê diretor, se, em um dado momento, vos ocorresse reconhecer a utilidade prática disso?

Se desejásseis dar-me crédito, suprimiríeis pura e simplesmente o artigo 8. Não falar da questão, é resolvê-la sem apresentá-la.

Recebei, Madame, com todas as minhas felicitações e todos os meus votos de bom êxito, minhas muito respeitosas saudações.

JEAN MACÉ.

A EDUCAÇÃO NA FAMÍLIA E PELO ESTADO, CHEFE DA FAMÍLIA NACIONAL

A instrução é uma alavanca da qual a educação é o ponto de apoio.

A difusão da instrução é a questão com a qual, a justo título, se preocupam todos os espíritos sérios, todos os corações generosos, que não admitem que se especule sobre a ignorância da maior parte da população, para manter e fortalecer o poder, os privilégios e, muito freqüentemente, a arrogância de uma minoria tão egoísta quanto ambiciosa.

É o instrumento sobre o qual se apóiam os patriotas que não querem ver conduzir o povo ao escrutínio como um bando dócil ao qual os cães, instruídos no ofício, fazem tomar a direção do abatedouro.

É a esperança das mulheres honestas, que contam com o desenvolvimento da inteligência e do senso moral, para reprimir primeiro e fazer cessar logo a libertinagem dos maus costumes que nos envilece no presente e que terminará por nos perder no futuro, se a consciência pública não se despertar a tempo. Mas *a instrução* não pode tudo sozinha; é preciso que ela seja sustentada pela educação.

A educação e *a instrução*, — que confundimos muito freqüentemente, — são duas energias poderosas cujas forças reunidas combaterão vitoriosamente a degenerescência física e moral da França; mas não é necessário que sua ação seja dividida e que se espere empregar eficazmente uma sem a outra.

A educação sem *a instrução* — o que se chama pelo menos *educação* em um certo mundo, — faz esses *bons-homens* que tra-

zem bem a vestimenta, dão nó em sua gravata com arte, sabem, a um milímetro perto, em que altura levantar seu chapéu segundo o valor... pecuniário daqueles que eles saúdam e que encontram, quando não lhes falta nada, que tudo está para o melhor no melhor dos mundos possíveis; essas mulheres que põem seu mérito na perfeição do busto de seu vestido, na novidade de seu chapéu; na sua exatidão em fazer as visitas sob os prazos exigidos pela etiqueta; em sua pontualidade em seguir os ofícios nas horas escolhidas pela *boa sociedade*; em sua prontidão em por suas filhas no convento, seus filhos no liceu, logo que eles não são mais os *bebês* divertidos. E elas acreditam assim preencher as obrigações que impõem a família, a sociedade, a pátria!

A instrução faz... os Alemães! Acabamos, ai de nós! de ver isso de perto, e sabemos, hoje que os povos instruídos somente, não valem mais do que os ignorantes. São até mais perigosos; porque, então, a ciência torna-se uma escrava humilhada servindo às paixões brutais, às ambições desenfreadas daqueles que a possuem, em lugar de ser um agente regenerador, derramando sobre todos, os benefícios da civilização inteligente e moral.

Para não cair nas mesmas faltas... nos mesmos crimes! não separamos a instrução de sua irmã gêmea, a educação; porque não basta ter a ciência; é preciso sobretudo saber servir-se dela para o progresso e a felicidade das massas.

I. NA FAMÍLIA

A educação deve começar desde os primeiros meses da criança; este é, pois, o ponto que pede o máximo de atenção e cuidados; não somente o futuro do homem dele depende, mas o futuro do país também.

Esta é a obra dos pais, sobretudo da mãe.

O pai deve cooperar com ela pelo exemplo, praticando diante de seus filhos: o respeito e as atenções com sua mãe, seus avós e os anciãos, quaisquer que eles sejam; a cortesia, a justiça, a benevolência, para com os empregados domésticos, os operários e todos aqueles que sua posição os põe na dependência; a maior circunspeção nas palavras; a seriedade na observância dos deveres na vida.

A mãe deve se devotar nessa direção primeira e nela aplicar todas as suas faculdades. Não se deve afastar a criança do lar paterno antes que ela tenha recebido as bases sólidas de uma boa *educação*; e, como *a instrução* não deve sofrer com isso, ainda cabe à mãe depositar no cérebro virgem, os primeiros elementos dos conhecimentos.

Cultivar o coração e a inteligência, desenvolver as faculdades da alma e do espírito, tal é a grande e santa tarefa da mãe. Eis por que, antes de tudo, é necessário fazer um sério apelo às mulheres e de colocar sob seus olhos a gravidade dos deveres que lhes incumbem; hoje sobretudo, porque, tocada pelo estado de decadência no qual seus filhos caíram, a França se volta para elas e grita-lhes: Mães! o futuro da pátria está em vossas mãos!

Sim, o futuro do país esta nas mãos da mãe:

É no bebê que ela prepara o cidadão ou o esposo.

Basta pois dessas fraquezas de caráter, de pusilanimidades ridículas. Isso é um exemplo pernicioso para a infância; elas amolentam a alma e debilitam o corpo; elas vos fazem, ó jo-

vens mães, olhar o depósito que Deus vos confiou, como um brinquedo adorado que podeis mimar, adornar, afagar à vontade, sacrificando, pelas alegrias efêmeras do presente, sem nisso pensar, a grandeza do futuro, a humanidade, em um egoísmo de moda vaidosa.

Dai aos vossos filhos *dos dois sexos*, desde a menor idade, uma educação séria e forte que consolide sua razão, estenda sua inteligência, depure sua moral e fortaleça sua saúde.

Ensinai-lhes o que vale o título de Cidadão, o que significa a grande palavra PAÍS, esse lar nacional tão sagrado quanto o lar doméstico, que todos os habitantes são filhos de uma mesma mãe, a *Pátria*, à qual eles devem um amor ativado até ao fanatismo, um devotamento até ao sacrifício de seus bens, de suas afeições, de sua vida!

Dizei-lhes os deveres que a Fraternidade impõe; a força que a Solidariedade dá; o desinteresse, a abnegação que inspira o culto da Liberdade; em suma, fazei deles *Cidadãos Franceses*, esperando que seus filhos possam tornar-se *Cidadãos do mundo*.

Basta de bagatelas, basta de toilettes elegantes, que lhes rendem vaidades, habituam-nos a olhar o luxo como uma necessidade e lhes fazem desprezar os pobres e todos aqueles que eles vêem menos ricamente vestidos do que eles mesmos. Basta dessas guloseimas que lhes tornam insípido o gosto, lhes irritam o apetite, provocam revoltas do estômago que terminam por atrofiar esse órgão; isso fazem os homens que colocam sua glória em tragar um maior ou menor número de garrafas de Champagne, as mulheres que conhecem melhor os bons fabricantes de bolos do que os fabricantes de bons livros.

As crianças têm necessidade de serem nutridas abundantemente, a fim de que, o estômago tendo um trabalho regular, as forças se repartissem igualmente por todo o corpo e que o sistema nervoso não se desenvolva excessivamente. Para isto, é preciso que desde a primeira idade os alimentos sejam regrados; que os legumes, sobretudo os feculosos, aí ocupem um lugar que, hoje, se lhe

suprime muito. Crê-se combater a fraqueza das crianças com a ajuda de costeletas e de “beefsteak”⁴? Ilusão!

Ai de mim! se são fracos, os pobres pequenos, ao invés de lhes impor uma alimentação que destrói a harmonia geral, e deve, como em todos os animais essencialmente carnívoros, determinar a magreza, não seria desejável procurar, — mesmo antes de seu nascimento — combater os germes perniciosos que em tantos anos de intemperança de toda espécie, por meio do sangue, infiltraram-se em suas veias?

Se, entre as horas de refeição, as crianças têm fome, que se lhes dêem um pedaço de *pão seco*. Este é um alimento são, que não desperta sua gula e se fica seguro de que eles só o comerão se realmente necessitarem. Pouco, *muito pouco* vinho; *nunca* bebidas alcoólicas. O vinho, tomado em certa quantidade e os licores, tão açucarados quanto sejam, se dirigem ao cérebro das crianças e o superexcitam primeiro, para, às vezes, terminar por degradá-lo. Por mais que se diga isso, a água de boa qualidade sendo a bebida mais natural, é, por consequência, a mais salutar e a mais digestiva. Entre esses pequenos seres, o organismo, sendo novo, não tem necessidade de estimulantes, que só fariam irritá-lo e enfraquecê-lo.

Não é necessário habituar as crianças a um calor artificial; quanto menos habitarem apartamentos aquecidos, melhor se comportarão; sobretudo nada de fogo nos quartos de dormir cujas portas são fechadas para as longas noites de inverno. Quando elas saem de um aposento muito quente, para ir para fora, seja qual for

⁴ Por erro de imprensa (?) a palavra saiu “beefsteaks”, quando deveria ser “beefsteak”; do inglês, repetido em francês como “beefsteak” afrancesado para “bifteck”, e também em “biftèque” e abreviado, de forma familiar para “bif”; em português: bife; bifesteque; qualquer fatia de carne (de porco, de boi, de cavalo, de baleia, de fígado de um animal etc.) usado para grelhar, cozer ou fritar com o mesmo fim, ou carne picada ou moída, aglomerada com outros elementos em forma de bife, para fritar e servir como alimento. N. do T.

o conforto de suas vestimentas, nem por isso elas respiram menos o ar exterior, cuja crueza atingirá seus pulmões tanto mais quanto mais brusca tiver sido a transição. Nada de cachecol, que atrai o sangue à cabeça e estabelece uma diferença perigosa entre a temperatura da garganta e a da aspiração que aí penetra bruscamente, quando um movimento libera a boca do envoltório abafado que se lhe impõe. É isso que causa a maior parte das amigdalites, das esquinências, dos ataques de crupe, de anginas cobertas de crostas amareladas e outros males desse gênero.

Que os sapatos sejam fortes e que as pernas sejam cobertas no inverno. Pouco importa a elegância e a moda: é preciso que as jovens crianças tenham os pés quentes para evitar as congestões cerebrais, que delas arrebatam um tão grande número, e, o que é, talvez, pior ainda, que idiotizam muito freqüentemente aqueles que sobrevivem.

Que as vestimentas sejam simples; *somente suficientes*: amplas e cômodas, a fim de que os lados não sejam comprimidos e que os movimentos sejam livres. Muito ar, muito exercício, para ajudar o desenvolvimento dos membros, de todo o organismo e, por consequência ao desenvolvimento das faculdades intelectuais, que deles são solidários.

II. A FAMÍLIA ESCOLA PRIMÁRIA.

A instrução, começada pela mãe, deve ser para ela um estudo constante. É-lhe preciso aplicar a cada inteligência a dose que lhe convém, com a ajuda dos meios mais convenientes ao caráter, às tendências, às aptidões; o que é impossível de fazer nas escolas primárias muito precoces, em que todos os alunos são forçosamente submetidos sob uma mesma regra, um sistema único, apropriando-se à natureza de alguns, mas contrariando, comprimindo até, freqüentemente o esforço de alguns outros; inconveniente muito grave no momento em que as faculdades, em sua eclosão, necessitam, para desabrochar, de serem ajudadas com discernimento; mas que desaparece quando, prestes a se tornarem homens — ou mulheres — esses alunos se preparam à disciplina que se impõe em todas as carreiras.

A instrução deve ser um prazer para as crianças: geralmente eles retêm melhor o que eles aprendem brincando, como o que provoca seus bocejos ou suas lágrimas. E antes de tudo, para provocar neles os sentimentos fraternos que devem inspirar seus atos na vida, a mãe esforçar-se-á de admitir nas lições, nas recreações e muitas vezes nas refeições, as crianças da vizinhança que as necessidades de posição ou a ignorância, priva dos cuidados de seus pais: ela cumprirá duas boas obras; porque, além da *instrução*, todos aproveitarão da *educação*, que será secundada pela emulação, tão necessária aos estudos como a todos os trabalhos.

O lar doméstico é, pois, a *escola primária* da infância; e os jovens alunos, sobre o limiar desse templo imenso chamado Universo, devem começar a soletrar o livro da natureza antes mesmo de ter aberto um alfabeto.

Que se lhes ensine primeiro a ler o nome do Criador: mostrar-se-lhes-á escrito acima de tudo o que os cerca, desde o grão de areia que eles calcam sob seus pequenos pés, até a montanha altaneira da qual o cimo se perde nas nuvens; desde o pé de erva inclinado sob o peso da gota de orvalho que lhe dá a frescura, até à floresta

impenetrável cuja sombra abriga milhares de seres; desde o pobre inseto inofensivo que impedir-se-lhes-á de esmagar maldosamente, porque, apesar de sua condição ínfima, ele saiu, como eles, do laboratório do *grande Operário*, até ao astro brilhante que verte sobre o mundo a luz, o calor, a vida. Finalmente, estender-se-á a seus olhos essa cadeia imensa que religa entre eles, por seus anéis enlaçados, todos os reinos da natureza; espetáculo surpreendente de harmonia, princípio inegável da solidariedade universal.

Mães, ensinai cedo aos vossos filhos que Deus, essa causa eterna ainda incompreensível para nós, que O chamemos de Jéovah, Bramah, Grande Espírito ou de qualquer outro nome, é qualquer outra coisa que seja do que uma palavra, terrível ou bondosa, segundo os lábios que a pronunciam; cuja história deixa na imaginação ou o cunho do terror, ou o exemplo de uma moral muitas vezes em contradição com ela mesma.⁵

⁵ Deus, tal como o ensinam não ordena o perdão das ofensas? Como então se vingam ele de gerações em gerações, da desobediência de Adão, desobediência que sua presciência devia lhe ter feito conhecer antes mesmo de ter amassado a argila da qual o primeiro homem foi, diz-se, formado? e se a conhecia, se a tinha previsto como uma consequência inevitável da fraqueza, da imperfeição de sua obra, ele prometia de antemão, até a consumação dos séculos, a esses seres que ele ia criar, um castigo temporal hereditário que eles não poderiam evitar e mesmo, para um grande número, a uma danação eterna! O que se aplica ao homem, última criação à imagem de Deus, se aplica igualmente aos anjos decaídos, os primeiros formados, os mais belos, os mais poderosos de todos os anjos... e logo os mais culpados. Ele pode ter dito ao homem: “Tu não matarás. — Homicida não serás de fato nem de consentimento.” — e ter ordenado a seu povo privilegiado, massacrar tudo o que tinha vida, desde o velho sobre seu leito de agonia, até à criança no seio de sua mãe; desde o touro, até ao menor animal doméstico, entrando nas infelizes cidades que esse Deus de amor dava a sentença? Ou ainda: “Tu não roubarás.” — O bem do outro tu não tomarás nem reterás conscientemente — depois de ter mandado aos Hebreus de empregar a mentira e a hipocrisia, para pedir emprestado aos Egípcios, sob um pretexto piedoso, todos os vasos preciosos que eles poderiam obter e os levar com eles em sua fuga para a Terra Prometida, que eles iam roubar — por ordem desse Deus de justiça, — de seus legítimos possuidores? Quais são os artigos do código aplicáveis a esses casos, apanhados entre mil, e aos dogmas que os provocam? e quais os ensinamentos morais as crianças podem tirar deles? [Nota original da autora]

É com sua alma que deveis lhes ensinar a buscar, é com sua razão, que deveis lhes fazer encontrar essa fonte inegável de vida, de justiça, de amor.... e não mais tereis a temer por vossos filhos essas áridas e debilitantes doutrinas que fazem deles os egoístas, os debochados e freqüentemente os suicidas na hora das cruéis desilusões, das separações dolorosas, dos reveses, das vergonhas atraídas pela sede do bem-estar a qualquer preço! E disso não mais vereis, trânsfugas negligentes da Pátria, aviltar a bandeira nacional para se ordenar, — humildemente submetidos, dispostos a tudo, até a trair seu país — sob uma bandeira estrangeira da qual a ambição e o orgulho formam a divisa secreta!

Ó Mães francesas, dai à nossa bem-amada França, cidadãos
Franceses!

III. A INSTRUÇÃO OBRIGATÓRIA

Por volta dos doze anos, época em que as crianças podem apreciar e praticar os princípios que receberam, deve-se confiá-los às instituições públicas, a fim de iniciá-los na vida da comuna e prepará-los para vida social.

Aqui começam a *instrução* e a *educação* nacionais, às quais eles terão sido afeiçoados pela instrução primária tornada *obrigatória* e que as crianças desprovidas de pais capazes de lhes dá-la, afastadas de famílias dispostas a lhes fazê-la dividir com seus próprios filhos, encontrarão nas escolas da nação, tornada mãe, deixando de ser escravo.

A *obrigação* é uma conseqüência fatal de tantos séculos humilhados pelos governos mais ou menos tirânicos, sempre interessados em manter a ignorância, que eles acreditavam o freio dos povos entorpecidos, mas que é, na realidade, o aguilhão que os impele às cóleras sangrentas, quando chega a hora do despertar inevitável.

Por falta de hábito, o povo francês não sabe pensar, não sabe agir sozinho. Ele tem, terá ainda durante um tempo, necessidade de ser guiado como a criança que ensaia seus primeiros passos. Ora, sem a *obrigação*, quantos diriam: não sei nada, meu pai, meu avô nada sabiam e nós temos vivido — vivido, no embrutecimento, na abjeção, no vício, sem dúvida; mas o que importa a quem não compreende nada de mais, nada de melhor?

Então é preciso que o chefe de família ignorante, às vezes indiferente, freqüentemente refratário — porque o tempo passado na escola é tomado sobre o tempo empregado aos pequenos trabalhos lucrativos, à mendicidade, e mesmo ao roubo, — é preciso que ele seja forçado a fazer instruir seus filhos, como ele é *forçado* a nutri-los, como ele é forçado a vesti-los.

Quem, pois, pensa em se revoltar contra essas obrigações, não mais imperiosas do que a *obrigação* da instrução e que são, elas

também, impostas pela legislação, sem mesmo oferecer a compensação da gratuidade?

Sim, é preciso uma lei obrigando os pais e mães que o ignorem ou que o sofissem, a cumprir esse dever sagrado. Somente nesse momento, talvez, eles estarão a reclamar disso; a geração futura não terá mais necessidade dessa medida de rigor⁶. Ela terá compreendido seus deveres, porque ela terá aprendido a cumpri-los.

⁶ A lei brasileira ainda mantém o rigor da pena. Ver o *Estatuto da Criança e do Adolescente*, Lei Nº 8.069 de 13 de Julho de 1990 que no Capítulo IV: Do Direito à Educação, à Cultura, ao Esporte e ao Lazer, no Art. 55 determina: *Os pais ou responsável têm a obrigação de matricular seus filhos ou pupilos na rede regular de ensino* [Nota: JDM].

IV. DEVERES DO ESTADO, CHEFE DA FAMÍLIA NACIONAL.

Na família, todas as crianças devem ser iguais; todos têm direito à mesma parte de cuidados e de devotamento; se há as preferências, elas geram os ódios que não se apagam mais.

Uma nação é uma família da qual os membros nunca se amarão de um amor verdadeiramente fraternal, nunca andarão de comum acordo para a perfeição, objetivo que a humanidade deve se propor, enquanto não houver unidade de ação na direção que lhes é dada.

Para estabelecer essa unidade, é preciso que a mãe comum, a Pátria, ofereça a todos, os mesmos recursos intelectuais.

Basta de escolas gratuitas ao lado dos liceus. Basta de alunos pagando ao lado dos bolsistas, esses párias humilhados por seus condiscípulos mais ricos. Basta de instruções da qual se vangloriem tanto mais quando ela custou mais caro, qualquer que tenha sido o resultado dela, nem de instrução dada de esmola parcimoniosa e da qual se enrubesce de vergonha. O ensinamento para os dois sexos, obrigatório no primeiro grau, gratuito a todos⁷

⁷ A gratuidade da instrução, em todos os graus, para os dois sexos, teria uma influência imensa sobre o crescimento da população. Quantos chefes de família, não tendo mais que calcular os gastos de uma instrução indispensável no meio em que eles vivem, deixariam de lado as restrições que eles se impõem, certos de que todos os seus filhos, qualquer que seja o número deles, receberiam a instrução que eles não poderiam dar senão a um ou dois, e que eles estariam assim postos em posição de cedo se abrir para uma carreira. Não se vê as famílias mais numerosas entre os mais pobres, que não tendo ambição do futuro, acreditando não ter necessidade de fazer instruir seus filhos, porque nada tendo aprendido e que eles contam que, como eles, eles se bastarão, se isso se chama bastar, desde a idade de quatorze ou quinze anos? Que a França assegure então a todos os seus filhos a parte desse pão do espírito pois cada um tem a necessidade para se desenvolver, e seu orgulho maternal se regozijará depressa de ver sua posteridade crescer em número como em inteligência, em moralidade e em patriotismo. [Nota original da autora]

O filho do pobre, sentado ao lado do filho do rico.

Um uniforme nacional, que igualize o aspecto das posições, e unifique os gostos.

A mesma refeição, substancial, mas simples, reunindo, ao meio dia, os alunos de cada estabelecimento, por categorias de idade.

A instrução baseada sobre as ciências naturais, que desenvolvem as idéias, desenvolvem o sentimento, a necessidade da análise e interessam à imaginação. A história comparada dos povos, que ensina a se preservar dos erros cometidos no passado, a evitar as armadilhas nas quais nossos pais caíram e a marchar com um passo firme e perseverante sobre a rota entreaberta pelos pioneiros do progresso.

A geografia antiga e moderna, inseparável da história, que indicando a topografia das diversas partes de nosso globo, ensina quais guerras contínuas, quais ruínas, quais dilaceramentos causaram as ambições dos *grandes*, que se disputavam e se disputam ainda esses farrapos de terra dos quais se pretendem os mestres soberanos.

As ciências exatas, que assentam o espírito da juventude, habitua-na a raciocinar e esfriam um pouco seu ímpeto poético.

O estudo dos astros, cuja grandeza rebaixa o orgulho do homem, que se diz o *rei da criação*, mostrando-lhe que pequeno espaço ele ocupa nesse campo infinito que seu olho percorre, não encontrando como limites senão sua própria impotência; mas que faz nascer nele a nobre ambição de alcançar esses esplendores, elevando-se sempre mais na hierarquia dos seres perfectíveis.

As línguas vivas, que ligam as nações entre si e sobretudo, entre as línguas mortas, além de um indispensável resumo das raízes gregas, o *latim* que, modificado, unificado em sua pronúncia, rejuvenescido por um uso geral, pode tornar essa *língua universal*⁸

⁸ Na época do lançamento deste opúsculo (1873) não havia ainda a língua internacional, o Esperanto, lançado em 26 de junho de 1887 pelo Polonês Lejzer Ludwik Zamenhof (1859-1917).[Nota: JDM].

com a ajuda da qual todos os povos se entenderão como os filhos de uma mesma família⁹.

Nada de escolas especiais nas quais as pessoas jovens devem entrar e de onde devem sair em uma idade determinada, o que faz que, para alcançar vitoriosamente esses limites marcados, eles explorem suas faculdades, os incitem, os superexcitem. Como as plantas muito forçadas em estufa aquecida, que, ao invés de se desabrochar ao sol, se estiolam e se desfolham; esses pobres cérebros estafados não têm mais, ao sair das escolas, que um desejo, uma necessidade: o repouso! Os estudos feitos, preâmbulo daqueles que restam fazer, são abandonados; a preguiça os domina, e às vezes, quando não são de um temperamento excepcional, a fadiga paralisa uma parte das faculdades; e esses sábios imberbes, mesmo quando não são *frutos secos*, tornam-se freqüentemente homens não somente comuns, mas às vezes incapazes.

Como a infância, mais ainda talvez, a adolescência tem necessidade de muito de ar e de exercício. Esse não é o momento — quando todos os órgãos se desenvolvem, quando a natureza se afirma —, que é preciso, sem descanso, deitar o aluno sobre uma tarefa abstrata e de porta fechada.

Que as horas de trabalho sejam reduzidas em proveito das horas de exercícios corporais, das longas marchas, dos trabalhos, das experiências manuais.

O que se ensina em oito ou dez anos nos liceus, pode sê-lo em menos da metade do tempo modificando o sistema atual; mas, como não é necessário entregar a juventude muito cedo à vida do mundo que, tão freqüentemente, corrompe seus costumes e arru-

⁹ “O Esperanto, amigos, não vem destruir as línguas utilizadas no mundo, para o intercambio dos pensamentos. A sua missão é superior, é a da união e da fraternidade rumo à unidade universalista”. Espírito Emmanuel, 19 de janeiro de 1940, pelo médium Francisco Cândido Xavier. Ver *Reformador*, FEB, fevereiro de 1940 ou *A Língua que veio do Céu – O que os Espíritos dizem do Esperanto*, Espíritos Diversos, Organizado por Homarano, 1ª Ed. Celd, 2004, 1ª tiragem, Rio de Janeiro.

ína sua saúde, a duração das classes deverá ser a mesma, com a condição de que o desenvolvimento físico ocupará a metade dela. O desenvolvimento moral e intelectual aproveitará dela tanto mais, e a França terá cidadãos robustos e enérgicos, posto que instruídos, que não cairão na lassidão em sua primeira etapa ou não se tornarão típicos por algumas noites passadas no campo.

V. A CIÊNCIA NA ESCOLA. A RELIGIÃO NA IGREJA.

O externato, que restitue a criança, a cada noite, à sua família, deve ser, — para todos os graus, — preferido ao internato.

No caso em que os pais estariam distantes ou impedidos por suas ocupações de velar por seus filhos (ou ainda se estivessem *destituídos de seus direitos por causa de mau procedimento ou de maus exemplos*) a Pátria, tutora natural, abrirá a seus pupilos, lares comuns, formados se há lugar, por centros religiosos, em que eles encontrarão asilo e os cuidados da família que lhes falta.

Nada de qualquer ensinamento dogmático nos externatos nacionais. Que se deixe esse cuidado aos pais ou aos delegados especiais que os substituam. Ali, onde todas as crenças se encontram reunidas, deve reinar a maior liberdade de consciência. É, pois, absolutamente necessário separar as igrejas da escola. O desenvolvimento do sentimento religioso pertence à família ou às instituições em que nelas ocorrem, para as crianças que dele são privados. A instrução dogmática é o apanágio do sacerdote e não deve sair do santuário.

Se é ruim ter um ensinamento religioso especial nas escolas onde crianças de todos os cultos são admitidas, é perigoso formar escolas representando as diversas religiões reconhecidas. Habitados a se olhar como únicos depositários da verdade, não tendo o contacto diário das classes com os condiscípulos professando outras idéias, os jovens neófitos concebem cedo o desprezo, muitas vezes o ódio, contra aqueles que não partilham a maneira de crer que lhes foi inculcada; daí, os fermentos de discórdia que explodem sob o menor pretexto, traduzindo-se em guerras civis, em traições, restringem a alma no círculo estreito de uma ortodoxia, transformam a caridade em piedoso egoísmo, e matam a fraternidade, esse laço sagrado que deve reunir os homens para os fazer avançar em união, decuplando suas forças de todas as forças cooperativas, na via do progresso indefinido.

VI. O QUE SERÁ UM DIA.

A instrução séria, a educação enérgica serão dadas aos adolescentes dos dois sexos, que terão dentro em pouco que preencher seus deveres de cidadão.

Se não fôssemos o que somos, se a funesta influência da educação recebida e passada em nossos costumes não devesse agir durante muitos anos ainda, seria necessário que os rapazes e as moças fossem reunidos nos mesmos bancos. Os rapazes perderiam sua rudeza, habituar-se-iam a viver junto de mulheres que não aquelas com quem, infelizmente, eles se associam quase exclusivamente, tão logo se entregam a si mesmos, e trabalhariam com mais ardor para sustentar a superioridade intelectual que lhes é atribuída. As moças ganhariam mais força de caráter; uma apreciação mais positiva do que elas são, do que elas devem ser. Movidas pelo sentimento de igualdade que amadurece em todos os corações, elas não desejariam permanecer inferiores a seus condiscípulos, e a seriedade de seus estudos contrabalançaria vantajosamente a frivolidade que lhes censuram sem que nada se queira fazer para livrá-las disso. Além disso, ambos aprenderiam a se conhecer melhor, a se julgar melhor, e o dia em que quisessem tornar-se, por sua vez, chefes de família, estariam expostos a bem menos desilusões do que experimentam hoje. Os processos de separação de corpos, essa medida bastarda, que acredita remediar um mal dele criando um outro, deixariam folgar os tribunais; a união conjugal, finalmente, não seria mais uma palavra vã, uma fórmula banal, porque ao invés de especular contratando um casamento, compreender-se-ia, em todos os sentidos, que o valor moral é a primeira das riquezas, a única base da felicidade.

Mas.... não estamos na América, onde a experiência dessas escolas mistas é feita com o maior sucesso. Esperemos tudo do tempo: talvez, um dia, sejamos bastante honestos, para não temer deixar crescerem juntos nossos filhos, na crença de uma probidade recíproca generalizada.

VII. OBJEÇÕES.

Os *retrógrados*¹⁰, convencidos de que o que tem sido sempre é o que será sempre o melhor; os obscurantistas, que mantêm com as duas mãos o apagador de velas¹¹ sobre a inteligência humana para subjugar-la sem retorno; os egoístas, que temem ver sua pequena superioridade apagada pela concorrência, acharão esse programa irrealizável.

Eles protestarão com a ingerência do Estado na família; com sua intervenção entre os pais e os filhos.

Acharão impossível de fazer os gastos imensos que a aplicação desse sistema acarretaria.

Eles ocultarão *pudicamente* a própria face à idéia de educar juntos os filhos de ambos os sexos, ainda que fosse até os dez ou doze anos, agrupando-os nos centros favoráveis.

Eles encolherão os ombros pensando que se quer mandar estudar humanidades às moças e aos rapazes, e, agarrando-se aos Philaminte¹², gritarão: “O que será da família?” ao invés de se dizer: O que foi que ela se tornou?

¹⁰ A frase começa assim: “Les *Stoppers*, convaincus que ce... “Stopper” é um verbo transitivo que pode ser: parar a marcha de um navio, de uma máquina; impedir de avançar, de progredir; parar definitivamente; verbo intransitivo: cessar de avançar; parar. De qualquer forma, nenhuma das opções daria sentido à frase, como verbo, pois a palavra esta sendo usada como substantivo. E, como tal deveria ser “stoppeur”, que também não dá sentido porque é “aquele que pede carona”, ou aquele que cerze, “cerzidor”. “Os parados” no tempo e no espaço? O sentido da frase é de seres que são contra o progresso, são conservadores, reacionários, antiquados. Assim, “Os retrógrados”, pareceu-nos mais apropriado ao sentido da frase, tanto que na frase seguinte ela usa, praticamente, um sinônimo: “os obscurantistas...” N. do T.

¹¹ Éteignoir, no original: Pequenos cones metálicos com os quais se cobrem as velas de cera ou as de sebo para as apagar. N. do T.

¹² Personagem da obra *Les Femmes Savantes*, do dramaturgo francês Jean-Baptiste Poquelin, mais conhecido como Molière (1622-1673). [Nota: JDM].

Alguns se contentarão de prever um embaraço desastroso nas carreiras... Pois bem, de todas as objeções que se lhe pode fazer, há uma que se lhe omitirá, talvez, e que é a única grave, infelizmente.

É porque a obra da reforma deve provir da mulher e seria necessário, por consequência, que a mulher quisesse cumpri-la. Consciente ou não de sua ação, é ela que, por meio da criança, é a iniciadora do homem: foi ela quem preparou os desastres nos quais a França sucumbiu; cabe a ela repará-los.

E que não se diga: como farão as mães impedidas de seguir tais conselhos, para a educação primária, seja porque sua instrução é insuficiente, seja porque sua posição social as obriga a lecionar na cidade, a ter uma loja, um balcão de boutique, etc., e que, contudo, não consentiriam em confiar seus filhos aos estabelecimentos nacionais destinados a suprir a família?

As mães que um motivo imperioso prive da felicidade de, elas mesmas, dirigirem a educação de seus filhos, que não se submetam a aproveitar dos estabelecimentos nacionais, podem então se fazer substituir por uma mestra preceptora escolhida com discernimento.

Essa mestra preceptora deve tornar-se um membro da família. É necessário que seus bons serviços sejam apreciados como merecem ser e que não se creia desobrigado, para com ela, porque ter-se-á trocado um pouco de dinheiro por seu talento, por sua inteligência, por seu devotamento, por ela mesma.

O professorado é uma missão santa e grande! Pais e mães, viveis inconscientemente a vida física: os professores, à força de cuidados perseverantes, fazem a vida intelectual e anímica; isto não é um parentesco? Inspirai, pois, aos pequenos seres queridos que lhes confiais, não somente por vossos conselhos, mas por vossos exemplos, o respeito, o amor, o reconhecimento os quais eles devem satisfazer aos seus iniciadores, essa paciência devotada, esclarecida pela ciência, que fará de vossos filhos cidadãos dignos de ter, na sociedade, a condição que suas capacidades lhes abrem.

VIII. O QUE É: O QUE DEVERIA SER.

A todas as objeções pode-se responder:

Quanto à ingerência do Estado na família e à sua intervenção entre os pais e os filhos, não é um inconveniente sério, porque, sempre, o Estado interveio sem que se tivesse cuidado disso e até fazendo pagar muito caro a sua iniciativa!

Não é o ministro da Instrução pública, muitas vezes, mais absorvido pela política do que pelos deveres de suas funções, quem decide do programa a seguir nos estudos; quem designa os livros que se deve escolher, escolha que segue as flutuações do ministério? Quem nomeia... ou demite os professores, às vezes mesmo aqueles que prestam verdadeiros e conscienciosos serviços, mas que desagradaram pelas opiniões em desacordo com a que se lhes exige? Quais professores foram examinados (exceto os religiosos), por delegados escolhidos, também eles, pelo ministro? Na verdade, não há escolas *gratuitas*, insuficientes, quanto ao número e quanto ao ensino?

A diferença consistiria, pois, em que os externatos seriam mais numerosos e que a instrução portanto seria melhor, eis tudo.

Que seja o Estado ou as comunas que criam e sustentam essas instituições, pouco importa, contanto que elas funcionem. Sempre será necessário, como é necessário hoje, que o Estado venha em socorro das municipalidades pobres demais para se dar o luxo de uma instrução séria relativa às necessidades da população. Porque será necessário sobretudo que nos campos se ensine, na medida necessária, a agricultura, a história natural, a botânica; que se ensine aos jovens camponeses que destruindo a torto e a direito, árvores, plantas, animais, insetos, eles destroem muitas vezes a riqueza de suas colheitas, rompem o equilíbrio das

estações e preparam as tempestades, os granizos, as inundações que os arruinam¹³.

Que buscando fazer a terra dar mais do que ela não pode produzir, com a ajuda de adubo de todas as espécies, cujos elementos são muitas vezes contrários àqueles do solo sobre o qual os depõe, eles alteram seus princípios nutritivos, forçam primeiro seus produtos para mais tarde, atrofiá-los, e lhes produzem as doenças. Que exigindo de seus animais de carga ou

¹³ Seria necessário multiplicar nos campos as conferências que ensinassem aos habitantes o erro que eles cometem fixando sobre as portas os bufos*, as corujas, os morcegos, etc., todos os animais que vivem dos roedores inimigos dos grãos. Matando, por toda parte em que os encontram, as toupeiras que drenam, aliviam o solo e consomem, como os sapos, e tantas outras vítimas da ignorância e da maldade, uma multidão de larvas e de insetos perigosos para as raízes. Seria necessário fazer-lhes compreender que ao invés de estender em seus campos ou em suas vinhas os laços para estrangular as cambaxirras*, os chapins, as toutinegras e outros pequenos voadores, eles mesmos devem velar eficazmente para que seus filhos respeitem os ninhos dos pássaros que não somente estendem a caça das lagartas, na direção dos besouros, etc., uma atividade que o homem não pode alcançar, mas expurgam as árvores, as plantas e os frutos, de ovos ou de insetos quase invisíveis que as enfraquecem, as brocam ou as apodrecem. Necessitar-se-ia de lhes mandar observar certos insetos que esmagam sem motivo, acreditando-os inúteis para eles e, por conseqüência, inúteis na natureza, insetos que, do mesmo modo que a joaninha ou a formiga, expurgam a vegetação de uma infinidade de parasitas que vivem às suas custas. Chamar a atenção do camponês, sempre ansioso de conservar e de aumentar o que lhe tem sido tão difícil de adquirir, nas questões que tocam em seus interesses, é o melhor meio de cativar sua simpatia, de despertar sua inteligência adormecida e de prepará-la para receber com fruto os ensinamentos mais elevados. [Nota original da autora] [*No original: chat-huant, chouette são aves noturnas do tipo da coruja, bufo, também chamadas, em francês de hulotte, hibou; também no original: roitelet, mésange, bec-figue, que são pássaros pequenos: roitelet: carrichinha, camacilra, camaxilra, camaxirra, cambaxilra, carriça, corruíra, corruíra-de-casa, cutipuruí, curruíra, curupuruí, garriça, garricha, garrincha, rouxinol; mésange: melharuco, chapim, abelheiro, abejaruco, abelharuco, abelhuco, airute, alderela, alrute, bejaruco, fulo, gralha, gralho, lengue, melharouco, milharão, milharós, milheirós, pita-barranqueira, pito-barranqueiro, caldeirinha, cedovém, chapim-real, mejengra, patachim; bec-figue: toutinegra, em francês também chamada de fauvette. N. do T.]

de labor, um trabalho ao qual não compensem nem o repouso, nem a abundância e a qualidade da alimentação, batendo neles com brutalidade, fazendo-lhes suportar o suplício de arreios mal ajustados que os ferem e os cobrem de feridas abandonadas às moscas, muitas vezes até mantidos como agulhões, eles abastardam as espécies, embrutecem os animais, e se privam, da metade do tempo, de bons serviços que deles poderiam tirar.

Que reunindo ou pescando antes de um desenvolvimento racional, os crustáceos de todas as espécies, os peixes miúdos que produzem junto às costas e que entregam para a consumação sob o nome de espécies fantasistas, matam, sem nisso sonhar, a galinha dos ovos de ouro¹⁴; o que os toca mais diretamente do que o erro que cometem à nossa posteridade, na qual, contudo, devemos pensar se não quisermos recair nas faltas cometidas até agora pelo

¹⁴ Tais são, entre outros, as lagostas* e os lavagantes, chamados de meninas que às vezes têm quando muito o tamanho de um grande lagostim, quando eles podem alcançar proporções enormes. Os lagostins, grandes como um dedo, quando deveriam ter de quinze a vinte centímetros. Os linguados**, os rodovalhos, os chernes, etc., grandes como a mão e dos quais uma dúzia basta no máximo ao apetite de uma pessoa, quando um só desses peixes, chegado ao seu desenvolvimento, poderia contentar doze convivas. E tantos outros, que, desde que eles se aproximem do tamanho da sardinha ou do arenque, são condenados à frigideira, quando, se os deixassem crescer, alcançariam de cinquenta centímetros a dois metros conforme as famílias; e, no espaço de tempo que eles percorressem para chegar ao seu tamanho, multiplicariam ao infinito, o que aumentaria o bem estar das populações. [Nota original da autora] [* No original: langouste: lagosta, pitu; no original: homard: pequena lagosta de até 50 centímetros de comprimento e coloração azulada, também chamado de: labugante, navegante; no original: écrevisse: lagostim, mede de 12,8 a 27 centímetros, também chamados de: lagosta-espanhola, lagosta-sapata, lagosta-sapateira, sapateira, cigarra, fradinho, e de pitu também; **No original: sole: linguado: quando adultos não possuem simetria bilateral, com corpo comprimido e oval, nadadeiras dorsal e anal muito longas, e são também chamados de: ramaçá, aramaçã, aramatá, arumaçá, arumaçã, solha, catraio, linguado-preto, rodovalho, solha-aramaçã; no original: barbue: rodovalho; no original: turbot: cherne: pode ter até 2,5 metros de comprimento, também chamado de: cherna, cherna-preta, cherne-pintado, chernetete, mero-preto, serigado-cherne. N. do T.]

egoísmo, motor cego de todos os nossos atos, enquanto a lei que rege o Universo ordena imperiosamente, sob pena de perda, para cada geração presente, de trabalhar em vista do melhoramento físico e moral da geração futura e do Planeta do qual temos a gerência.

Para deter o progresso do mal, é preciso que todos os pescadores, vendedores ou *consumidores* de espécies mais abaixo dos tamanhos prescritos, fossem fiscalizados e severamente punidos.

Seria necessário que os guarda-costas, encarregados de velar pela execução das leis sobre a pesca, fossem bastante retribuídos para não serem forçados a fazer outra coisa para viver e a deixar sobre a praia, rachar ao sol ou apodrecer na chuva, o barco que o Estado lhe fornece para o serviço.

Precisar-se-ia que seus chefes hierárquicos, ao invés de serem valentes mas velhos oficiais, não pedindo senão o repouso, fossem jovens marinheiros tendo a esperança de ver sua atividade recompensada por um progresso merecido, e que, ao invés de se limitar a fazer de vez em quando uma inspeção que se assemelha a um passeio, tomariam o mar todos os dias para surpreender os pescadores que estão um pouco ao largo e assegurar-se se a vigilância das costas é bem feita.

Ao invés de vulgarizar as permissões de caça a fim de que o proletário possa se dar esse *prazer de grande Senhor*¹⁵, e apressar a destruição da caça, tornada já tão rara que os caçadores, nela,

¹⁵ Se é verdadeiramente para maior alegria dos *proletários* que se pede a abolição da permissão de caça, dever-se-ia pedir ao mesmo tempo as distribuições gratuitas de pólvora e de espingardas de dois canos; falta dos quais, a maior parte dos operários deverão, ainda, passar desse *nobre exercício*, se bem que tornou-se burguês, que permanecerá muito caro para seus recursos; a menos que a filantropia humanitária dos caçadores de espingarda, não autorize aqueles que não tenham o meio de fazer de outro modo a estender as armadilhas e as redes: mas!.... então, o que lhes restará tirar? [Nota original da autora]

estão reduzidos a disparar uns sobre os outros, precisar-se-ia que a caça fosse exercida como *emprego* pelos homens patenteados¹⁶, assim como os açougueiros ou os salsicheiros e trazendo uma placa que os fizesse reconhecer e lhes assegurasse o livre exercício de sua profissão.

A caça, oxalá eu não desagrade aos seus numerosos apreciadores, que se dão uma alegria ao tomar para alvo de sua destreza pobres animais inofensivos, muitas vezes úteis, que eles estropiam ou matam sem mesmo ter a vontade ou a possibilidade de fazer uso deles, é um resto dos costumes primitivos da humanidade que, não tendo outros recursos para se alimentar, estava obrigada a prover suas necessidades por esse meio.

Então, a caça podia ser um *nobre* exercício, como se pretende, porque, não somente tinha para móvel o sustento da família, mas expunha os caçadores às lutas sérias, aos perigos contra os quais era preciso despender uma certa coragem.

Mais tarde, quando as exigências da fome não mais existiram, do mesmo modo que a barbárie reinava, os fortes e os poderosos se reservaram, exclusivamente, o *direito* da caça, como se reservavam o *direito* da guerra. Fazer rasgar os cães pelos javalis, ou os homens pelos homens, eram prazeres de príncipes... mas isto não era mais a ostentação da paciência, da força, da coragem individual necessárias para alcançar a presa indispensável à vida da mulher e dos filhos. Isto não era mais defender as manadas contra os carnívoros que delas arrebatavam as mais belas peças.

Isto já era os fortes esmagando os fracos, acuados pelas bandas guarnecidas que apoiavam numerosas matilhas, menos ávidas da carniça do que os criados, que as açulavam, e os castelões.

¹⁶ “Hommes patentés” = homens patenteados: a patente era o antigo imposto direto local, ao qual estavam sujeitos, na França, os comerciantes, artesãos, os membros de certas profissões liberais. A patente foi substituída em 1976 pela taxa profissional. [Seria o atual ISS, nosso]. N. do T.

E se algum Senhor ébrio errava a peça caçada, às vezes, a fim de evitar as zombarias de seus pares e reabilitar sua destreza, ele visava um dos servos encarregados de cortar as madeiras para levar aos pés dos caçadores suas vítimas enlouquecidas. O que importava! o licor vermelho que circulava em suas veias era sangue? e a vida de um camponês valia mais do que a de um gamo ou de um lobo? Na história da idade média, não se obteve que o *nobre* caçador, em tempo de inverno, tinha o *direito* de fazer abrir o ventre a um de seus *plebeus*, para nele reaquecer os pés?...

Hoje que as matas estão despovoadas, graças à multiplicidade dos caçadores, à sua ignorância das leis que regem a reprodução das espécies, ao seu egoísmo, que os faz sacrificar a mãe cujos pequenos, jovens demais para se bastarem, eles não podem atingir ou desdenham; hoje, isto é muito diferente; alguém parte bravamente para a guerra contra os pintarroxos, escoltado de três ou quatro cães esguios e atira numa galinha perdida, crendo ter descoberto a desgarrada de uma companhia de perdizes; ou, tomando seu melhor amigo por uma lebre “que sonha em seu covil” lhe envia sua dupla carga ao acaso. Quantos acidentes graves essa monomania não causa todos os anos? mais vale que Nemrod¹⁷, para não voltar para casa de mãos abanando, compre ao primeiro caçador, que ele encontre, a peça de caça que deve fazer valer sua destreza aos olhos de seus amigos; mas que, na realidade, fornece o pão de uma pobre família.

Que se deixe, pois, aos povos ainda primitivos esse dito *nobre* exercício tão bem apropriado à vida selvagem, e que, nos centros civilizados, a destruição, essa triste necessidade da existência, não seja mais um prazer.

Que a caça se torne, como a pesca, uma profissão servindo

¹⁷ Guerreiro e caçador habilidoso, filho de Cuch (ver Gn. 10:9) é considerado o fundador do reino da Babilônia [Nota: JDM].

para nutrir as pessoas pobres que a exerçam; para moderar o aumento das espécies nocivas, para fornecer aos mercados uma fonte séria; enquanto a caça tornou-se uma raridade que só os ricos podem fazer aparecer sobre sua mesa, e da qual eles mesmos, dentro em breve, deverão privar-se, por consequência da extinção. E o combate termina por falta de vítimas.

O prazer em verter o sangue deveria ser olhado, pelos povos esclarecidos, como uma prova de inferioridade moral.

Tempo virá em que as funções dos abatedouros e dos açougues serão impostas aos culpados condenados aos trabalhos forçados, por falta de encontrar um homem honesto de boa vontade que as queira cumprir. E então, os jornais ao invés de fazer a propaganda em favor das corridas de touros, barbáries que se tenta introduzir em nossos costumes, se elevarão com indignação contra esses prazeres de tigres ou de lobos, próprios a habituar o povo à sede de sangue: gosto terrível que o enlouquece, quando sua raiva, bastante provocada, se volta contra seus semelhantes!

Seria necessário fazer compreender às municipalidades rurais que é do interesse geral multiplicar os prados comunais ao invés de dividi-los para deles tirar algum dinheiro; e, no caso em que o egoísmo local, a estreiteza de espírito os dominasse ao ponto de os cegar, o Estado deveria forçá-los a conservar — ou se tornaria, ele mesmo, proprietário de bons prados — e não de matagais musgosos — em que poder-se-ia nutrir um número determinado de rebanhos, o que remediaria na divisão das grandes propriedades.

Certamente é bom que todo cidadão pudesse adquirir um *peçaço* de terra; mas é preferível que a massa da população possa viver. Ora, tais domínios que nutrissem cada um 40, 50 bois e vacas leiteiras, várias centenas de carneiros, vendidos atualmente por parcelas, se dividam em propriedades de incorporação ou em pequenos bens produzindo um pouco de tudo e, por consequência, mais prados suficientes até para uma cabeça de gado. Daí,

a diminuição, como número, dos animais de abatedouro e sua valorização nos mercados, o que torna a vida quase impossível para os operários, porque todos os outros víveres seguem a mesma progressão em seus preços.

Vastas pastagens comunais — ou nacionais — para onde os proprietários de gados envia-los-iam mediante uma renda justa, atenuariam esse mal bastante sério para o presente, grandes ameaças para o futuro; porque o povo faminto tem pouco de paciência e ainda menos de razão. Essas rendas ajudariam as comunas — ou o Estado — a melhorar as terras incultas que se poderiam transformar em boas pastagens e até para manter também os rebanhos para o consumo; concorrência que colocaria um freio à avidez dos criadores.

Ao invés de dar os prêmios aos ricos e vaidosos proprietários de cavalos *treinados* para a corrida, o que os torna impróprios para puxar o fiacre¹⁸ ou a charrete quando, enfraquecidos pela acrobacia do Turfe, os excluem da rica cavalaria, seria preciso que as centenas de mil francos aplicadas a esses jogos aristocráticos, o fossem para encorajar os criadores, cultivadores, charreteiros etc.; enfim todos os proprietários de animais úteis, com a ajuda de brindes concedidos àqueles que mantivessem esses animais nas melhores condições possíveis, com vistas aos serviços que teriam a dar seja como trabalho, seja como reprodução, seja como alimento.

Mas, mais desses concursos regionais para os quais se engorda, se trata uma ou duas cabeças de gado, alguns voadores entregues à admiração do júri, enquanto na herdade, as cavalaria,

¹⁸ Antigo carro de praça puxado a cavalo, alugado por corrida ou à hora [Nota: JDM].

os estábulos, os viveiros, tudo está sujo, sem ar, sem cuidados; os animais mal mantidos, mal nutridos... e maltratados?!

Seria preciso substituir esses concursos, mais aproveitáveis aos comportamentos políticos do que à agricultura, pelas inspeções delegadas aos membros de uma sociedade *promotora*, que teria para missão a verdadeira melhoria das espécies úteis. Seria necessário que essas inspeções fossem confiadas a homens honrados querendo o bem da humanidade... sim, da humanidade; porque é ela sobretudo que aproveitaria dessa medida, aumentando seus recursos, melhorando sua qualidade triplicando os serviços que ela pode esperar das raças inferiores, que a secundam em seus trabalhos.

As inspeções deveriam ser feitas de improviso, a fim de que nelas não acontecesse como aquelas da maior parte das escolas, em que, as épocas estando fixadas, os alunos são preparados e as medidas são tomadas, como for conveniente pelos chefes das instituições.

É então, que no fim de cada ano, os prêmios poderiam ser dados eficazmente, sobre as notas apresentadas pelos inspetores. E ver-se-ia todos os detentores de animais, rivalizar nos cuidados, bem entendidos, para merecer um encorajamento proporcionado aos resultados obtidos, sobretudo ao zelo desenvolvido com inteligência; esses encorajamentos deveriam aplicar igualmente aos cuidados dados aos animais de trabalho que teriam podido render serviços mais longos a seus proprietários, graças aos tratamentos que eles teriam recebido deles.

De tudo isso não são as comunas rurais que tratarão daqui a muito tempo, e, se não é a iniciativa privada, então deverá ser o

Estado, mas o que importa? Em um governo republicano¹⁹, o Estado! Não é o povo que vela por seus filhos?

¹⁹ Vejamos o que o Prefeito Henri Collignon (1856-1916), herói francês na 1ª Grande Guerra - o filho querido da Sra Émilie Collignon -, escreveu sobre a República, além de testemunhar o aprendizado que recebeu de seu pai, o pintor profissional Charles Collignon: “Quanto a mim, independente dos dias que me restam a viver, eu empregarei, como empreguei os que vivi, a servir à República, com todo o meu coração e com todas as minhas forças. A República que meu pai me ensinou a amar, durante minha infância, há longo tempo atrás, a República direcionada a um ideal de bondade, de tolerância e de liberdade” (*Sept Discours Finistériens*, Quimper, 1907, p. 30 ou *Jean Baptiste Rostaing – Apóstolo do Espiritismo*, Jorge Damas Martins e Stenio Monteiro de Barros, CRBBM, Rua Bambina, N° 128, Botafogo, Rio de Janeiro, 2005., p. 361. [Nota: JDM].

IX. QUESTÃO DE NUMERÁRIO!

As despesas das instituições nacionais serão imensas, é verdade; mas aí aplicar-se-á:

1º O montante da lista civil concedida ordinariamente a um soberano qualquer.

2º Os salários, dotações, gratificações, etc., etc., dos satélites do dito soberano sem os quais se poderá passar.

3º As pensões vitalícias feitas aos ministros fora de funções, não tivessem eles atravessado o ministério deixando nele os mais funestos traços. Supressão que fará essa missão importante menos invejável aos olhos dos intrigantes.

4º A maior parte do orçamento da guerra; o contingente das tropas em atividade estando tanto mais reduzido todos os cidadãos-soldados estarão prontos a defender as fronteiras, única guerra que um povo civilizado possa fazer, e, seja dito de passagem, como é preciso que os mestres sejam homens corajosos e enérgicos, devendo pregar o exemplo, não serão, não mais do *que nenhum outro cidadão*, dispensados de pagar dívida ao país, a fim de que não se possa supor que seja o medo do serviço militar e não a vocação do professorado, que lhes fez solicitar seu diploma.

5º Uma taxa proporcional ao número, sobre as viaturas, barcos²⁰, cavalos, criados de luxo, matilhas, etc.

6º Um imposto escolar igualmente proporcional à fortuna, da qual, por consequência a classe indigente será isenta, que será dobrada para os celibatários, homens, acima de 30 anos; pois é justo que aqueles que privam voluntariamente a Pátria do contingente de cidadãos que devem lhe dar, venham em auxílio daqueles que cumprem esse dever.

²⁰ Boat, no original, em Inglês: barco; em Francês, seria: bateau. N. do T.

7º Uma redução séria de gordos emolumentos. Os empregados da nação devem todos, desde o servente de escritório até ao Presidente da República, ser retribuídos generosamente, segundo os serviços que prestam, a inteligência, o zelo que desenvolvem; mas nenhum deles deve desempenhar sinecuras onde se enriquece às custas do bem-estar de todos.

Com esses recursos e muitos outros que seria fácil encontrar nas reformas a fazer, o país poderá se cobrir de escolas e de cursos de adultos e, graças à inteligência de sua população, nossa França, humilhada atualmente, terá logo reconquistado o primeiro lugar entre as nações não somente *instruídas*, mas *educadas*.

Para remediar tão depressa quanto possível a ignorância da geração atual, seria necessário encorajar os adultos a freqüentar os cursos, concedendo, após exame, aos alunos que terminaram seus estudos, um diploma ou uma menção honrosa que fosse para eles, não somente um certificado de instrução, mas ao mesmo tempo um testemunho de boa conduta; pois o homem, — como a mulher, — que descansa do trabalho manual da jornada pelo trabalho intelectual, rouba esses instantes preciosos às más paixões, se eleva e se depura.

Seria necessário que todos os senhores, que se preocupam com crianças, domésticos, operários de um e de outro sexo não tendo a instrução necessária, fossem obrigados a enviá-los regularmente às escolas ou aos cursos de adultos. Em caso de infração, a multa que lhes seria infligida, sempre dobrada em caso de recidiva, iria engrossar o orçamento da instrução pública.

Seria preciso, também, que, cinco anos depois da promulgação da lei determinando a instrução obrigatória, todos os franceses, homem ou mulher, de vinte a trinta anos, não tendo a instrução primária exigida, fossem privados de seus direitos de cidadãos e tratados legalmente como os idiotas.

Falando da *instrução primária exigida* não é preciso entender somente o que se ensina atualmente nas escolas em que as crianças aprendem — quando o aprendem — a ler, sem compreender o que

lêem, a escrever sem poder fazer compreender o que elas quiseram escrever, tanto a ortografia é fantasista. Instrução irrisória que as deixa, como antes, numa ignorância completa e por conseqüência em uma escravidão moral da qual se abusou muito freqüentemente e da qual ainda se abusa.

O que é preciso na escola primária, são professores capazes, devotados, pais e mães de seus alunos; que desenvolvam, na maior escala possível, a consciência e a inteligência, o sentimento e o saber das crianças, esperança do futuro. Não as confiamos a eles para que eles façam delas máquinas, mas para que eles devolvam à nação seres pensantes, conscientes, verdadeiramente responsáveis, cidadãos, enfim seres humanos dignos desse nome.

X. A NAÇÃO É A FAMÍLIA COLETIVA.

Que inconveniente existe em deixar crescer juntos, como irmãos e irmãs, os filhos de famílias diferentes, se a vigilância é ativa, a educação inteligente e a moral bem aplicada? Se, sobretudo, se eleva os jovens em vista da responsabilidade de seus costumes, responsabilidade cuja ausência gera todas as desordens que desorganizam a sociedade e ameaçam fazê-la cair na corrupção dos costumes? Se eles são habituados desde a infância a compreender que, em uma falta cometida a dois, a culpabilidade é a mesma e que, se ele pode ter nela circunstâncias atenuantes, elas devem favorecer o mais fraco e não o mais forte dos dois culpados, o qual é, geralmente, o instigador.

É muito mais perigoso isolar esses pequenos seres, que devem um dia se encontrar com todas as discordâncias de caráter, de gostos, de inteligência, que nascem do gênero de educação que se lhes aplique.

O homem se crê a fênix e o mestre da criação; a mulher se compraz na idéia de que é apenas o ornamento ou a vítima e, o orgulho de um, o espírito negativo do outro, criam entre os dois uma barreira intelectual freqüentemente insuperável.

Um pouco mais de contacto diário, quando de uma e de outra parte não se põe nem se dissimula, e os homens, perderão talvez sua confiança na superioridade que se atribuem; mas ganharão ao saber compreender melhor essas que devem ser suas companheiras, suas associadas na vida e não seus joguetes ou suas dirigidas.

As mulheres, sabendo que se aprecia nelas outra coisa que não seus encantos exteriores, menos fervorosas pelo culto das banalidades, se esforçarão por elevar sua inteligência e sua razão ao nível que elas podem alcançar; e essas criaturas, vergonha de seu sexo, que parecem existir somente para provocar a dissolução dos costumes, diminuirão logo em número, para terminar por desaparecer da sociedade regenerada.

Aqueles que não querem admitir as mulheres nos estudos elevados seguidos pelos homens, deveriam tomar cuidado; eles parecem temer a concorrência, e verdadeiramente não têm razão. Longe de distanciar a mulher do lar doméstico, uma *educação* séria e uma *instrução* sólida nele a prenderão, porque ela compreenderá melhor a natureza e a grandeza de suas obrigações, porque se sentirá útil, indispensável mesmo.

A mulher é, por natureza, escrava do dever. Aquela que se desvia dele o faz por ignorância ou por consequência de uma má direção.

XI. AOS EGOÍSTAS.

Àqueles que temem que a extensão da instrução cria uma concorrência fatal em todas as carreiras, pode-se responder: o perigo será menor, quando o nível intelectual das massas for elevado, como não o é hoje onde aqueles que adquiriram uma superioridade qualquer sobre o meio no qual nasceram, se crêem desonrados se neles permanecem e não pensam senão em tornar-se médicos sem clientes, advogados sem causas, letrados embolorando na sombra de um estudo, empregados de comércio, presos na vida à gleba do número, ou amanuenses de armazéns, condenados à perpetuidade de fazer valer aos olhos dos ociosos do mundo os reflexos ou as dobras sedutoras de um tecido novo e luxuoso.

Multiplicai a instrução, espalhai-a em profusão; forçareis assim as mediocridades a reconhecer seu lugar e nele se manter.

XII. O QUE O HOMEM PODE; O QUE ELE DEVE.

A dificuldade que se levanta quase insuperável nesse momento, é obter o concurso das mulheres; pois, para cumprir dignamente essa nobre tarefa de educadora, para ser as *mães francesas*, preparando para a Pátria cidadãos integrados e devotados, ser-lhes-á preciso romper com muitos preconceitos, muitos hábitos; ir direto ao objetivo sem se inquietar com os obstáculos que se elevarão diante delas; as malevolências, as calúnias das quais sua rota se semeará.

Certamente, será preciso coragem e energia para essas que, primeiras, levantarão a bandeira da educação nacional, não tendo para apoio senão o amor do bem; para recompensa, senão a consciência do dever cumprido.

São pois as mães capazes de fazer de seus filhos bons patriotas, que é preciso desde hoje afeiçoar e preparar. A França aguarda: o futuro, é amanhã, é a hora que vai soar... É preciso habituar-se à obra, e essa obra, ainda não é à mãe que ela compete, os laços do hábito a estreitam muito para que ela *ouse*, qualquer desejo que dela ela tenha; é ao pai, ao irmão, ao marido, que pertence agir.

Sim, sois vós, pais de família, irmãos, maridos, que deveis vos ocupar da *educação* de vossas filhas, de vossas irmãs, de vossas mulheres; que deveis fortificar sua razão, dirigir seu discernimento; não fazendo-lhe uma oposição sistemática, brutal ou zombeteira, que as encontraria tanto mais rebeldes quanto estariam mais preparadas para a luta; mas guiando-as docemente, afetuosamente, sem que elas sintam a impulsão que lhes dais.

Pai, sede o *diretor* de vossas filhas, desde a infância. Quando, entrado em casa, procurais o descanso das fadigas da jornada, o esquecimento das preocupações dos negócios nas alegrias tão doces da família; quando fazeis saltar sobre vossos joelhos essas

pequenas criaturas graciosas, nas quais já presentis todos os encantos, todas as virtudes da mulher; quando escutais sua tagarelice doidivanas, que manifesta sob vossos olhos experimentados o fundo desses corações abertos a todas as sensações, dessas inteligências maleáveis, tão fáceis de receber a impressão que se lhes impõe, impressão cujos traços não se apagam mais, misturados aos mimos paternais das conversas sérias apropriadas à idade.

Escolhei, vós mesmos, o modo de instrução; fazei-vos dar conta dos estudos, de *todas*. Questionai sobre as impressões recebidas, os juízos feitos, porque a criança julga à sua maneira inicialmente, depois à maneira que se lhe inculca e é essa que deveis zelar com cuidado.

Endireitai, nesses jovens espíritos, as faculdades que se procura dobrar. Ensinai-lhes a *raciocinar retamente*.

Inspirai-lhes a maior confiança em vós, a fim de poder lutar contra as influências ocultas que, para não serem afastadas do lugar, esforçar-se-ão para elevar uma barreira entre elas e vós. Fazei-lhes conceber sobretudo, uma justa desconfiança contra todo aquele que lhes dissesse, sob alguma forma que fosse: “ocultai isto a vosso pai”. Sede seu amigo, seu guia, sua força.

Irmão, um pouco menos de egoísmo em vossa vida. Não pensai, exclusivamente, em vossos prazeres; não vos deixeis absorver pela sociedade pouco severa que vos atrai. Vossa irmã está aí, que tem necessidade de vós. Sois patriota, sofreis do estado de abjeção na qual a nação caiu... Sede digno de levanta-la.

Repeli para longe de vós essa existência de dissipação que debilitou vossos contemporâneos e que fez de uma parte do povo Francês, é muito necessário confessá-lo com tanto de dor quanto de vergonha, impotentes, guiados por incapazes, frouxos, ou traidores, preferindo a ruína e a humilhação da pátria, ao triunfo de uma idéia regeneradora.

Vossa irmã está aí; sacrificai-lhe alguns de vossos lazeres; ela vos será reconhecida por isso, fazei! Como ela será ativa de pas-

sear de braço convosco, de se crer vossa confidente, de partilhar vossas inquietações, vossas alegrias! Como ela se interessará por vossos projetos; como ela seguirá vossos estudos, perturbada com vossos temores, orgulhosa de vossos sucessos; como ela se associará até com vossos trabalhos, se desejardes fazê-la participar deles, disfarçando primeiro a aridez sob o encanto da conversa afetuosa!

Nessas conversas íntimas em que vossos dois espíritos, como vossos dois corações, seguirão fraternalmente a mesma senda, ensinar-lhe-eis a apreciar as coisas e os homens de vossa época; desenvolvereis nela o senso da observação, colocando-a até a comparar os fatos *reais* do passado com os fatos *reais* do presente. E, o dia em que a vida conjugal começará para ela, tê-la-eis preparado para ser uma verdadeira companheira e uma mãe esclarecida, séria, patriota.

E vós, maridos, sobretudo vós, consagreis vossos primeiros anos de casamento para ajeitar para vossos bebês, a mãe que lhes desejais. Não esquecei que esse primeiro período da vida a dois deve decidir de todo o resto de vossa existência; deve decidir do futuro de vossos filhos, do futuro do País.

Não repeli a confiança de vossa jovem mulher embuçando-se em vossa dignidade masculina. Também não fazei a ela, dos primeiros meses de seu novo estado, um sonho de encantamento e de ternura exagerado do qual o despertar será tanto mais penoso quanto ela vos verá retomar vossos negócios friamente, que vos ocuparão toda a jornada, vossos hábitos do grêmio, que vos reteirão uma parte da noite, e, talvez, outros hábitos, mais cruéis ainda para ela, que vo-la farão negligenciar inteiramente.

Ides ser pai: sois Francês; desejais que vossos filhos sejam edificados no amor à França. Não desejeis que ao invés de vossa Pátria, se lhes crie uma pátria mística na qual exigir-se-á que eles sacrifiquem o ouro, o sangue, a honra de seu país, sob o pretexto de caso de consciência.

Desejais que vossos filhos sejam edificados para serem cidadãos praticando seus deveres com austeridade, mas sabendo fazer

respeitar seus direitos com energia... Pois bem! ocupai-vos de vossa mulher. Não a deixeis abandonada a si mesma; a solidão gera o tédio, quando o espírito não está bastante forte para se bastar. O tédio é mau conselheiro para as mulheres jovens; ele conduz à vida dissipada, às excentricidades, aos excessos de devoção.

Não o deixeis tomar pé em vossa casa: ele introduziria logo nela outros inimigos ainda mais perigosos.

Não menosprezeis a inteligência de vossa *companheira*.

Não a condeneis a se encerrar em si mesma; porque, magoada de vosso abandono moral, da inferioridade que a teria ferido, ela procuraria se levantar aos seus próprios olhos, e não tardaria a encontrar as confidentes prontas a lhe reconhecer um valor, a lhe impor um objetivo em relação com seus interesses e seus princípios; mas em completo desacordo com os vossos, com aqueles da sociedade progressiva.

Conjurai, pois, o mal defendendo com vigilância o lugar tão elevado que vos pertence. Dai à vossa mulher uma boa direção conversando coisas graves aos quais vos esforçareis de a interessar, despojando-os de sua aridez: iniciai-a pouco a pouco nas importantes questões da vida social; partilhai com ela o fardo dos negócios. Feliz de se sentir útil, ela se sentirá capaz de vos secundar.

Tendes tanto poder sobre essa alma que a natureza preparou para receber todas as vossa impressões e fazê-las suas! a menina inconsciente ontem, tornou-se por vós hoje, se o quereis, verdadeiramente a metade de vós mesmo; uma cera virgem pronta a receber a forma, o pensamento, a vida do esposo que pode moldá-la à sua imagem, se nisso se dá ao trabalho; mas que se a abandona a outras influências, a encontrará pronta a opor-lhe a violência ou a inércia, a quebrar mesmo sua felicidade doméstica antes do que transigir com o que se lhe terá feito crer um perigo para aquilo que se denomina sua salvação.

Aproveitai, pois, do momento favorável para dirigi-la para o objetivo que vos é necessário alcançar.

Instruí-a docemente, com paciência, sem violentar sua consciência, mas esclarecendo-a.

Não lhe mostreis muito cedo a luz que desejais dar a ela, porque essa claridade assusta-la-ia e se espessariam as trevas de que se envolve a fim de vos separar dela, pelo menos moralmente. E sobretudo, nunca esqueçais que, para cumprir vossa obra, deveis começar por vos tornar digno da empreitada.

Jovens casados, é convosco primeiro, com vossos filhos em seguida que conta a França. Não traias sua esperança! Ela tem necessidade, nossa bem amada Pátria, que se lhe prepare *homens*, não para levar a desolação e a ruína entre os povos estrangeiros, os quais se deveria olhar como irmãos, mas para defender seus direitos e fazê-los respeitar. Que se lhe prepare *mulheres*, não para ser o brinquedo de vossas loucas paixões ou as herdeiras legais de vossas ruínas físicas e morais, para tornarem-se esposas enérgicas e devotadas, mães tanto mais sensíveis quanto serão mais esclarecidas e mais sérias.

Não traias sua esperança, e, em vinte anos, graças a vós, ela poderá, a nossa França, se levantar grande e ativa, mostrando ao mundo como o corpo morto saiu do sepulcro onde o mergulharam a ignorância, a imoralidade, a cupidez, o egoísmo, para estender sobre as nações que olham hoje com piedade e desprezo, a irradiação de sua inteligência, de sua força, de sua lealdade.

Patriotas, à obra!

3ª Parte

EMILIE COLLIGNON
MENSAGENS MEDIÚNICAS



I. A Resignação

Sabeis o que é a resignação, que chamais tão freqüentemente em vossa ajuda? Palavra vazia de sentido para a maior parte; que pronunciais em vossos momentos de incertezas; que impondes àqueles que sofrem e da qual nunca sondastes a profundidade. A resignação, virtude sublime do filho de Deus, sentimento bendito daquele que curva a cabeça sob a mão que parece batê-lo, cujo coração sangra, mas que, submisso, abençoa essa mão e a beija de joelhos. Oh! Meus filhos, compreendi bem o sentimento que deve animar o coração daquele que se diz ser resignado, daquele ao qual aconselhais a resignação. Quantos tomam por esse sentimento o respeito filial à vontade poderosa do *Grande pai de família*, essa atonia inerte do espírito, que, não podendo resistir a essa vontade, a ela se submete pela força, mas com um sentimento de rebelião.

A resignação consiste em receber as dores, os sofrimentos, não somente porque não se pode fazer de outro modo, mas com reconhecimento. É preciso que se diga e se pense que, mesmo quando a vontade humana pudesse estar em oposição aos decretos da Providência, vós vos submeteríeis somente por respeito por essa vontade que vos inflige os castigos sempre merecidos ou as provações sempre úteis. Aprendei, pois, a vos resignar, e dizei ao Senhor: Meu Deus! Que me seja feito não o que eu queira, mas o que vos convenha!

Sim, minha filha, é difícil, mas não é impossível. É difícil aos homens, nutridos de seus erros, aos cegos de ontem, mas não aos videntes de hoje. Dize-me Espírita, se não te sentes mais forte contra a dor? Se os golpes da sorte não te encontrarão firme para os

esperar e resignado para os receber? É que o Senhor vos enviou o grande remédio para vos dar coragem. Ele vos enviou o grande consolador para vos dar a resignação. Hoje, que não vedes nas dores que vos golpeiam um capricho da sorte, mas uma seqüência inevitável e racional das faltas que cometestes; hoje que compreendeis que o Espírito que abandona seu envoltório está pronto e maduro para o julgamento, e que o passo que transpôs de uma vida para a outra é um degrau dessa imensa escada que conduz a Deus, que ele sobe com alegria sem se inquietar com as dores físicas que pode experimentar; hoje, deveis vos regozijar quando um dos vossos vos deixa. Cantai então louvores ao Senhor; cantai: *Hosanna!* àquele que rege o Universo; porque todo Espírito que ultrapassa a barreira da carne que o retém, para lançar-se no espaço, cumpriu um progresso. Tudo está contado pela sabedoria infinita do Senhor. Coragem, pois, nada de fraqueza, nem para ti, nem para os outros. Aquele que se sente forte dá a força; aquele que tem a fé dá a fé, e o Senhor emprega com sucesso a dor como a alegria para conduzir todos os seus filhos.

Coragem e fé, minha filha!¹

¹ CHAPELOT, J. Spiritisme – reflexions : Le Spiritisme, les spirites et leurs contradicteurs. Paris/Bordeaux, Didier et Cie, libraires & Ledoyen, libraire, 1863. 99pp., pp. 68-70.

^À PARIS: DIDIER ET Cie, libraires, quais des Augustins, n. 35; LEDOYEN, libraire, Palais-Royal, Galerie d'Orléans, 31. À BORDEAUX Chez tous les libraires et au Siege de la Société Spirite, rue des Trois-Conils, 41, 1863, N° de Páginas: 99. J. Chapelot, pseudônimo de Jean Condat, nascido em Chapelot, na pequena comunidade de Vindolle (Charente), em 29 de outubro de 1824.

[Observações: 1. O itálico é do original ; 2. Não existe o nome do Espírito que deu a comunicação.].

Rsgatamos este livro na BNF e enviamos uma cópia para o pesquisador Eduardo Carvalho Monteiro que providenciou sua publicação junto a Madras Editora Ltda, São Paulo, 2005. Título da edição brasileira : O Problema da Justiça de Deus e do Destino do Homem – mensagens, cartas e histórias espíritas, obra histórica do espiritismo de 1863, 133pp. [Nota Jorge Damas Martins]

II. FILHOS DO ESPIRITISMO LEMBRAI-VOS.

Filhos do Espiritismo lembrai-vos que sois guiados pela luz divina, que Deus, por um efeito de sua misericórdia infinita, enviou entre vós. Continuai sempre a praticar todas as máximas que vos ensinaram. Sabeis que os Espíritos, ministros das vontades do Todo Poderoso, não vos revelam senão as verdades saídas do coração de vosso Criador. Sede dóceis aos seus ensinamentos e constringei vossa natureza se ela é rebelde; sede sempre plenos de respeito e de ternura por Deus vosso senhor e vosso pai, vosso soberano que vos ama e que quer assegurar vossa felicidade ao preço de tantos sacrifícios entre os quais aquele de seu filho bem-amado não deve ser esquecido por vós; essa lembrança deve encher vosso coração de amor e vos anular em presença de um Deus que tudo tem feito por vós. Sede caridosos para com vossos irmãos, lembrando que sois todos membros de uma grande família chamada a participar da mesma felicidade. Bani de vossas fileiras os ódios, os ciúmes, todas as misérias que existem entre aqueles que não são dignos de ser chamados de os filhos de Deus; perdoai-lhes se eles se distanciam dos divinos ensinamentos da Caridade; orai por eles, vós os reconduzireis a Deus; eles dever-vos-ão sua felicidade, e por essa obra, vós vos atraireis as bênçãos de vosso pai celeste e tereis cumprido um dever sagrado dando-vos acesso junto Àquele que é todo amor e caridade.²

² CHAPELOT, J. *Spiritisme – réflexions : Le Spiritisme, les spirites et leurs contradicteurs*, p. 70.

III. DEIXAI O TEMPO CORRER SUAS ONDAS.

Deixai o tempo correr suas ondas, disputar ao esquecimento as obras humanas, deixai a esse abismo escancarado engolir como nunca tudo o que faz o orgulho e a alegria dos homens. Deixai sua asa devastadora roçar vossas frentes e corromper vossa juventude sem vos inquietar com os estragos que ele pode fazer. Não deveis esperar por todos os acontecimentos? vosso coração não deve estar preparado para sofrer? “*O homem nascido da mulher vive pouco tempo e está sujeito a grandes misérias*”.³ Mas o que são essas misérias para aquele que, certo de seu futuro, colocou suas esperanças *lá onde os vermes e a ferrugem não os podem alcançar?*⁴ O que lhe importa que o tempo insensível restringisse, ao redor dele, o círculo de suas afeições? ele deve chorar porque aquele que ele ama recobrou a liberdade e pode percorrer voando, velozmente pelos espaços etéreos ao arbítrio de sua vontade e de seus desejos? É que o pesar deve apossar-se de sua alma porque esse ser, que é uma parte dele mesmo, não está mais sujeito às misérias sem número que são a parte daqueles que nascem da mulher, isto é, que, tomando um corpo de lama, vêem desvanecer-se o sol brilhante, para consumir-se na obscuridade e no exílio. O que é o corpo, meus bem-amados, o que é a vida senão uma época dolorosa que em nossas lembranças, aparece como um ponto sombrio e negro, como um pesadelo horrível, e quando, livres finalmente, podemos cantar o hino da liberdade e da satisfação, quando nos vemos de novo se desenvolver aos nossos olhos esses horizontes encantados dos quais vossos mais belos sonhos não podem vos dar mesmo

³ Job. [Nota (1) de rodapé, da autora.] [Na Bíblia on-line, Versão 2.0, está assim: Jó 14:1-3: O homem, nascido de mulher, vive breve tempo, cheio de inquietação. Nasce como a flor e murcha; foge como a sombra e não permanece; e sobre tal homem abres os olhos o o fazes entrar em juízo contigo? N. do T.]

⁴ Mt. 6:19-20 N. do T.

uma fraca idéia, e que vossa linguagem limitada é insuficiente para descrever, quando não podemos colher todas essas flores, beber esses cálices que não são senão mel e doçura, quando finalmente nascemos pela morte para a verdadeira vida; oh! Quantos êxtases sem fim, quanta felicidade sem nome!

Pensai, pois, se vos encerrastes alguns anos somente longe da luz do dia, em uma masmorra horrível, que alegria inenarrável invadiria vossa alma com o aspecto do azul do céu, dessas estrelas que brilham no firmamento como doces luzes que vos protegem. Ah! não teríeis bastantes olhos para admirar todas as maravilhas da natureza, não teríeis orelhas bastantes para escutar o canto dos pássaros, as mil sinfonias da criação. Teríeis toda a alma para ouvir, para olhar, para respirar todos esses perfumes, todas essas flores nascidas sob vossos passos!

Muito bem! meus amigos, essa alegria imensa, mas aumentada, sem fim, aí está o que espera aquele que sofre suas provações com paciência e resignação. Os espíritos do Senhor envolvem aqueles que amaram e cantam com eles o doce canto do amor. Eles lhe preparam as maravilhas sem número, iniciam-no pouco a pouco em todos os mistérios, ajudam-no a alcançar esse objetivo que vemos sem cessar diante de nós como um apelo, como uma luz: para a perfeição; e esses labores do espírito são apenas as alegrias contínuas que vão sempre aumentando com a pureza e a inteligência.

Quis, meus bem-amados, dando-vos disso uma fraca idéia do que vos espera, se seguís essa linha reta na qual todo homem de bem nunca deve se afastar, quis elevar vossos pensamentos para o céu, sem pesar e sem esforço, a fim de que vos habitueis a contemplar a morte como uma época abençoada, como um dia de libertação, e não como um espectro horrível que seja digno de todas as reprovações. Esse que pensa muitas vezes na outra vida, isto é, na vida verdadeira e eterna, está certo de não se deixar surpreender pela morte, porque este é um pensamento salutar que impede muito freqüentemente a alma de sucumbir às tentações. Estai sempre prontos porque não sabeis em qual hora agradecerá ao Senhor

de vos pedir conta de vossa jornada; que possais vos apresentar com as mãos puras e cheias de boas obras, que possais sobretudo oferecer-lhe as preces daqueles que tereis consolado e encorajado. Que Deus vos abençoe meus bem-amados e nada tereis a temer dos homens!⁵

⁵ CHAPELOT, J. *Spiritisme – reflexions : Le Spiritisme, les spirites et leurs contradicteurs*, pp. 71-73.

IV. A CHAVE DE DIAMANTE.

Os tempos chegaram em que todo homem deve ver a luz; mas todos não a receberão igualmente. Os raios luminosos que escapam do centro diminuem distanciando-se dele, e seu brilho é menor aos olhos daqueles que buscam fixar nele o seu olhar. Aproximai-vos do centro, somente ali existe o calor que vivifica. Deixai àqueles cuja vista é ainda muito fraca os raios divididos, eles os habituarão à luz e, aos poucos, quebrarão o véu espesso que cobre seu entendimento. Homens, que quereis vos aproximar do Senhor, que quereis vos elevar até aos degraus de seu trono, nunca olhai para trás, porque lá estão as trevas. Que vossas frentes se elevem, que vossos olhos se voltem para o céu que aspirais! Chamai para vós aqueles que o habitam; aqueles que, espalhados no espaço infinito, estão sempre prontos a acudir à vossa voz para vos consolar em vossas dificuldades, para vos fortificar em vossas fraquezas, para vos sustentar na marcha penosa que tendes empreendido; mas não procurais penetrar no santuário do Santo dos santos! Não possuís ainda a chave de diamante que deve vos abrir as portas dele. Essa chave deve repousar no fundo de vosso coração. É a pureza inteira de vossa alma que sozinha vos abre esse lugar de delícias. É a pureza de vossa alma, que sozinha fará descer sobre vós essa luz resplandecente e doce contudo que deve vos iluminar. É a pureza de vossa alma, que sozinha vos fará chegar no seio d'Aquele em que reside toda felicidade, todo amor, toda alegria, e vos fará chegar aí para vos manter aí por toda a eternidade!

Ide, pois, com coragem, nada de tergiversação, nada de temores pueris. Não vos deixeis seduzir pelas divagações de certos Espíritos encarnados ou não.

Da confusão sai a luz. Não se vos disse que Deus fez sair o mundo do caos, o sol das trevas? Assim, de todos esses argumentos sem fundamento, de todas essas idéias mais ou menos errôneas

surgirão as discussões humanas que conduzirão a atenção para o ponto capital. De lá, dos controles que o homem não pedirá e que, então, lhe serão concedidos sem restrição e com toda certeza. Paciência, filhos de nossos corações; paciência, discípulos dóceis e benditos; trabalhai com zelo, com coragem, com perseverança e vereis, das alturas infinitas de onde sereis chamados, vossos trabalhos coroados de sucesso. Plantai a oliveira bendita que deve anunciar a paz aos homens do universo vós o vereis conduzir as palmeiras da paz. *Hosanna!* meus filhos, *hosanna!* porque o homem ressuscita, o homem renasce e Deus o chama a si.⁶

⁶ CHAPELOT, J. *Spiritisme – reflexions : Le Spiritisme, les spirites et leurs contradicteurs*, pp. 73-74.

V. ORGULHO O QUE PODES FAZER?

Estamos sempre prontos a vos esclarecer, meus filhos. Não vos inquieteis, pois, com as dificuldades que podem vos deter; não vos inquieteis sobretudo com os Espíritos orgulhosos que gritam contra vós, e sobretudo contra nos que eles não podem alcançar. Que eles elevem um pouco seus olhares na direção de seu Criador, esses censores orgulhosos, e compreenderão que a barreira que colocaram ao poder do Criador é muito fraca e muito fácil de derrubar! Orgulho da humanidade, que diz ao Senhor: Não poderás mais do que nós não permitimos! Orgulho! o que podes fazer? Podes deter o curso das estações? podes deter a marcha dos astros ou a retardar à tua vontade? podes pôr um termo às calamidades que dizimam as populações? podes impedir os homens de nascer e de se envolver nos cueiros da infância? Orgulho! Árvore vivaz no coração do homem que teremos dificuldade em te arrancar! Mas, paciência e coragem, bons trabalhadores do Senhor; tendes na mão a picareta, atacai a raiz dessa árvore malvada, abalai-a em seus fundamentos e a derrubareis, e seus frutos mortais serão pisados aos pés pelos trabalhadores do Senhor, que cultivarão com amor a vinha que conduza frutos de energia. Vamos, caro filho, não te abatas com os revezes do Espiritismo. Temos nossa joieira nas mãos, e lançamos ao vento tudo o que não é o bom grão. Paciência, coragem e sobretudo fé.⁷

⁷ CHAPELOT, J. Spiritisme – reflexions : Le Spiritisme, les spirites et leurs contradicteurs, pp. 74-75.

VI. NÃO BRINQUEIS COM A VERDADE.

É inútil procurar a verdade, quando não se tem o desejo de vê-la. Que aqueles cujo espírito está carregado de prejuízos, de idéias preconcebidas, de teimosia, em resumo, não venham, pois, dizer: Queremos a luz. Insensatos! que pedis para ver e fechais os olhos pelo temor de ser deslumbrado!

A verdade, essa grande figura que preside a tudo o que é santo, a tudo o que é belo; a verdade pede para ser olhada de frente, não somente com os olhos, mas com o coração. Não vos causais, pois, ilusão, vós que quereis vê-la; é preciso ter a coragem de suportar sua luz. Sua luz é brilhante, mas queima os olhos dos ímpios que se fazem um jogo com suas claridades. Nisso não vos enganeis, vós todos que rides do Espiritismo, que quereis falar dele por gênero, e para dele tirar as conseqüências que o possam destruir: o Espiritismo não acabará. Esse é um fogo ardente que, uma vez aceso, não se extingue mais. Aquele que, mesmo por zombaria, nele quis tocar, encontrar-se-á consumido nele; porque, pouco a pouco, ele penetra no coração do homem, nele faz o seu lugar e dele não sai mais, qualquer que seja o esforço que seu orgulho possa fazer para o arrancar dele.

É uma árvore com raízes poderosas que se estendem secretamente no Espírito, o enchem, e quando se quer lançar longe de si o pensamento importuno, ele se agarrou e o homem, nele, nada mais pode.

Crede-me, pois, não brinqueis com a verdade; não brinqueis com o fogo! Do mesmo modo que Séméléé foi consumida pelo raio, do mesmo modo vossos corações dessecaariam, se tentásseis arrancar à santa verdade que vos trazemos, a luz que ela agita sobre o gênero humano. Orgulhosos ou ignorantes, simples ou fortes, curvai-vos, pois; recebei as centelhas que escapam dessa luz divina; que elas vos animem, que elas vos aqueçam; só elas vos darão o calor da vida, da vida eterna!

Homens, tendes necessidade de ver; tendes necessidade de compreender; tendes necessidade de apreciar o valor das coisas e das palavras. Vossa inteligência está desenvolvida, os ensinamentos devem, pois, ser desenvolvidos. Tendes crescido, vossa fé deve crescer. Vossos olhos estão abertos, a luz deve brilhar. Nada é feito sem um objetivo sério. Se, pois, a verdade tardou tanto a lançar fora de si o seu véu, é que, ainda, não era tempo para que ela se mostrasse em toda a sua pureza; não a teríeis compreendido; não mais do que aqueles que a rejeitaram todas as vezes que, para não se deixar esquecer, ela levantou um canto desse véu que ela rasga agora.

Bendito seja o Senhor que, do alto de seu trono imutável, lançou um olhar de amor sobre suas criaturas. Bendito seja Aquele que lhes tendo já uma vez traçado a rota que deviam seguir, vem, ainda, hoje lhes dizer: Segui-me; eu sou o bom pastor. Bendito seja o Senhor, e bendito três vezes.⁸

⁸ CHAPELOT, J. Spiritisme – reflexions : Le Spiritisme, les spirites et leurs contradicteurs. pp. 75-76.

VII. A MISÉRIA DOURADA.

Há muitas Misérias sob vosso céu, e nós, muitas vezes, as temos recomendado à vossa piedade; mas existe uma delas que, até aqui, não assinalamos, e que contudo envergonha uma grande parte de vossa sociedade: Esta é a *Miséria dourada!*

Em lugar dos andrajos repugnantes, ela se veste com caxemira, se abriga com casaco fino; ela não suja os pés descalços na lama das ruas, mas se deita na realidade de andrajos ou saltita em pangaaré.

Ela não estende sua mão tiritante para receber nela a fria esmola do transeunte; ao contrário, ela deixa cair sua peça de ouro na bolsa da *pedinte oficial*, da ponta de seus dedos róseos guardados de anéis brilhantes onde sua mão feminina, crispada pela angústia, a lança sobre o tapete verde.

Ela não mendiga, oh não! Que vergonha! ela usa dos ardis; não é mais honroso? Não é preciso brilhar? E para alcançar esse objetivo, todos os meios não devem ser empregados?

Desconfiai dessa miséria; como uma lepra ela é contagiosa, e sua epidemia se estende, se estende..... e acabará por vos contagiar a todos!

Como esses livros vergonhosos que, uma mão honesta não tocaria, guardam sua ignomínia sob o marroquim e a borda dourada, essa Miséria que vos assinalamos se oculta sob um luxo factício, mas corrói surdamente os infelizes que são atingidos por ela e a ela se entregam, não tendo a nobre energia de combatê-la.

Não existe um entre vós que, mais ou menos, não seja atingido por ela; não há um que não dissimule uma necessidade secreta, que não se prive de um bem-estar interior, que não subtraia uma aposta à esmola, para revestir a libré da *Miséria dourada*.

Não há um que não prefira restringir em sua mesa o alimento saudável que não é estritamente necessário; restringir em seu fo-

gão, o fogo que não arde para o público, para consagrar ao luxo exterior o que restringiu ao bem-estar da família.

E entre vós, nisso pode-se encontrar quem, não podendo mesmo ao preço dessas privações, alcançar o degrau que cobiça, emprega a astúcia, abusa da confiança e da vaidade às expensas do provedor, que não ousa reclamar dele não obstante o preço de suas provisões.

Mas um dia virá contudo em que toda conta deverá se ajustar, e então a *Miséria dourada* verá cair um a um, os farrapos perigosos com os quais ela se cobre; e a Miséria negra, a verdadeira Miséria, a envolverá com seus andrajos horríveis; e a pobre não terá até a consolação da lamentação, porque aqueles que a imitaram ou lhe deram o exemplo, serão os primeiros a cobri-la de desprezo.

Tudo é factício em vosso mundo, até vossas provas de interesse.

Alguns, ditos economistas, poderão, escutando-nos, gritar: Se destruí o luxo, o que se tornarão os trabalhadores que só vivem do produto do luxo? Se não aprovais as vestimentas de seda e de veludo para aqueles que podem ter bastante para isso, como a outros bastam o burel; se condenais esses móveis, faustosas futilidades de orgulho dos quais o mais simples artesão busca ornar seu reduto, copiando sempre o que não pode alcançar, o que se tornarão nossas manufaturas, mesmo nossos artesãos, que vivem do produto dessas futilidades da vaidade?

O que eles se tornarão? Vamos vo-lo dizer.

Não tentando subir mais alto do que sua posição o exige, suas necessidades serão menores. Não encontrando também vastos ateliês, em que sua saúde se esgote, em que seus filhos se estiolem, eles não abandonarão mais sua mãe nutridora para se amontoar nesses centros de depravação que chamais de cidades; eles se conduzirão em direção à cultura, abandonada; eles, contudo, tecerão mas a vestimenta quente antes que a luxuosa; eles ainda abastecerão a mesa do rico, mas do alimento saudável antes do que o solicitado; sua mesa também estará melhor abastecida e o pobre, nela poderá

vir se sentar, sem que eles temam de privar o filho da família do pedaço de pão dado ao filho de Deus.

Não temais, todos tendes vosso lugar ao sol; mas é preciso saber tomá-lo, sem invejar aquele de seu irmão. A cada um o que lhe toca.

ESPÍRITO FAMILIAR.⁹

⁹ Mensagem recebida no Centro Espírita de Bordeaux. Extraída de *Le Sauveur des Peuples* [O Salvador dos Povos], Bordeaux, 1º ano, N° 2, pp. 3-4, 7 de fevereiro, 1864.

VIII. O ORGULHO

O ensinamento espírita não deve se limitar em divulgar os princípios da doutrina, se doutrina há, bem-amados; não são somente as lições verbais que deveis fazer repetir aos vossos ouvintes, como as crianças repetem o que leram em seus livros, sem tê-lo compreendido, sem desejar compreendê-lo.

O ensinamento espírita é a teoria desenvolvida, para facilitar a prática dele, pois sem a prática a teoria é mais perigosa do que útil.

Vossos cursos devem estar abertos a todo aquele que quiser entrar nele, pois a luz foi feita para ser posta sobre o facho, e o facho deve estar elevado acima da multidão, para que todos o vejam e se iluminem com seus raios, se aqueçam em seus fogos.

E não creiais, amigos, que a classe ignorante, infeliz, esteja só, nessas condições de obscuridade, que necessitam que se lhe leve o facho acima de sua cabeça. Não; todos, tendes necessidade de participar da luz; todos, tendes um ponto obscuro no fundo do coração onde o raio divino deve penetrar; todos, tendes morrão fumegante, pronto a se extinguir, que é preciso avivar, aproximando-o da chama eterna! Mas para que brilhe ainda, esse triste morrão, é preciso dar-lhe o alimento necessário à sua existência: este alimento, é a Fé.

A Fé!... Quantos há entre vós que a compreendem? Para a maior parte, esse auxiliar poderoso, que deve vos sustentar em todas as provações de vossa vida, é apenas uma figura débil, indecisa, da qual os olhos fechados estão ainda recobertos de uma tripla venda; e infeliz de quem desejasse levantá-la!

A quem serve uma fé cega? Para conduzir os cegos? Não: a Fé não tem venda; ela tem, ao contrário, um facho cuja claridade deve guiar vossos passos nas trevas de vossa existência. Sua luz se espalha sobre o passado, ilumina o presente e faz adivinhar o futuro; ela vos estende uma mão poderosa e vos sustenta para vos fazer

ultrapassar cada obstáculo em sua rota; ela tem a voz vibrante e forte, e seus cantos penetram no fundo de vossos corações para despertar àqueles que ainda dormitam; ela tem o pé firme e sua marcha regular vos conduz na via reta, mas árida e escarpada, pois seus olhos inteligentes estão abertos; ela sabe o caminho que deve vos fazer percorrer e vos guarda aí, com solicitude.

Mas a Fé não é única: mãe fecunda, ela gera o Amor e a Caridade, saídos ao mesmo tempo de seu seio! O Amor, que sobe sem cessar, buscando encontrar o centro único de onde emana, seu pai bem-amado, que o atrai; a Caridade, que desce sobre os homens, os envolve com seus braços amorosos, os aquece com seu hálito poderoso, os instrui, os moralisa, os alivia do peso que os mantém fixados ao solo e os conduz sobre a rota em que a Fé os precede.

Para que o ensinamento espírita seja proveitoso aos homens, é preciso que aqueles que o professam o pratiquem também; é preciso que eles dispersem de seus corações os sentimentos que querem banir do coração de seus discípulos; é preciso que rechassem o orgulho!

O orgulho é múltiplo; ele se aplica em todas as fases da existência humana, em todos os seus atos, mesmo os mais puros, pois ele se oculta muitas vezes na humildade.

Fulano é orgulhoso de sua posição, de sua fortuna; tal outro de sua beleza, de seu espírito, de seus conhecimentos; este, sem confessá-lo abertamente, se olha em seu coração como o benfeitor de seus irmãos, porque dotou a sociedade de tal ou tal descoberta útil à humanidade, à ciência; aquele expõe sua vida para seus semelhantes por um movimento espontâneo, mas lamentaria que não o levassem em consideração e que a voz do povo não citasse seu nome; esse outro sacrifica seu tempo, seu bem-estar em aliviar seus irmãos infelizes, mas espera que, passando, os pobres o apontem como seu pai, seu sustentáculo, que a caridade pública o inscreva sempre na cabeça de suas listas, de suas instituições; tal outro, enfim se humilha, se faz humilde e pequeno diante de todos, esperando que todos lhe façam a justiça que ele crê ter merecido, que o elevem acima do nível que ele deveria ocupar.

Orgulho! orgulho! orgulho!... O homem é um átomo no universo, menos até do que um átomo; seus atos nada são diante do Senhor; que necessidade o Senhor tem do homem?

Tudo pois, na existência humana, tem em vista o seu bem-estar, o seu progresso, o seu futuro. Seja qual for a conduta do homem, quaisquer que sejam seus sentimentos, é para ele ou contra ele que ele trabalha.

A humildade sincera é, pois, o único sentimento que o homem deve experimentar diante da imensidade do Criador. Todas as suas ações, todos os seus devotamentos são deveres que ele cumpre; deveres de submissão diante de Deus, porque Deus os impõe; deveres para com ele mesmo, porque ele deve aproveitá-los.

Que, sondando seu coração, o homem não procure, pois, as virtudes que ele lá pode achar, mas somente os vícios que ele deve destruir lá; terá sempre que se desenraizar, tanto mais ele se crer perfeito, tanto mais deixará o orgulho lançar suas raízes filamentosas e sutis, primeiro, depois dando logo nascimento a um caule poderoso, cujos ramos numerosos o enlaçam, o constroem, tanto mais ele se sentirá arruinado por causa dessas virtudes com que ele fazia um trono para si, no fundo do remorso em que o homem acaba de se despenhar quando os olhos do espírito estão abertos.

Mas quem, pois, pode ser salvo?

Só aquele que, colocando sua esperança em Deus, tem a consciência de seu pouco valor; que faz o bem para render homenagem a seu Criador, sem esperar recompensa nem dos homens, nem mesmo do Senhor; que é terno e indulgente para com seus irmãos, sentindo quanto tem necessidade da ternura e da indulgência de todos; que fala pouco de sua humildade, mas é humilde sinceramente; que não ataca de anátema o orgulho de seus irmãos, mas combate em si mesmo o orgulho inerente à humanidade; que não espera reconhecimento de seus servidores, mas ao contrário os abençoa em seu coração de tê-los posto do mesmo modo a praticar em segredo uma virtude agradável ao Mestre; que não se olha como privilegiado, se possui fortuna e poder materiais ou intelec-

tuais, mas agradece a Deus de lhe ter concedido os meios de dividir o que tem com aqueles que não têm; que põe sua força a serviço do fraco, sua vista a serviço do cego, seu espírito a serviço do idiota, seu coração a serviço de todos!

Eis aí o ensinamento espírita tal como a teoria o demonstra, tal como o espírita deve praticá-lo.

ESPÍRITO FAMILIAR¹⁰

¹⁰ Mensagem recebida pela médium Sra. E. Collignon. Extraída de *Le Sauveur des Peuples*, 1º ano, N° 7, pp. 3-4, 13 de março, 1864.

IX. MARGUERITE¹¹

“Havia um campo verde, verde..... como uma esmeralda lapidada em facetas; porque brilhava ao sol, embelezada que estava pelas flores primaveris que se abriam no meio da relva. Entre todas essas flores, uma tinha mais brilho que as outras; era branca, branca como o puro vapor que sobe do lago, quando o sol se levanta no horizonte. A extremidade de suas pétalas delicadas era rosada, como se um raio do sol viesse se fixar em cima; seus pistilos, reunidos em feixe, formavam-lhe uma coroa de ouro.

“Oh! como era bela! como era graciosa, quando a brisa da tarde a balançava suavemente! como era altiva, quando a extremidade rosada se orvalhava em seu cálice e o sol vinha se contemplar nela! Ela era feliz... e contudo, uma negra inquietação brotava no fundo de seu coração: ela era ambiciosa. — Tão encantadora, viver ignorada, misturada à multidão das centáureas, das papoulas, dos botões de ouro, que crescem ao redor dela, muitas vezes a ultrapassam e a cobrem com sua sombra! Que triste destino! Como posso, como essas flores odorantes que se amontoam nas eiras, cativar os olhares, atrair a admiração! Como posso embriagar-me com meus perfumes, como encantaria com minha visão, como posso!.....

“Um dia, um curioso passa no campo. A margarida graciosa elevava sua cabeça delicada para atrair seus olhares.... muito bem! Ele a viu!

“Essa pequena flor parece mais fresca, mais preciosa que suas companheiras; é preciso que eu a estude.... e sua mão desce na

¹¹ Em um grupo onde se acabava de evocar os Espíritos sofredores, um dos médiuns, a Sra. Collignon, depois de ter traçado várias linhas curvas, como uma cetra pretensiosa no meio da qual o espírito que se manifestava escreveu este nome: Marguerite, pensava ter relação com um espírito leviano que se dispunha a despedir, quando recebeu a comunicação acima. Note do Diretor de jornal *Le Sauveur des Peuples*, Sr Lefraise.

direção da pobrezinha, a destaca de seu caule, a leva na direção de seus olhos, e para constatar toda a sua beleza, contar as pétalas numerosas que a adornam, uma a uma, ele arranca essas pequenas folhas brancas marcadas de rosa, das quais ela estava tão orgulhosa; com um instrumento pontudo, ele lhe rasga o coração para separar seus pistilos, inferir de seu comprimento, de sua forma..... E joga fora a pobre mutilada, ofegante, no meio de suas companheiras que se desviam com desprezo para não serem manchadas com seu contato!”

“A pobre Margarita, sou eu! as infelicidades da flor dos campos, eu as experimentei. Simples, encantadora, mas ambiciosa, eu quis ser admirada e sofri a sorte de toda flor que se arranca de seu caule.

“Não, não sou um espírito leviano; sou um espírito arrependendo-se. Sofro do passado, espero no futuro e conto com o apoio daqueles que compreendem o valor da prece sincera, empregada na caridade.

“Se atraí a atenção, é porque tinha necessidade de falar; não me queirais mal, pois. Pobre de mim! a ambição e o orgulho, talvez, ainda não estejam extintos em mim. O desejo de me pôr em evidência me impeliu. Orai por mim, orai para que eu seja humilde de coração, e que o bom Deus vos dê o que espero obter de vós.

“MARGUERITE.”¹²

¹² Mensagem extraída de *Le Sauveur des Peuples*, 1º ano, N° 18, pp. 2-3, de 29 de maio, 1864.

X. OS OBSTÁCULOS

Existe um país bem longe, bem longe daqui, onde o homem ainda não tinha aparecido. Os felizes habitantes desse país eram os caracóis, as toupeiras, as minhocas e outros animais pacíficos, felizes de viver no *statu quo* em que se encontravam; mas eis que um dia um grande rumor se espalha entre esse povo privilegiado: o homem tinha penetrado no país e nele implantava imediatamente suas invenções.

Os caminhos estavam pouco praticáveis; as toupeiras cruzavam seus condutos subterrâneos, onde ninguém pensava de as seguir; as minhocas levantavam suas montanhas de distância em distância, e as formigas se aproveitavam delas para construir seus pequenos palácios. Os caracóis, únicos meios de transporte que se conheceu até então, viajavam pacificamente, deixando atrás deles seu rasto prateado, para indicar a rota a seguir. Qual foi o seu espanto quando viram preparar uma via férrea? — O que dizer? Vão transtornar o país e nos enterrar sob nossos edifícios? Essas máquinas imensas que se transportam com tanta dificuldade não vão esmagar a concha de nossos veículos pacíficos? Eia! Nada de inércia; coloquemos um freio a essas invasões! E no mesmo instante as toupeiras cavam inúmeros subterrâneos, a fim de que o solo abalado se arrase sob o fardo que deve suportar. As minhocas se apressam a cavar a terra e a acumular grão a grão para erguer obstáculos. Os próprios caracóis inquietos com tal concorrência, sobem ao longo da locomotiva para examinar curiosamente esse novo animal...

Mas como? nem cabeça, nem patas, nem cauda! Isto não pertence a nenhuma espécie, não pode viver, não pode mover-se! E recolhendo seus chifres, deitando-se preguiçosamente em suas conchas, eles esperam, colados ao longo da pesada máquina, que, o ardor do sol diminuindo, possam, sem fadiga, tornar a ganhar os ramos verdes e tenros que fornecem sua alimentação.

Mas os trilhos estão postos: a locomotiva se agita, e todos os monstros que a seguem, encadeados em seu destino, se põem em movimento após ela.

As minas das toupeiras ressoam surdamente e as gelam de medo no refúgio que elas se prepararam; mas nem um grão de areia se solta; a locomotiva arrasta sempre seu comboio.

As minhocas examinam com atenção suas montanhas. Tristeza! um raio de sol, uma rajada de vento bastaram para reduzi-las a pó. Então, furiosas mas cheias de devotamento à santa causa que servem, se lançam através nos trilhos, esperando parar essa corrida rápida!... O comboio, lançado a toda velocidade, salta sobre a via férrea; as minhocas, poupadas pela força mesma do impulso, compreendem que seria prudente bater em retirada, e escorregam a toda pressa para o meio do caminho. Um único vagão, passando, lhes amassa um pouco a cauda... Bem felizes de estarem livres, dele, por tão pouco!

Quanto aos caracóis, solidamente unidos à parede que os arastava, chegaram ao termo, todos maravilhados de ter tão depressa chegado e se felicitam por sua atividade.

Que vossos obstáculos se elevem aos raios do sol, que eles se amontoem na sombra, o pensamento poderoso que se põe em movimento entre vós, percorrerá seu curso, passando com um pulo ousado sobre as nonadas de palha que procurais opor a ele.

Indiferentes, chegareis ao objetivo como os outros, um pouco atordoados talvez; o vento que sopra sobre vós amontoa em seu turbilhão tudo o que encontra em sua rota.

MARGUERITE¹³

¹³ Mensagem extraída de *Le Sauveur des Peuples*, 1º ano, Nº 19, pp. 2-3, 5 de junho de 1864.

XI. O CAMPONÊS E O BOM CURA¹⁴

Perdão, desculpe se venho para lhe falar também, mas tenho um tantinho de desejo de dizer minha palavra e ela não será talvez pior que outra. Há-as para todos os gostos neste mundo.

Vou, pois, dizer-vos que sou um bom camponês que não aprendeu grande coisa, mas que também tem vontade de saber muito... (O Espírito, que fazia a médium escrever com a pena de escrever virada, interrompeu-se porque esta se obstinava em ter sua pena de escrever no sentido ordinário.) — Não, prefiro assim, retomou ele, virando-lhe a pena entre os dedos. — Eis, pois, o que eu queria vos dizer: não deveis interromper-me porque eu perderia o fio da palavra.

Ora, havia em nossa aldeia um cura que era jovem, mas que era ardente, arrebatado, que quando o contrariavam punha-se imediatamente em cólera. Eram as cóleras santas, que diziam desse modo, porque ele se irritava sempre a propósito das missas e das festas, a prova é que um belo dia ele se encolerizou tanto, que se esvaiu em sangue.

Então, para ver, nos enviaram um outro que conversara com seu bispo, não sei porque. Logo, ele estava em queda:

Eis um santo como ali seria necessário sempre e que dele não se encontra muito!

¹⁴ A mensagem foi obtida há oito dias [29 de maio de 1864, domingo], em nossa presença [Sr Claude Armand Lefraise, Diretor de Le Sauveur des Peuples], em uma pequena reunião; toda inteira ela foi traçada em menos de dez minutos, apesar da dificuldade que suscitava o Espírito obrigando a médium a escrever com o verso do bico da pena, a qual era imediatamente voltada nesse sentido, todas as vezes que a médium queria se servir dela como é do uso comum; enfim, apesar de seu comprimento e da extravagância de sua ortografia e de seu estilo que, sabemos-lo, não é do gênero ordinário daquele obtido pela médium. Nota do Diretor, Sr Lefraise. Lefraise ainda informa que essa comunicação, bem como a anterior: Os Obstáculos, “encerram ensinamentos que nossos leitores saberão compreender e apreciar”. Nota de JDM

Eu, eu estava determinado; minha mulher Catherine, que todos diziam que era uma santa porque não deixava a igreja, sempre me fazia cenas porque nela nunca ia. Imaginai-vos que eu tinha seis filhos que precisava nutrir indo cultivar a terra em proveito dos outros, o que não rende grande coisa, e tinha um pequeno pedaço de terra para mim que trabalhava no domingo. Precisava muito viver. Então, eis que o novo cura, me disse um dia desse modo:

— Eh! Jean, eis aí breve um mês que estou à frente de minha paróquia e ainda não viestes à missa. Contudo, tendes filhos que é preciso levar a aprender.

— Ah! que lhe digo, senhor cura, é que vedes, não tenho bastante do que nutri-los com o que ganho e falta muito para que eu faça o que posso para fazer melhor. — Mas, o que me diz desse modo, não é uma razão para não vir à missa assim. — Ah! sim, senhor cura, já que trabalho meu campo no domingo. — Mas, o que me diz, é que trabalhais desse modo todo o dia sem vos repousar? não é razoável: o bom Deus, que sabe bem porque fez as coisas e que as fez sempre bem, quis que se tome um dia de repouso na semana, para não esgotar suas forças no trabalho.— Ah! bem, que respondo, quando tenho trabalhado até duas horas, ia-me à casa do padre Louis e me repousava nela tagarelando com os amigos.

— Sim, desse modo, o que me diz nosso bom cura, rindo um pouco com sua aparência tão doce, com seus cabelos brancos, mais belos que uma coroa de casada; sim assim, mas... mas... quando se tem tagarelado com os amigos, tem-se a garganta seca, é preciso beber um pouco, e às vezes bebe-se muito, e quando se volta p'ra casa às vezes se bate em sua mulher que não tem a cabeça boa, e se dá um mau exemplo aos seus filhos de que se responde diante do bom Deus. Vede, meu amigo, o que me diz desse modo, um padre é um pastor ao qual o bom Deus confia as ovelhas: a umas muito, a outras pouco; mas nisso é preciso que o pastor tenha cuidado delas, porque o bom Deus pedir-lhe-á contas e, se as perdeu por sua falta, ele será punido. Vejamos, meu filho, o que me diz, esse bom padre cura, façamos uma convenção para nós dois: Tendes

cuidado de trabalhar no domingo, compreendo assim; mas podeis do mesmo modo ouvir a missa com vossa mulher e vossos filhos, nos domingos e dias de festa. Assim estará bem na região; dir-se-á desse modo: Ali está Jean-Pierre que é um bom rapaz, que nunca fazia seu dever; mas desde que seus filhos se tornaram grandes, sente que a eles lhes deve o bom exemplo, e vedes se ele falta a ele! É um homem honesto. Isso dará um bom exemplo, meu filho, e como não é preciso que vossos filhos sofram por isso, do mesmo modo que o corpo tem necessidade do pão de cada dia que podeis ganhar, do mesmo modo a alma tem necessidade do bom pão do bom Deus que ensino a adquirir, pois bem! trazei vossos filhos e, depois da missa, sairemos juntos e dar-vos-ei uma mão para trabalhar vosso campo; os pequenos nos cantarão, durante esse tempo, os cânticos que alegram o bom Deus; isso os impedirá de bancar os biltres com os outros, que não ouvem coisa alguma, e quando o trabalho terminar, ao invés de ir para casa do padre Louis, viríeis à minha casa beber um gole e conversar um pouco. A boa Catherine estará mais contente com isso; lamentará menos, e eu me disporei para que ela permaneça um pouco mais em seu lar do que na igreja. Assim está bem, bom homem?

— Ah! o que lhe digo, senhor cura, se todos os sacerdotes fossem como vós, não haveria nem sujeitos bêbedos, nem coléricos, nem maus de nenhum gênero na terra! Irei à missa com o rebanho, senhor cura; irei também algumas vezes pedir para conversar um pouco convosco, salvo a vosso respeito, mas não quero que vos fatigueis em trabalhar em meu campo. Isto seria uma vergonha para mim, e se ficásseis doente por isso, eu nunca mo perdoaria! — Muito bem! o que me diz, como quereis, meu amigo; mas irei do mesmo modo convosco após a missa para vos ajudar um pouco. O bom Deus dá conta da boa vontade, e se não estou bastante forte para vos assistir com minhas mãos, muito bem! ajudar-vos-ei com as minhas preces, e o bom Deus nunca está surdo, quando elas vêm do coração.

E aí está de que modo tenho estado todos os domingos e festas

na missa, do mesmo modo que tenho feito a Páscoa todos os anos e que jurara, após a primeira comunhão que não voltaria àquelas asneiras. Mas era tão bom nosso bravo cura, tão bom, que o bom Deus fez dele um santo em seu paraíso e que o vejo neste momento, todo brilhante como um sol, com seu bom rosto tão doce, seu sorriso que dava vontade de se pôr de joelhos diante dele, e seus belos cabelos brancos, que o bom Deus, evidentemente, não os tem mais belos!!

Aí está o que tinha para vos dizer: não falei como vossos bons senhores, mas certamente, disse o que é: é que se todos os sacerdotes fossem como meu cura, não haveria voz bastante para cantar louvores ao bom Deus; nem bastantes corações para o adorar, nem mãos a serviço dos corações para se estender a todos aqueles que delas teriam necessidade.¹⁵

15 A médium, espantada do esforço que fizera para lhe impor esse estilo estranho e da persistência que o Espírito tinha posto, apesar de sua oposição, para lhe fazer ter a pena às avessas fazendo-a escrever, pensava ter a ver com um espírito leviano, em razão da forma do ensinamento, ainda que no fundo lhe parecesse ter um alcance sério. Para tirar a médium dessa alternativa, seu guia lhe fez escrever o que segue:

É um exemplo dado, querida filha. O Espírito que se comunicou não está carregado do fardo da ignorância que parece levar; mas, quis vos fazer o quadro de sua última existência, conservando-lhe todo o seu estilo ingênuo. Como vo-lo disse, é um grande ensinamento que dele se deve tirar. Os homens são, em geral, em todas as classes sociais, o que os fazem seus superiores. Escolhei, pois, escrupulosamente, chefes de família, os preceptores, os professores, os guias que dais aos vossos filhos, porque dessas impressões da juventude, dependem todos os sentimentos do porvir. JOSEPH. – Nota do Diretor Sr. Lefraise.

Mensagem extraída de *Le Sauveur des Peuples*, 1º ano, Nº 19, pp. 3-4, de 5 de junho de 1864.

XII. O ORVALHO

Vedes todos os dias, meus amigos, as gotas de orvalho que caem do Céu se pôr sobre as plantas que uma longa seca murchou, e sob essa influência benfazeja as plantas prestes a morrer retomam a frescura, se endireitam e levantam em direção ao sol suas cabeças riosas, como que para agradecer ao poderoso Senhor que concede a cada um segundo as suas necessidades.

Pois bem! meus amigos, hoje, todos vós que vos reunistes neste lugar, podeis, orvalho benfazejo, levar vossa gota d'água para refrescar essas pobres almas que a fome torna insensíveis em suas angústias, porque a fome as queima e poderia levá-las a blasfemar no excesso do sofrimento!

Não esqueçais, filhos bem-amados, que cada um deve seu concurso a seus irmãos; não esqueçais que sois todos filhos de um mesmo pai e que por essa razão, deveis sempre estender-vos uma mão fraternal, seja qual for a necessidade do momento.

Fazemos aqui um apelo a cada um de vós em particular. Seja qual for a vossa classe, seja qual for a vossa posição, dizemos: Podeis dispor de uma gota d'água, e essa gota bastará, talvez, para deter a morte prestes a arrebatá-la sua presa, para fechar a boca prestes a maldizer, e abrir seu coração desolado à esperança e ao reconhecimento, essa doce virtude, filha do amor e que a caridade produz a toda hora!

Cada um de vós, meus bem-amados, pode e deve vir em socorro de seus irmãos; é um dever sagrado que Deus lhes impõe, é um dever sagrado que devem cumprir com alegria, por amor antes de tudo, pode ser, muito também por um sentimento de personalidade que vamos vos explicar.

Todo melhoramento das raças não se obtém senão à força de calamidades; estais sobre a encosta, deveis segui-la, porque é descendo rápido essa encosta que vós vos elevareis mais rápido ainda

em direção a essa perfeição, objetivo único de todo espírito. Ora, se as calamidades começam a pesar sobre vossos irmãos, por que elas vos poupam?

Por que, só eles teriam de suportar esse fardo pesado?

Aguardai, pois, vós também, em sofrer vossa parte de miséria, vossa parte de sofrimentos; aguardai em ter, vós também, um dia mais ou menos distante, necessidade dessa caridade benevolente à qual fazemos apelo a todos.

É, pois, um empréstimo, meus bem-amados, é um empréstimo que nós vos persuadimos a fazer aos vossos irmãos sofredores, e nós nos encarregamos de vos avaliar os interesses. Concedei em amor, recolheis em felicidades. Oh! dai, dai todos os vossos tesouros, porque nós não vos pedimos somente a esmola do supérfluo, pedimos a cada um de vós de se impor uma privação útil aos irmãos sofredores, de se impor com alegria, com felicidade, pensando na consolação que essa privação deve alcançar aos pobres operários sem pão, sem vestimentas, sem fogo, sob um céu mais rude que o vosso! Oh! dai, dai amigos, dai com felicidade, porque a esmola bem feita se multiplica como o pão que esse grande Modelo de Caridade partia entre seus dedos, para nutrir uma multidão faminta. Vede, era-lhe preciso muito pouco de pão para produzir muito de alimento! Por que? Porque com esse pão, ele dava seu amor; porque toda a sua alma se compadecia dos sofrimentos dessa multidão faminta, ela mesma se servia, por assim dizer, para a saciar.

Vós também, meus amigos, podeis operar esse milagre espiritual; não estamos aí para fazer frutificar vossa esmola, e não sabeis que o óbolo da viúva foi melhor recebido do que o rico presente do fariseu orgulhoso. Por que ainda? Porque a viúva dava, não do seu supérfluo, mas do seu necessário; não somente o pão de sua jornada, mas seu Bcoração com esse pão, seu coração que ela oferecia a Deus como um holocausto de bom odor que pôde torná-lo favorável aos pobres a quem ela o dava.

Imitai esse exemplo, meus filhos, e que rico e pobre traga seu óbolo, o dinheiro da viúva, isto é, não o supérfluo, mas um pouco do seu necessário e sobretudo de seu coração.

O orvalho refresca as plantas sedentas, e caindo gota a gota no solo, ele acaba por fazer um arroio límpido que cresce logo e forma um lago tranqüilo onde todos os dias o sol vem tirar novos alimentos para novos orvalhos, associação mútua que faz com que tudo retorne à massa comum para sempre prover às necessidades de cada um.

Imitai esse orvalho benfazejo, e que as pérolas que depositareis uma após outra venham formar um cofre de boas obras que o Senhor guarda com alegria e do qual tirareis para vos ornar quando o dia de aparecer diante do juiz tiver chegado.

Que o Senhor, que penetra nos pensamentos íntimos, dispõe vossos corações, meus bem-amados, para que vos renda férteis em boas obras, e que, quando o sol se levantar para amadurecer a seara, encontre todas as espigas cheias e prontas a fornecer uma abundante colheita.

Velamos sobre vós, velai sobre vossos irmãos.

UM BOM ESPÍRITO.¹⁶

¹⁶ Mensagem extraída de *Le Sauveur des Peuples*, 1º ano, N° 24, pp. 3-4, 10 de julho de 1864.

XIII. HISTÓRIA DE DOIS FEIXES DE LENHA

Um poeta, um moralista tão espiritual quanto simples e encantador, narrou-vos em versos graciosos, a história de um ancião, de seu filho e de um feixe.

Não tentaremos versificar o apólogo seguinte, o médium não o poderia, mas narrá-lo-emos, para vossa instrução a história dos dois feixes de lenha.

Dois feixes de lenha, é muito pouca coisa, o que de bom pode sair daí? São bordoadas? — Não certamente, mas entretanto, pode ser uma correção, infalivelmente um conselho.

Um pobre lenhador, desejoso de ganhar sua vida, como todos os são, fora à mata. O que fazer na mata, se não são os feixes? Deles ele só queria um, mas um grande, modelo, de madeira escolhida, da qual todos os feixinhos fossem retos, lisos e bem feitos. Escolhe, pois, de ramo em ramo, tarefa de apanhar a flor... das madeiras; depois, quando seu feixe está pronto, ele o amarra... mas eis que os ramos fracos se retorcem, se curvam. Ele os toma, os retira com humor e os lança longe. A madeira verde posta em liberdade, sob os raios do sol, trabalha cada vez mais, e de um pouco curvado que estava torna-se inteiramente torcido! Impossível de fazê-lo entrar na massa, porque é um feixe reto e unido que ele deve entregar. Ele recomeça, pois, e se põe à obra. Ei-lo cortando ainda com toda força nas árvores seculares, mas, ai de mim! são sempre ramos defeituosos que juncam o solo; são sempre bastões nodosos. E como, pois, se terminará, esse feixe? Contudo, ele o necessita; o amo o pediu, o pediu belo e bem feito.

Desajeitado, diz um velho habitante da floresta, tu te matas em uma procura louca; queres encontrar a madeira reta. Reúna, pois, tuas forças para endireitá-la; tome o que se ache e trabalhe-o: terás dificuldade, sem dúvida, mas também terás mais mérito; porque se teu feixe contenta o senhor, poderás dizer-lhe o que ele te custou, e sabes que ele te levará isso em conta.

Nosso lenhador não era um tolo, e a prova é que ele recebia um conselho sem se revoltar, escutava-o com atenção e sabia tirar partido dele.

Então, ele voltou para os ramos torcidos que lançara longe; apanha-os, umedece-os com cuidado, os expõe ao ardor benfazejo do sol, e, combinando com habilidade a umidade e a secura, ele os endireita, os reforma e os reúne ao feixe começado. Mas isto não é tudo: os primeiros esforços poderiam estar perdidos nos ramos jovens, indomáveis como tudo o que é jovem; nos velhos, teimosos como tudo o que é velho: eles se torcem de novo logo que ele os entrega a eles mesmos. Eis aí nosso pobre lenhador bem embaraçado! Os braços cruzados, o semblante triste, ele olha sua madeira trabalhar e lamenta seu tempo perdido.

Rápido, rápido, lhe diz o nêstor da floresta, apronta os laços, reúna teus ramos no centro; cerca-os, com cuidado, com aqueles que são retos e fortes, una-os por laços que não se possam romper; serra-os pouco a pouco, até que eles não formem mais do que um monte, e então os ramos revoltados se conformarão à tua vontade. Tu domá-los-á, amigo, pela união, e, tanto mais essa união for apertada, tanto mais os ramos fracos se endireitarão.

Meus amigos, a união faz a força. Uni-vos, pois. Estou muito novo entre os vossos guias, mas adquiri bastante experiência para poder vos dar um bom conselho; o homem não está morto há bastante tempo para que o Espírito não possa compreender e sentir todas as vossas fraquezas.

Tendes, apenas, uma cabeça, meus amigos; sobretudo tendes, apenas, um coração, o coração de um espírita, em que todos os espíritas irão tirar o mesmo amor, a mesma caridade.

O mesmo amor, isto é, o mesmo pensamento fraternal; a mesma caridade, isto é, os mesmos meios de a praticar.

JEAN REYNAUD¹⁷.

¹⁷ Mensagem extraído de *Le Sauveur des Peuples*, 1º ano, Nº 30, pp. 3, 21 de agosto, 1864.

XIV. OS TRÊS APELOS

A verdade agita seu luzeiro acima de vossas cabeças e suas centelhas se derramam por todos os lados; mas muitos dentre vós têm os olhos virados para o solo e não ousam levantá-los, e essas centelhas brilhantes se apagam para vós, sem ter podido vos iluminar.

Não percais, pois, um tempo precioso, ó meus filhos! três vezes o Senhor vos chama, três vezes ele vos clama: Vinde, vinde a mim, porque só em mim está a vida, só em mim está o repouso! Não estejais surdos a essa voz.

Que vossos ouvidos ouçam, e que vossos olhos vejam!

Sobre o monte Sinai, o Senhor enviou seu eleito para lembrar aos homens que eles tinham um amo poderoso, terrível se for preciso, castigando sem piedade os filhos até a terceira geração para satisfazer sua vingança quando os pais o tivessem ofendido.

Deu por Moisés uma lei severa, e sua palavra estava cheia de trovões e de raios. Sua lei era dura, mas os homens eram rebeldes. Os homens eram de ferro, tinham necessidade de um jugo de ferro; eram cruéis, tinham necessidade de uma lei cruel; não acreditavam, tinham necessidade de ser forçados a crer. A vontade de Deus é imutável e seus desígnios impenetráveis.

Veio a doce lei de Jesus dizendo aos homens: Arrependei-vos e vos será dada a misericórdia. Amai e o amor ganhará benevolência. Sois filhos pequenos; vosso espírito está ainda nos cueiros: nós vos ensinaremos uma doce moral que possais compreender e sobretudo praticar, porque para os filhos pequenos, a obediência passiva é o primeiro dos deveres.

Cresei, pois, em sabedoria e em idade, ó meus filhinhos! a fim de que se possa abrir vossos olhos e vossos ouvidos e vos dar o entendimento de todas as coisas que temos velado aos vossos olhares.

Crescei e progredi!

Ainda hoje, meus bem-amados; o Senhor se revela em sua grandeza, em sua paternal bondade. Ele vos diz: os filhos tornaram-se homens, os espíritos fracos se fortaleceram; mas os homens empregaram mal o vigor que se desenvolvia neles. Em lugar de procurar a luz, o ocultaram nas trevas; ao invés de desenvolver sua inteligência natural, eles a encerraram em um estreito cárcere de onde ela não podia sair sem correr o risco de ser repelida.

Homens, homens! Eu vos enviara meus emissários para vos lançar em falsas vias, para vos prender em pesadas cadeias?

Vinde a mim, vinde a mim; mas para isto, usai de vossa inteligência; usai de vossa força; usai de vosso amor.

Pela terceira vez, o Senhor vos chama, ó meus filhos! pela terceira vez, o Senhor faz brilhar a luz aos vossos olhos; pela terceira vez, ele vos clama: Que aquele que tem dois olhos para ver, veja; que aquele que tem dois ouvidos para ouvir, ouça, porque essa será a última vez que minha palavra se fará ouvir.

Vinde, pois, com confiança, meus bem-amados, vinde com confiança no Senhor que vos chama, ao Pai de família que quer reunir todos os seus filhos, grandes e pequenos, fortes e fracos. Vinde, ele nos envia para vós como o anjo que conduziu o filho de Tobias; ele nos envia para vós para vos mostrar o que pode vos dar a luz, o que pode dar a vista e o ouvido aos vossos corações tornados cegos e surdos.

Não sede, pois, rebeldes à sua voz. Não desviai a cabeça, porque o solo está juncado de escolhos, e se não olhais com cuidado por onde andais, caireis em algum precipício, e para dele sair tereis ainda muitos sofrimentos a experimentar, muitos séculos a esperar.

Vinde, vinde filhos que amamos. Sondai a profundeza de nossos mistérios e vereis que tudo está na superfície. Procurai descobrir nossas maldades, procurai com cuidado as garras do demônio e encontrareis as brancas asas da pomba, e ouvireis os doces cantos dos serafins.

Filhos, filhos, pela terceira vez o Senhor vos chama; vinde com um coração puro, uma alma confiante e nós vos abriremos as portas que conduzem à morada eterna!

JÉSUS, O NINIVITA.¹⁸

¹⁸ Mensagem extraída de Le Sauveur des Peuples 1º ano, N° 36, p. 4, 2 de outubro de 1864.

XV. O REGATO

APÓLOGO

Um regato descia de uma alta montanha, suas águas límpidas banhavam os campos e levavam por toda parte a abundância e a fertilidade; mas sobre suas margens viviam os homens e esses homens não puderam deixar ao regato seu curso tranqüilo e calmo. Foi preciso servir-se dele, aplicá-lo às necessidades do momento, e os diques se multiplicaram. Desejou-se encher o fundo muito transparente e de todos os lados os trabalhadores apressados e sobretudo interessados, se reuniram e se lançaram em profusão ao lodo que puderam acumular.

O regato corria sempre, sempre seguindo sua rota, mas suas águas profanadas não brilhavam mais ao sol. Elas estavam turvas e o fundo desaparecera.

Se às vezes se procurava de onde provinha a fonte, o que dela se relatava parecia esses contos de fadas que se diz às crianças; e nisso não se acreditava. Uma água tão turva podia descer de uma fonte tão pura?

Às vezes também se perguntava: Mas onde, pois, vão se desaguar suas águas?

Alguns anciãos procurando em suas lembranças confusas diziam: É um lago tranqüilo de ondas transparentes e azuis que, diz-se, recebe essas águas turvas.

Impossível, impossível! Respondia-se, como essas águas amarelas e anuviadas poderiam alimentar o cristal do lago? E os filhos riam, é tão fácil rir quando não se compreende! Outros, os mais adiantados (eles, pelo menos, o criam) diziam: As águas carregadas de terra vão dar ao solo o que receberam dele. Elas se perdem na areia que as absorve e tudo está dito para eles; elas não existem mais.

Contudo um dia, do alto da montanha, calhaus brilhantes se destacam, se estendem no leito do regato, atraindo para eles o limo que ele levava, e esse limo, disposto ao redor deles formava uma cama dourada que fazia cintilar ainda mais esses calhaus purificantes. Os homens se aproximando não reconheceram mais o regato cujas águas anuviadas não deixavam ver nenhum vestígio, nenhum fundo.

Inteiramente surpresos, quiseram conhecer a causa disso e os anciãos lhes disseram: Filhos, o Senhor destruiu a obra do homem porque o homem tentou destruir a obra do Senhor. Não tenteis mais, pois, deter o curso que deve seguir o regato divino que corre da montanha de vida; suas águas são puras e vivificantes, não as altereis por vossos cálculos vãos, vossos vãos esforços e podereis seguir o curso dele: ele vos conduzirá docemente por prados floridos até ao lago pacífico onde suas águas vão procurar o repouso.

Procurai a verdade nos contos, meus pequenos filhos, procurai e encontrareis.

JOACHIM¹⁹.

¹⁹ Mensagem extraída de *Le Sauveur des Peuples* 1º ano, Nº 36, p. 4, 2 de outubro de 1864.

XVI. OS DOIS PAIS

Vede-os! Ambos sofreram a mais cruel provação que possa suportar a humanidade! Ambos perderam o filho, esperança de sua velhice, a glória de seus cabelos brancos! Eles eram belos, belos de coração como do envoltório que recobria sua alma; eram inteligentes, amáveis e doces. Desde a infância a flor fora sedutora, os frutos dela eram atraentes e prometiam ser saborosos; mas no momento da maturidade, a árvore secou e logo se tornou no pó que lhe dera nascimento.

Pobres pais, com sofrem!

Não, não! Não digais que ambos sofrem, porque eles têm uma bem grande diferença na maneira de sentir o golpe que os aflige. Um, cristão de nome, submetido aos deveres que a Igreja impõe, seguiu até a sua última morada o filho adorado ao qual fechou os olhos. Seu coração está inteiramente partido nos soluços que lhe explodem no peito! Sua alma partiu por inteiro com a alma desse filho, porque agora, o que lhe resta? Cristão indolente, máquina de crer e de orar, não tem a fé, quase não tem esperança; não é completamente materialista, mas falta tão pouco para isso! Lançando sobre o corpo querido o primeiro punhado de terra que o recobre, diz adeus a tudo o que ama e não vê mais do que um cadáver coberto de podridão, foco de infecção, não podendo inspirar senão horror! Oh! quanto sofre o infeliz pai! que convulsões, que angústias!

Ao lado, o outro pai veio também depositar os restos daquele que amava, esse filho cheio de futuro, cheio de esperança; esse coração nobre e generoso sobre o qual ele contava, ele, pai feliz, poder repousar sua cabeça branca até o que o último suspiro veio se exalar de seu peito consumido. Está próximo desse corpo, olha a cova aberta, um suspiro se escapa de sua boca... mas logo seus olhos se elevam para o céu, seus olhos se secam, e a felicidade,

uma felicidade inefável se desenha em seu rosto que um santo entusiasmo ilumina! É que para ele, a morte rasgou o véu hediondo no qual ela se envolve; ela se descobre aos seus olhares e seu filho, sua criança bem-amada lhe aparece radiante na glória do Senhor.

Basta de lágrimas, basta de lamentos, ele está ali, sempre ali. Ele lhe fala, consola-o, encoraja-o. Mostra-lhe o céu onde sua resignação deve conduzi-lo; torna-se, ele, o filho chorado, torna-se o consolador, o apoio de seu pai.

Ah! que alegrias inefáveis ele não experimenta? Como desejaria ele, esse pai feliz, fazer partilhar sua felicidade com o amigo que, atingido como ele, se torce nas angústias do desespero. Como ele desejaria dizer-lhe: “Abre os olhos e verás como eu, porque o Senhor fez a luz para todos.”

Escuta, amigo, e tu ouvirás como eu, porque os Espíritos do Senhor fala a todos. Ah! vem, vem a nós! Compreende a sublimidade desses mistérios tão longo tempo ocultos pela cupidez ou o interesse pessoal. Ouve essa grande voz que se eleva dos quatro pontos do horizonte e que vem consolar os homens aflitos; que vem fortificar os fracos, sustentar os indecisos, reconduzir à via aqueles que se desviassem; abrir as orelhas dos surdos, os olhos dos cegos! Ah! vem, vem! Os Espíritos do Senhor estão aí e te esperam. Seus braços se estendem para ti, e teu filho, tua criança bem-amada está em sua frente te chamando do fundo do coração. Ouve sua voz; ela se eleva no silêncio para te consolar, para te ensinar a cantar as maravilhas da criação; para te ensinar a bendizer o Senhor.

Vem, vem e teus olhos não terão mais lágrimas, e teus dias não terão mais inquietações, e tuas noites não terão mais angústias. Vem! Os Espíritos do Senhor te chamam, ouve suas vozes amigas.

Mas um tinha a fé, essa fé que vem do coração e que esclarece a razão. O outro tinha a fé aprendida, essa que fecha os olhos para a luz.

E a vida de um era um cântico de ação de graças em favor do eterno misericordioso!

E o outro maldizia!
Meus irmãos, escolhei.
MICHELLI.

Depois de ter agradecido os guias.

Entendeste-o, meus amigos, não vos deixeis deter por nenhuma consideração mundana. Nós vo-lo temos dito e o repetimos: não chocai ninguém; deixai vir a vós os pequeninos e como Jesus, esse modelo de doçura, tomai-os em vossos braços para os elevar até vós, até os bons Espíritos que vos guiam. Tende sempre a mão estendida para eles que têm necessidade de apoio, mas não procureis levá-los à força. Fazei como o hábil jardineiro que julga quando o fruto está maduro e o colhe, mas não arranca violentamente da árvore aquele que muito verde, ainda não teria sabor. Vós, espíritas, podeis ter paciência para vós e para vossos irmãos. Sabei-o, a obra incompleta deve se acabar e para o Senhor o tempo não tem duração. Se, pois, a obra não se termina hoje, ela se cumprirá amanhã: é preciso que todo fruto tenha o tempo de amadurecer. Lançai, pois, a semente e do menor grão vereis sair a árvore gigantesca cujos ramos devem se estender e projetar sua sombra sobre o universo. Lançai o menor grão, mas lançai-o com cuidado. Escolhei a boa terra a fim de que suas raízes possam crescer no solo e a ele se agarrar fortemente; porque tanto mais vigorosas forem as raízes, tanto mais os ramos serão frondosos.

Coragem, bons operários; trabalhai ousadamente a vinha do Senhor. Vinde a toda hora do dia e cada um de vós receberá o salário que lhe é devido.

JOSEPH²⁰.

²⁰ Guia do médium. Mensagem extraída de Le Sauveur des Peuples 1º ano, N° 42, p. 3 de 13 de novembro de 1864.

XVII. O PROGRESSO

Não basta falar do Progresso, é preciso se dar conta exata do que se entende por essa palavra que cada um traduz à sua maneira.

Compreendemos por Progresso tudo o que tende a elevar o coração e o espírito; em depurá-lo despojando-o das imperfeições inerentes à sua natureza humana e, com mais forte razão, em se limpar dos vícios que o mancham.

O Progresso não é, pois um ato material, consistindo somente no avanço social: vossa civilização deve experimentar o progresso tal como nós o compreendemos; mas é preciso antes do progresso material, que o progresso intelectual se realize. Tudo se encadeia na natureza, tudo se junta para nunca se separar. Pois, se quereis que vossas instituições humanas progridam, começai por auxiliar vosso progresso moral.

Vede que vossos instintos são bem mais elevados do que não eram os dos homens primitivos, como ainda não o são desses que não alcançaram vosso grau de civilização.

Mas, dir-me-eis, é a civilização que leva ao progresso intelectual, e sem seu socorro os homens estariam em um estado de barbárie como esse em que languescem os selvagens entre os quais não pudemos ainda fazer penetrar nossas leis e nossas idéias. A isto responder-vos-ei: Quem, pois, trouxe aos homens os primeiros germes de civilização que se desenvolveram tão lentamente e tão desigualmente? Quem desenvolveu esses instintos para melhor, que não fazem senão crescer e ultrapassam freqüentemente hoje o objetivo que eles deveriam alcançar? Não são os Espíritos mais elevados que os homens, entre os quais eles vinham em missão, e por consequência a civilização física não tem tido por base o progresso moral cumprido anteriormente por esses Espíritos que desciam junto aos homens para lhes estender a mão e lhes ensinar pouco a pouco a subir em direção a eles?

O Progresso deve, pois, ter sua fonte no espírito; o Progresso deve se fazer pelo coração primeiro, pela inteligência em seguida.

Daí ele se estenderá prontamente sobre vossas leis, vossos costumes, vossos hábitos.

Credeis que uma aglomeração de Espíritos inclinados ao progresso intelectual e a ele se devotando inteiramente, se deixariam absorver como vós o fazeis pelos instintos materiais da existência? Credeis que eles sacrificariam assim o tempo que o Senhor lhes deu para abreviar suas provas na busca das riquezas, do luxo, de todas essas misérias da fortuna que secam o coração e o tornam inapto para as coisas do céu?

Credeis que o homem que deseja sinceramente progredir, para se elevar para essa vida eterna, que lhe reserva tantas doces alegrias, se absorverá nos cálculos vergonhosos que podem lhe acarretar alguns gozos efêmeros, até às custas da felicidade, da vida, às vezes, de seus semelhantes?

Credeis que a nação que tende para o progresso terá necessidade de estar curvada sob o jugo de vossas leis, freqüentemente, tão arbitrarias? Não, não! o desejo de cumprir santamente e utilmente suas provações uma vez penetrado no coração do homem, por conseqüência, a via do Progresso uma vez bem aberta, as leis preventivas e repressivas serão inúteis.

Credeis que haveria ainda advogados para pleitear a causa do assassino, do ladrão, do impudico, do falsário? Credeis que haveria ainda ricos esmagando o pobre sob seus pés calçados de ouro? Credeis que haveria ainda homens e mulheres manchando as mais santas uniões fazendo um mercado? Credeis que haveria ainda pais vendendo a felicidade de sua filha como um fardo de mercadoria? Não, não! Marchai ousadamente no progresso e todas essas misérias de vossa existência cessarão. Marchai no progresso e vereis pouco a pouco diminuir o amor do luxo que leva à ruína, que faz nascer a inveja, a cupidez, o roubo. Marchai no progresso e vereis diminuir o número dos juizes e dos advogados, porque os homens se entenderão entre si, *antes de ir ao juiz!* Marchai no progresso e não vereis mais crianças pobres com vergonha de não poder dizer o nome de seu pai; não vereis mais casais divididos pelo ódio, porque só a simpatia natural terá guiado essas uniões que o céu abençoa.

Oh! quando o grande legista que Deus vos enviou vos disse: Não separeis o que Deus uniu; ele não vos disse: Fazei um tráfico de vossos corpos, de vosso amor. Deus uniu o homem e a mulher que a natureza atrai um para o outro, mas só os maus Espíritos, o Demônio, se quereis, preside às uniões que vós contratais! Essas não são aquelas que o Senhor abençoa.

Marchai no progresso e não vereis as criaturas do Senhor se corromper na orgia; perder nos excessos de todas as naturezas as faculdades que seu Pai concedeu para avançar para ele.

Marchai no progresso e a viúva e o órfão não terão necessidade desses defensores que, defendendo um, oprimem o outro. A viúva será a amiga de todas as famílias; a criança será o filho de todas as mães.

Marchai no progresso para que o rico seu bem com seus irmãos na necessidade e atraia assim a bênção do Senhor.

Marchai no progresso, para que o forte empreste seu apoio ao fraco; o vidente, seus olhos aos cegos; a língua hábil, sua palavra ao mudo; as pernas ágeis, sua atividade ao impotente.

Concurso mútuo em tudo e por tudo.

Mão sempre estendida àquele que tem necessidade de a tomar.

Coração sempre aberto para dele deixar correr o amor, que, como um rio abençoado, se derrame sobre todos os homens e fertilize as naturezas ingratas e estéreis.

Aí está a lei do Progresso; aí está o meio de alcançar essas alegrias que todos vós ambicionais, mas que muitos de vós travestem de uma maneira tão ridícula que elas não estão mais nem reconhecíveis, nem inviáveis.

Progresso, santa lei que rege o universo, filho do Senhor, desça sobre essa terra ingrata onde temos tanto trabalho em fazer nascer tuas aspirações.

UM ESPÍRITO SIMPÁTICO²¹.

²¹ Mensagem extraída de *Le Sauveur des Peuples*, 1º ano, N° 44, pp. 3-4, 27 de novembro de 1864.

XVIII. NOEL

Ele nasceu, esse menino, esperança do mundo,
Por quem o homem foi salvo, por quem a graça abunda!
Ele nasceu! O raio de luz que devia anunciá-lo
Brilhou de repente; nada pode apagá-lo
Acorrei, ó pastores, ó poderosos da terra:
O humilde será elevado. O poder efêmero
Do orgulhoso do dia ver-se-á destruir
Seus títulos de consideração. O orgulhoso deve acabar!
É de um menino que nascerá a sabedoria;
É um menininho que vos fará generosidade
Dos tesouros que para vós seu Pai guarda nos céus.
Acorrei, acorrei corações humildes e piedosos,
Acorrei, ele nasceu, o menino salvador do mundo
Acorrei a seus pés; por ele a graça abunda!
De sua pequena mão, levantando o esgotado,
Ele curva o poder e sua fronte quebrou-se!
Oh! vinde a seus pés; que a abóbada ressoe,
Que os hinos sagrados que vossa voz entoe
Façam vibrar os ares! Vinde, o menino nasceu.
Vinde e abençoai, porque o mundo está salvo!

Sim, nós te daremos um ensinamento sobre o nascimento do menino que revolucionou o mundo, que renovou por seu poder de ação, os espíritos e os corações.

Tal como o rio que sai gota a gota do rochedo e aumentou seguindo seu percurso, até o momento onde suas ondas impetu-

osas vêm se perder no seio do imenso oceano, vedes esse menino saído, da mais humilde das esferas, vivendo na humildade e na miséria; vós o vedes seguir pacificamente, primeiro o curso de sua existência, fertilizando desde a sua fonte as margens que ele banha; pregando desde sua mais pouca idade, edificando por sua conduta simples, seu humor doce e submisso; aumentando em sabedoria e em idade; ampliando o quadro de seus ensinamentos; distribuindo ao seu redor, em sua passagem, a fertilidade de sua palavra, depois, tendo acabado sua sublime empresa, tendo percorrido o espaço que devia atravessar, tendo lançado por toda parte a semente fecunda, ele entra nesse infinito preparado de toda a Eternidade, no seio d’Aquele do qual ele mesmo não conheceu o começo e que nunca terá fim!

Mas, do mesmo modo como o oceano imenso recebe em seu seio, o rio que vem se unir a ele, do mesmo modo o Senhor se une Àquele que lhe enviara em socorro do mundo e de lá, o filho único do pai, em quem depositou toda a sua afeição, vela sempre com amor sobre aqueles que ele tinha a missão de levar ao centro universal. Sua voz abençoada se mistura ainda aos rumores do vasto oceano, e se elevando acima da tempestade, vos clama: “Vinde a mim, todos vós que trabalhastes e vos encarregastes. Sou o condutor do cego, sou a inteligência do surdo, sou a voz do mudo, a força do fraco, a consolação do aflito, a esperança do desolado! Sou o bom pastor que reúne ao redor de si todas as ovelhas do pai de família. Conto as cabeças que me estão confiadas, e se uma delas se extravia, não tomo mais repouso enquanto não a tenha encontrado e trazido em meus braços, e meu coração não estremeça de alegria, porque devo, quero reunir meu rebanho e nem uma cabeça deve faltar nele.”

Vinde, pois, a ele, ó meus bem-amados! seja qual for a linguagem que ele vos fale, é sempre ele quem vos atrai. Vinde sem medo, sem distinção. Não estabeleçais barreira entre vós e ele, porque ele não olha como vós obedecéis, mas se tentais obedecer. É um senhor indulgente e doce que leva em consideração o menor esforço.

É um advogado eloqüente que pleiteia sempre a causa do culpado e que sempre a ganha. Mas que o culpado tenha confiança nele, que escute seus conselhos, que siga suas orientações.

Ele cresceu, esse menino abençoado, e sua voz tomou força. Ela vem dos quatro ventos e como a tempestade, ela domina todos os ruídos da terra.

Os anjos do Senhor o levam sobre suas asas e eles vêm a vós para vos dizer: obededei, obededei! os tempos estão cumpridos. O Senhor apareceu. Prosternai-vos, porque sua mão poderosa eleva aquele que se humilhou e humilha aquele cuja frente se elevava.

Elisa MERCŒUR.²²

²² Mensagem extraída de *Le Sauveur des Peuples* 1º ano. N° 48, pp. 3-4, 25 de dezembro de 1864.

XIX. A FRATERNIDADE

Nós vos ouvimos freqüentemente falar de fraternidade, meus bem-amados; mas quão poucos entre vós compreendem o valor dessa palavra: *Fraternidade!* Fraternidade para todos, isto é: um coração que ama com um amor igual a todos os homens, um espírito pronto a se colocar ao alcance de todos, quaisquer que eles sejam; uma mão sempre estendida para a fraqueza para a sustentar; uma palavra de consolação para todos os aflitos; uma parte de inteligência para todos os desprovidos.

Fraternidade! palavra sublime que faz de todos os homens um *só homem* diante de Deus; de todos os filhos de Adão, um *só filho* do Pai eterno e todo-poderoso. Ah! compreendi bem o valor dessa palavra, meus amigos, e que essa não seja somente uma palavra para vós, mas um pensamento profundo e santo.

A fraternidade não consiste em dizer: irmão, irmão, mas, bem, *para provar que se o é realmente*. E como o provais, se não tendes para todos, *uns e outros*, esses sentimentos de apoio, de benevolência, de cooperação que os irmãos pelo sangue se devem entre si? Dos irmãos pelo sangue, dizemos, quando mesmo entre vós esse sentimento é fraco! Não se cita, como um fato notável, um traço de devotamento fraternal, e, entretanto, que coisa mais simples? Essa admiração que causa não prova que ele é raro?

Não vos enganéis com as palavras; compreendi bem que o Senhor, que vê vossos mais secretos pensamentos, quer os *atos sinceros provocados pelo impulso do coração*, e não pelo orgulho humano, pelo amor da humanidade, e não pelo egoísmo. Porque muitos, *meus irmãos* (podemos pronunciar essa palavra sagrada), muitos são fraternais por ostentação, por vaidade, ou para disso colher um pagamento usurário de seu Deus. Muitos emprestam um pouco de amor, para recolher muito de alegrias celestes. Ah! dizei, dizei é esta aí a fraternidade segundo Deus!

Sois irmãos: isto é, que todos, saístes da mesma fonte. Todos, filhos do poder eterno, não sois senão um diante do pai de família. Ele não ama todos os seus filhos: o mau como o bom, o ingrato como o submisso? Somente, para aqueles que desmereceram, ele os corrige, os afasta até que eles tenham reformado suas inclinações más; até que, filhos pródigos, arrependidos, venham pedir humildemente sua graça e ela lhes é generosamente concedida.

Se todos saístes do mesmo tronco de raça, todos sois, pois, do mesmo modo; tendes todos os mesmos direitos ao amor do Pai, porque aquele que hoje merece a indulgência, provocara ontem o castigo; aquele que hoje se afasta, amanhã virá humilde e confuso clamar por graça aos pés de seu juiz.

Tendes todos uma mão fraterna, e que tenhamos a alegria de ver esse nome sagrado inscrito no fundo de vossos corações e não errante sobre vossos lábios. Imaginai, meus amigos, que vosso envoltório é um montão de lama sobre o qual o Senhor nunca lança os olhos, mas sua vista penetrante sabe descobrir no fundo a pedra preciosa que aí se encontra enterrada. Fazei que essa pedra preciosa seja pura, que o lapidário a tenha polido e que ela possa, uma vez tirada de suas lamas de impureza, refletir o prisma do céu!

Oh! vinde, vinde, irmãos em Deus, vinde com um só homem, um só coração, uma só alma! Vinde, estando todos estreitamente abraçados, pedir ao pai de família a bênção que ele distribui sobre seus filhos. Vinde assim, porque aquele que mereceu do Pai, obterá a graça do culpado; os fortes sustentarão os fracos, os bons abrigarão os maus, e o pai indulgente e generoso estenderá sua mão sobre todos os seus filhos.

Amor, fraternidade, caridade que é também amor, aí está a vossa divisa, meus bem-amados. Gravai-a em vossos corações a fim de que possamos vos inscrever nos arquivos celestes.

JOACHIM.

Depois de ter agradecido aos guias.

Nada temos a acrescentar. Fraternidade ativa, amor eficaz, e sereis espíritas, isto é, *discípulos da Verdade*.²³

²³ Mensagem extraída de *Le Sauveur des Peuples* 2º ano, Nº 01, p. 3, 5 de fevereiro de 1865. esta mensagem foi reproduzida em *Le Médium Évangélique* [O Médium Evangélico], Toulouse, 1º ano, Nº 13, p. 2, 11 de março de 1865.

XX. OS VIZINHOS

ESTRANHA HISTÓRIA

Jean e Lucien eram vizinhos. Jean, filho de um artesão, tinha uma irmã mais jovem de alguns anos. Maria era linda, graciosa, inteligente e sobretudo terna e devotada.

Lucien, filho de um rico negociante tinha ele também uma irmã não menos linda, nem menos provida das vantagens físicas que se notava em Maria. Laure era o orgulho de sua mãe; era também a futura ídolo dos salões.

Ao sair da aprendizagem, Jean, bom e laborioso operário, fora percebido por um empreendedor que o contratou; ele se tornou seu genro, e ainda que o empreendedor não estivesse no mais alto grau da escala (era homem honesto), esperava deixar a Jean seus bens e suas práticas.

Ao sair do colégio, Lucien, lançado no mundo, era um desses jovens perfeitos, pondo sua gravata com uma arte especial, insultando as moças sem defesa, passando suas noites nas orgias, seus dias em pavonear-se ou em abrandar o efeito dos excessos da vigília em um sonolento torpor.

Jean tinha um filho, ia ser pai uma segunda vez quando, com as perdas sucessivas, tenta chamar a atenção de seu sogro que, perdendo a cabeça e não querendo sobreviver ao que ele chamava de sua desonra, se enforcou, não compreendendo que assim não permitia aos seus credores recobrar seus fundos.

Essa novidade cruel traz um golpe tão funesto à jovem mãe, que ela languescer, estiolando-se cada vez mais até o fim de sua gravidez, e morreu dando a luz a seu filho.

O desgosto entrara no casamento pacífico; a miséria o seguiu e fez irrupção; Jean se oprime de dor, negligencia seu trabalho; cai

doente por sua vez, depois seus filhos após ele, foram tomados de um febre pernicioso. O que fazer para salvar o irmão, os pequenos sobrinhos, as únicas afeições de Maria? O trabalho é insuficiente, e depois, como trabalhar cuidando dos doentes?

Uma noite, louca de angústia e de fome, não podendo conseguir nenhum dos remédios indicados para salvar os pequenos, para dar a força e a energia ao pai, ela encontra Lucien... ele tinha do ouro, do ouro bem caro! mas, dele faltava um pouco para a família!...

O pai foi salvo, mas as duas crianças sucumbiram. O infeliz, não sabendo de onde tirar as consolações das quais tem necessidade, cede aos conselhos de operários como ele, vai à taberna, bebe um pouco, depois muito, depois sem cessar!... E cada um diz dele, olhando-o: é um bêbedo; é um preguiçoso; é inútil de ocupar-se dele, de lhe buscar trabalho, ele morrerá sobre o meio fio ou em uma sarjeta.

Laure casou: ela contraiu uma dessas uniões meia-parte especulação de dinheiro, meia-parte especulação de orgulho; mas o coração, nela, é vazio. Contudo, seu marido é jovem, a ama, porque ela é bonita, espirituosa: é uma jóia que faz a honra. Ai de mim! pouco tempo depois os juramentos da esposa foram violados: um capricho! uma ociosidade, uma inveja sórdida, arrastaram a jovem mulher, a jovem mãe.

Sim, ela era mãe, e a pobre Maria teve a audácia de se apresentar em casa dela para servir de levar as crianças para passear. Não era necessário sustentar o irmão infeliz e tentar trazê-lo de volta a melhores sentimentos obtendo para ele um pouco mais de bem-estar? Mas Laure sabia por seu irmão quem era Maria. Ele não dissera: eu assalariarei a miséria, a fome e o desespero. Não, não, sua consciência lhe gritava bem: infâmia! Mas dissera simplesmente: ela foi minha amante e essa única palavra bastara; Maria, rechaçada, foi obrigada a recorrer de novo ao único tesouro que lhe restava por muito pouco tempo: sua *beleza*. Depois, o hábito, a freqüentação desses membros gangrenados de vossa sociedade a

perderam completamente. Ela morreu de miséria, quando a beleza morreu!

Laure brilha nos salões; é a quem acolherá seus diamantes, suas rendas; ela adorna todas as reuniões. Conta-se muito baixinho os escândalos de sua vida, mas quem ousaria dizer uma palavra que ela ouvisse? Quem ousaria lhe fechar seu salão: ela é tão rica, tão bela, tão bem colocada?

Quem ousaria receber, mesmo em segredo, a pobre decaída que uma palavra de encorajamento, um socorro direto, um testemunho de simpatia, arrancaria do abismo em que ela mergulha cada vez mais, e elevariam progressivamente ao céu sempre pronto a receber os pecadores arrependidos.

Jean foi encontrado morto, ébrio, em uma sarjeta; ninguém o lamentou.

No mesmo dia, Lucien foi reconduzido à sua casa atingido por uma apoplexia fulminante ao sair de uma orgia. Seu enterro foi magnífico: toda a cidade o acompanhava. A mãe de família que lhe destinava sua filha gemeu por muito tempo por ter visto desaparecer a corbelha suntuosa que ela imaginara.

Todos quatro, Deus os julgou, e deu a cada um a sua parte. Meditai, meus irmãos!

JEAN BAHUTIER²⁴.

²⁴ Mensagem extraída de *Le Sauveur des Peuples*, 2º ano, Nº 3, p. 4, 19 de fevereiro de 1865.

XXI. DA PACIÊNCIA NAS PROVAÇÕES

Temos a vos esclarecer, meus amigos, sobre a maneira pela qual deveis suportar as provações que vos acometem em vossa curta existência terrestre.

Da maneira de as suportar resulta para vós o bem ou o mal, o progresso ou a estagnação.

Isto não é bastante para vos curvar sob o fardo que vos humilha, é preciso saber vos endireitar com ele, juntar todas as vossas forças e o levar com energia até o lugar em que podereis depositá-lo.

Vejam os como aceitais, geralmente, esses sofrimentos físicos ou morais que tendes pedido: a maior parte dentre vós, os nascidos cegos ou os cegados clamam, enfurecem-se, se revoltam contra: a sorte, a natureza, seu destino e, às vezes, contra Deus.

As provações deles são mais leves? Não certamente: fazei, então como o homem de castigo que, curvando-se sob a carga, sacudiria ainda seu fardo sobre seu ombros, e, por esse movimento insólito, triplicava-lhe o peso.

Outros, os resignados do mundo, aceitam suas dores morais com paciência, porque há neles um fundo de egoísmo que lhes dá a força de suportar o que não alcança em sua saúde, em sua vida. Mas também, se o acaso, o destino, a má sorte tocam nesse vaso sagrado, se a dor física vem afligi-los, eles clamam então, se desolam, e, como crianças, se esgotam em vãos gemidos.

Alguns esperam com quietude os golpes da sorte, enquanto são afligidos por eles; não lamentam seus irmãos infelizes, sob o pretexto de que Deus não experimenta senão aqueles que ama; mas se esse Deus que eles acusam assim de parcialidade, de injustiça, sem nisso pensar; se esse Deus vem a lhes testemunhar sua *ternura* afligindo-os por sua vez, vós os vedes trêmulos e fracos, receando o futuro, desdenhando o passado, porque eles esquece-

ram os benefícios dele, e o medo do mal que pode vir, para eles, é ainda cem vezes pior do que o mal presente.

Finalmente, mas esses são raros, os homens piedosos, sinceramente convencidos, estes que compreendem as causas e o objetivo de sua existência, esperam as provações com coragem e sangue frio; eles as suportam com paciência e as superam com sucesso.

Para suportar suas provações com paciência e coragem, é preciso reunir suas forças; é preciso lutar contra elas. Deveis, amigos, vos olhar como náufrago caído em um mar tempestuoso: esse náufrago deve se deixar flutuar, arrastado pela vaga furiosa? Não, não! Ele deve fazer todos os seus esforços para sobrepujá-la, para vencê-la.

A vida, filhos, é um barco frágil que deveis governar por todo o tempo: se ele vem a soçobrar sob o vento, se a tempestade o deita sobre as ondas, não vos entregueis sem defesa; não vos deixeis tragar. Aí não seria a resignação nas provações, isto seria quase um suicídio: suicídio moral de início, suicídio físico em seguida, se vossas provas mal dirigidas devessem acarretar para vós essas mil enfermidades, conseqüências da miséria e da inveja. Lutai, pois, contra a provação, como o homem caído no mar luta contra a onda que se abate sobre sua cabeça; mas, como ele, tende sempre os olhos sobre esse ponto luminoso que brilha no horizonte, farol que vos conduz à terra prometida.

Lutai com perseverança, com coragem; mas se sentis vossas forças se esgotarem, se vossos fracos braços se entorpecem antes de ter alcançado o objetivo, não amaldiçoeis ninguém, não acuseis nem a sorte nem os homens; dizei-vos:

“Isto devia ser assim! Os eventos foram mais fortes do que a minha vontade, mais fortes do que minha coragem física; eles nunca serão mais fortes do que meu reconhecimento para com meu Criador!”

E penetrados desse sentimento de reconhecimento e de amor, chegareis aconteça o que acontecer. Abordareis sobre a praia, e essa vaga espumante que vos sacudira, aí vos depositará docemente adormecido, e o despertar vos levará a todos os encantamentos da terra prometida.

JOSEPH²⁵.

²⁵ Mensagem extraído de Le Sauveur des Peuples, 2º ano, N° 07, p. 4, 19 de março, 1865.

XXII. CRISTÃO DE CORAÇÃO

Para muitos dos espíritos humanos, a lembrança constante que lembramos dos preceitos do Cristo pode parecer e parece um disparate.

Como, dizem aqueles que não foram edificados nessa lei de amor que ele pregou, como podemos andar em vossa via? Nossas crenças não são as mesmas; nossas aspirações são opostas, e aquele que vedes como um enviado bendito do Senhor não é, aos nossos olhos, senão um impostor, ou no máximo um homem dotado de boas intenções.

Tal é a linguagem, ou antes o pensamento de todos aqueles que não nasceram cristãos, e o número ultrapassa de muito aqueles sobre a frente dos quais a água do batismo correu. Mas responder-lhes-emos: estudai a moral de Jesus; lede seus livros sem idéias preconcebidas, com o único desejo de seguir uma rota que vos conduza ao bem **SEGURAMENTE E PRONTAMENTE**, e dizei-nos na sinceridade de vosso coração se essa moral dos Evangelhos não é a mais suave, a mais pura? Dizei-nos se, em alguma outra doutrina, encontrais tantos elementos de perfeição?

Vinde, pois, a nós de todos os pontos do globo; que sejais cristãos, muçulmanos, judeus, hindus ou idólatras, vinde a nós, porque vos pregamos a lei de amor e de caridade. Vinde a nós, e se observardes nossas instruções pela prática, e não pela teoria, sereis cristãos de coração, a não ser pelo batismo.

Hoje, meus filhos, não deveis mais vos agarrar aos atos exteriores, da religião, ainda que cada um de nós deva observar a sua; mas deveis pensar que todo ato exterior é só um freio imposto à matéria, e que tanto mais vós vos desmaterializardes, menos tereis necessidade de freio.

Segui, pois, nossos conselhos, eles vos levam ao bem. Mas segui-os! Não vos limiteis em registrá-los em vossos cadernos para

os ocultar no fundo de vossas gavetas. Que isto esteja em vossos corações que nossa moral penetre, e que de lá ela se derrame sobre todos os vossos atos. Que ela brotasse, fonte abundante, e se divida em milhares de canais que possam levar a vida e a fertilidade a todos os rios secos. Que os bons frutos que germinem em vossos corações façam desabrochar por fora as flores da caridade, essa flor vivaz que cultivais, e que o Senhor colhe com sua própria mão.

Sois dela depositários, dela lançai a semente; que ela se derrame ao redor de vós, e quando o dia da colheita estiver erguido podereis, desde a aurora, entrançar uma coroa dessas flores benditas e vos apresentar na sala do festim, a fronte cingida das mais puras flores que o homem possa colher.

JOSEPH²⁶.

²⁶ Mensagem extraída de *Le Sauveur des Peuples*, 2º ano, Nº 9, p. 4, 2 de abril de 1865.

XXIII. PÁSCOA

Falemos do dia cuja festa se celebra hoje entre vós, cuja festa deveria se celebrar todos os dias em vossos corações. As grandes vozes da natureza inteira se unem para cantar a *Hosana* ao Senhor cuja mão paternal, sempre estendida para seus filhos, eleva aquele que cambaleia e fortifica o fraco.

Irmãos, filhos que amamos, uni vossas vozes àquelas dos eleitos do Senhor para cantar sua grandeza e suas magnificências! Uni vossos corações em um elã de amor e de reconhecimento para com aquele que, grande entre os grandes, feliz entre os felizes, quis descer ao meio de todas as vossas misérias, de todos os vossos sofrimentos, para vos ensinar a viver, sobre vossa terra, da vida que conduz a Deus.

Homens, escutai essa voz bendita que vos clama: “Vinde a mim vós todos que estais fatigados e carregados. Eu sou a luz que ilumina, eu sou a inteligência que conduz; eu sou o filho bem-amado do Pai, e vós sois meus irmãos bem-amados. Segui, pois, meus passos; andai, pois, com ardor na vereda que vos abri. Todo caminho pode tocar nela se seguiu em linha reta; mas esta vereda foi coberta de sarças e de espinhos: os calhaus o obstruíram, e o viajante, fatigado da extensão da rota, se assusta vendo todos os obstáculos que tem para sobrepujar para a concluir! A vós espíritas, meus filhos bem-amados, a vós de iluminar a obscuridade do caminho. A vós, pioneiros infatigáveis, de abater a vegetação vigorosa mas nociva que faz de uma via luminosa um caos tenebroso. A vós de levantar dessa via unida e reta os obstáculos que aí semearam e que a tornam árdua e perigosa. Ide em frente, colocamos em vossas mãos a tocha que ilumina; queimai em sua santa chama as plantas parasitas que cresceram sobre a rota. Tendes entre as mãos a picareta do lavrador, atacai as más raízes e lançai-as fora. Tendes entre as mãos a grade de dentes agudos, empurrai

os calhaus perigosos que provocam as quedas. Ide, ide em frente! Vossas mãos se tingirão do sangue de vossas feridas, vossos corações sangrarão, vossos pés serão machucados, a fadiga fará muitas vezes dobrar vossos joelhos!... Ide, ide em frente, porque o repouso está no fim. Ide em frente, porque é a vós que pertence conduzir vossos irmãos. Se sofreis, consolai-vos pensando que poupais o sofrimento àqueles que vos seguirão. Se chorais, consolai-vos pensando que enxugais as lágrimas daqueles que caminham atrás de vós. Se caís, levantai-vos, ah! levantai-vos prontamente! Pensai que vossa queda acarretaria a queda daqueles que querem vos imitar; que vossos corpos abatidos seriam um obstáculo a mais para atravancar a rota e que sériéis responsáveis por todos os acidentes que poderiam acontecer nela.”

Irmãos, amigos, filhos que amamos, sede fortes em vossa fé como o foi aquele que veio vos dar o exemplo da fé.

Sede pacientes em vossas provações, como o foi aquele que veio vos dar o exemplo da paciência nos sofrimentos.

Sede confiantes e submissos, como o foi aquele que veio vos dar o exemplo da submissão e da confiança.

Sede perfeitos, meus bem-amados, como aquele que veio vos mostrar a perfeição o foi aos vossos olhos.

Todos podeis tornar-vos perfeitos em vossa terra ingrata; todos, podeis imitar esse grande modelo que tendes para seguir. Não vos rejeiteis por vossa indignidade, por vossa fraqueza, por vossas enfermidades morais. Aquele que quer alcançar o objetivo, *mas que o quer firmemente*, já o toca.

O Senhor é todo amor, todo indulgência; ele conhece vossas fraquezas. Aquele que vos criou sabe bem, o que valeis com exatidão; ele leva em conta a vontade, os esforços, a perseverança. Àquele que se afoga ele estende sempre o bastão que deve reconduzi-lo a bordo. Ele concede sempre àquele que fraqueja o apoio que pode impedi-lo de cair; mas é preciso que ele lho peça, é preciso que ele tenha um desejo sincero, ardente de se salvar; não é necessário que

ele conte com o *tempo*, com o *futuro*... o futuro não é senão uma palavra, o tempo não é senão um pensamento. O instante presente é tudo para o homem. Sabei, pois, meus bem-amados, aproveitar desse presente que vos é concedido. Apressai-vos, pois, de vir àquele que vos chama. Despojai-vos depressa de vossas roupas velhas para vestir esse traje de fino linho, emblema de inocência, que vestem os convivas do pai de família. Apressai-vos hoje, imediatamente mesmo, porque amanhã, em um momento, talvez não haja tempo para muitos entre vós! Sabeis em qual hora o esposo entrará? Sabeis quando se apagarão vossas lâmpadas? Vigiai, vigiai sem cessar. Estai sempre prontos a subir vosso calvário com resignação, amor e fé, porque vossa páscoa pode estar próxima. Ó meus bem-amados, estai prontos para dizer ao primeiro chamado: Senhor, eis me aqui, cumpro minha tarefa.

Alegrias inefáveis da consciência pura! Alegrias doces e vivas, grandeza sublime da felicidade eterna! Sob quais cores poderemos vos pintar para maravilhar essas inteligências? De quais palavras poderemos nos servir para comover esses corações?

Senhor! Ajuda a nossa fraqueza, a nossa impotência, tu que nunca julgas os atos, mas os motivos, os secretos pensamentos, que os provocas; abençoa nossos fracos esforços e faz em tua bondade paternal que possamos ajudar nossos irmãos a entrar e sobretudo a se manter na via que tu lhes abres de novo.

Nós te glorificamos, pai misericordioso e terno! Nós te glorificamos, filho do Pai, apoio do fraco, consolador do aflito, pai do órfão, esposo da viúva, inteligência do surdo, luz do cego, fonte de bênção e de esperança! Vem! Vem com teu amor poderoso, vem para essas fracas criaturas, e que teu sopro regenerador as renove e delas faça homens novos para a vida eterna!

Paul Méric.²⁷

²⁷ Mensagem Extraída de *Le Sauveur des Peuples*, 2º ano, Nº 11, p. 3, 16 de abril de 1865.

XXIV. A VERDADEIRA FAMÍLIA

Irmãos, sede fortes na adversidade, pacientes na doença, sem temor contra os perigos, inabaláveis em vossas novas crenças, insensíveis às flechas dos maus, sorridentes à aproximação do Anjo da libertação e confiantes em Deus. O espiritismo vem, com sua brilhante luz, alumiar o futuro que vos está reservado; vede com os olhos do corpo, se posso exprimir-me assim, o grande e sublime espetáculo da criação, a estrutura harmoniosa que suspendeu na imensidade esses milhões de mundos dos quais vossa terra faz parte. Durante muito tempo tendes acreditado ser as únicas criaturas humanas formadas à imagem de Deus; mas o progresso vos mostrou o erro, e os Espíritos vêm estender aos vossos olhos admirados e encantados o sublime panorama e as belezas esplêndidas dos mundos superiores.

Sabeis quais são os habitantes que povoam essas alegres moradas?

Esses são vossos pais, vossas mães, vossos parentes, vossos amigos que passaram como vós, pela via da dor e do sofrimento moral e físico que os purificaram de suas imperfeições e lhes fizeram, pela experiência, adquirir o progresso que os elevou. Julgai de sua alegria quando eles virem seus irmãos da terra, livres como o pássaro dos campos, entoar santos cânticos à glória de Deus, e se lançar em um vôo rápido para junto da família que os espera. Sim, irmãos, está aí a vossa verdadeira família; porque, nem um dentre vós não existe sem parentes nos mundos dos Espíritos.

Oh! santa fraternidade em Deus! que o espiritismo venha em tua ajuda para fazer compreender aos homens a solidariedade que os religa a seus irmãos, os Espíritos! Oh! santa fraternidade em Deus, que tens por divisa o doce nome de caridade e de amor! Faze que os homens se compenetrem da verdade de nossas palavras e da necessidade de as praticar! Então afastando-se da terra tornada

uma morada de paz e de amor, deixarão, para não mais a retomar, a vestimenta de lama que os retém cativos, para vestir a vestimenta de gaze que lhes permitirá de percorrer, como os silfos ligeiros, os vastos campos do infinito e da imensidade.

Aquele que foi FÉNÉLON.

Pergunta. — Podemos dar a conhecer aos nossos irmãos os ensinamentos que preferistes nos dar, e não é nosso dever de os espalhar o mais que nos seja possível?

Resposta. — Não é senão para que vós instruísseis vossos irmãos que nós vos instruímos; e seríeis muito culpados de guardar nossos ensinamentos para vós somente.

O Mesmo.²⁸

²⁸ Mensagem extraída de La Voix d'Outre-Tombe [A Voz de Além Túmulo], Bordeaux, 1º ano, N° 31, p. 4, 26 fevereiro de 1865.

XXV. DEUS É PAI ANTES DE SER JUIZ

Santa e equitativa justiça de Deus que, depois de ter condenado os culpados, se deixa dobrar por seu sincero arrependimento, dispensa-lhe então os tesouros de sua misericórdia, lança um véu espesso sobre suas iniquidades passadas e diz a seus eleitos: Regozijai-vos comigo, porque é grande a festa no céu: encontrei meus filhos desgarrados; tomai, pois, parte na minha alegria e vinde todos vos assentar no celeste festim!

Sim, irmãos, o arrependimento é o batismo que lava todas as manchas e que nos reconcilia com o céu. Também, vós que tendes sido arrastados pela fragilidade de vossa carne e de vosso espírito, e que caístes no pecado, não vos desespereis. Levantai a cabeça e clamai a Deus; ele vos enviará seus Espíritos para vos ajudar a entrar na via do bem e vos conduzir à felicidade pela prática da caridade e da humildade. Pobres irmãos! os homens torcem o rosto ao vosso aspecto e vos olham com desdém dizendo: ele é desprezível, ele pecou. Mas o anjo do arrependimento vos cobrirá com sua égide protetora e não falhareis mais; porque tereis recobrado vossas forças morais na piscina miraculosa onde todos os corações desanimados e secos pelas paixões terrestres recobraram a saúde do Espírito.

Crede-me, meus amigos, não é fácil de dobrar a justiça humana, não é fácil de reconquistar a estima de seus semelhantes quando se a perdeu; contudo, aqueles que julgam na terra e que não têm indulgência para com os pecadores terão, eles também, necessidade do perdão de seu Pai, porque poucos vão a ele isentos de todo pecado.

Sede pois compassivos com as faltas de vossos irmãos; sois falíveis como eles, e, ainda que estivésseis sem reproche, sabeis que, se eles chegam no mundo espírita purificados pelo arrependimento, eles vão assentar-se no festim dos anjos; porque Deus é pai antes

de ser juiz, e seu rigor não pode se manter em presença do arrependimento sincero de seus filhos.

Aquela que foi MAGDELEINE,
Reabilitada ao céu por seu arrependimento²⁹.

²⁹ Mensagem extraída de La Voix d'Outre-Tombe, 1º ano, Nº 32, p. 4, 5 de março de 1865.

XXVI. OS PEQUENOS PÁSSAROS

Pequenos pássaros, enxame gracioso que cantai nos frescos arvoredos, chocai sobre o musgo ou adejai ao redor de meus irmãos encarnados sobre a terra, porque, quando atravessais com um vôo rápido o espaço que os separa das regiões etéreas onde estão suspensos os globos cintilantes dos mundos superiores que habitam os bons Espíritos, por que não ides alegrar seus corações e encantar seus ouvidos pela brilhante descrição das moradas aéreas em que eles irão um dia gozar a suprema felicidade?

— Os pequenos pássaros têm falido na santa missão que Deus lhes deu, e, desde que os homens povoam a terra, fazem retinir os ares com suas notas cadenciadas, fortes ou suaves, alegres ou lastimosas, pomposas ou sérias, e buscam por seus doces concertos elevar, em aspirações ardentes para seu criador e seu pai, os Espíritos encarnados; mas estes não podem desligar seus corações dos bens e dos gozos terrestres e não dão nenhuma atenção a esses pequenos pássaros do céu que são, porém, devotados e fiéis; porque, se, por vezes, se afastam deles por um tempo, eles voltam logo a construir seus ninhos e reanimar sua alegre ninhada sob a sombra tutelar das florestas verdejantes, onde cantam sempre, longe daqueles que amam! Seus doces concertos importunam os egoístas e os orgulhosos, e eles fazem-nos cair ensangüentados e mutilados por seu chumbo mortal.

Mas Deus quer que no futuro os alegres habitantes dos ares nada tenham a temer dos homens. Os Espíritos do Senhor vieram em bandos numerosos para fazer compreender seus salutareis

ensinamentos e suas doudas lições, e alguns fiéis já obedecem a essas grandes vozes que vos vem do céu. Esses fiéis, são os espíritas. Como os pequenos pássaros, eles têm, também, uma missão a cumprir: a de cantar os hinos piedosos que são transmitidos aos médiuns pelos Espíritos superiores para a propagação da doutrina da verdade pelo progresso.

Espíritas, consagrai vosso tempo, vossas forças, vossa vida a esse apostolado bendito, para que antes de muito tempo os Espíritos livres e os Espíritos encarnados façam retinir os ares com esse piedoso cântico:

Amor, Paz, Caridade, Fraternidade entre todos os Espíritos, filhos queridos do mesmo Pai! Deus eterno.

*Aquele que foi FÉNÉLON.*³⁰

³⁰ Mensagem extraída de La Voix d'Outre-Tombe, 1º ano, N° 34, p. 4, 19 de março de 1865.

XXVII. SOBRE A MORTE

Os anos, os meses, os dias, as horas se sucedem; as lágrimas correm; um sorriso as faz desaparecer... elas correm ainda! A alegria nasce, a dor a mata! Tal é o curso da vida, até o momento em que o corpo, usado pelos esforços que fez para se manter em equilíbrio, a alma, alquebrada pela luta que sustentou contra ele, são recebidos nos braços da morte. E corpo e alma, sofrendo sem cessar, temem esse momento transitório, que põe um termo às suas angústias. Ah! é que a alma é cega e surda; é que ela quase se tornou matéria como o corpo que a envolve; é que ela não vê o horizonte que se abre diante dela; só vê a queda do corpo que foi seu companheiro de infortúnio, freqüentemente seu verdugo. Ligada à matéria terrestre, ela não compreende que possa isolar-se dela, e desembaraçar-se dela em um outro mundo. Ela sente os vermes da tumba carcomer esse ser que amou; ela treme... tem medo!

Mas a morte não fechou os olhos do corpo antes do que a alma libertada recupere suas percepções íntimas; ela vê, então, ela vê!!! Ela vê aqueles que chorara agrupar-se ao redor dela, felicitando-a pelas vitórias que obteve, consolando-a por suas quedas, encorajando-a na esperança. Ela vê, vê sempre, e seus olhares se voltam para aqueles que ela deixou para trás; sente suas lágrimas ardentes, cair sobre seu coração, e exclama: Ó meu Deus! por que não ter-me permitido esgotar suas lágrimas deixando-os! Depois, de repente, ela vê os frutos que crescem sob o orvalho dessas lágrimas; vê a reparação do passado operando-se pouco a pouco sob o arrependimento, e suas faltas resgatadas pela dor. Cada lágrima caída, cada angústia suportada com resignação, parece-lhe quebrar cada vez mais os ferros dos prisioneiros e os guiar para diante, para a rota que conduz ao círculo feliz, onde os corações amantes se reúnem para não mais se separar.

Ó morte! doce morte! quando serás compreendida? Quando a alma se libertará o bastante para compreender que só tu tens a

chave dessa vida, onde tu não tens mais o império? Emancipadora bendita! tempo da ceifa, tempo da ceifa nos campos humanos: quantas lágrimas correm; quantos gritos de angústia ressoam; mas opera tua obra de regeneração, limpando dentro desses sepulcros do quais só os exteriores estão limpos! E que as almas regeneradas possam te estender os braços, para se elevar, levadas sobre tuas asas, até aos pés do Criador.

Pergunta: Es tu, caro Espírito protetor?

Resposta: Sim. E espero ainda poder, em certas ocasiões, te dar ensinamentos. Não te desalentes, isso te suplicamos. Não creias ser egoísta buscando tirar um partido pessoal dos eventos que te afligem, visto que é em vista de teu progresso moral. Não te desalentes; porque tens a reparar os erros do passado, e tua reparação não pode ser válida senão enquanto se torna, de alguma forma, voluntária na humanidade, pela resignação e pela paciência com as quais as dores são suportadas. Falando-te assim, falo para cada um daqueles que pode me escutar ou que poderá me ler.

Espírito de revolta e de lamentação, como tu fazes de infelicidade detendo o progresso! Por que a revolta? qual é o seu objetivo? qual é o seu resultado? Ela entrava o curso dos eventos detidos até ao fim de uma vida humana e escolhes o adiantamento como provação pelo de lamentação?

— Não me recordo da escolha, dir-se-á: quem mo garante?

— Se tu te lembrasses, lembrar-te-ias também de suas causas, e tua vida seria envenenada pela apreensão dos eventos que devem preenchê-la. Tuas dores seriam menos acerbadas porque tu as esperarías e porque conhecerías as causas delas? Não, não, desengana-te; a taça amarga estaria sempre cheia. Não te basta saber que, culpado em uma existência anterior, expias nesta? A dúvida sobre a gravidade de tuas faltas não te convém mais, e não te retempera pela esperança de um futuro melhor? Sabe-o, o pai de família conduz seus filhos pela mão na via que eles devem seguir; e si a rota é longa, se os caminhos são difíceis e perigosos, ele desvia a atenção

de seus filhos, e lhes mostra as flores que crescem aqui e ali; ele os faz esperar outros, e o sangue que os obstáculos da provação ou da expiação fizeram correr, se seca pouco a pouco; porque o pai de família escolhe, em certas ocasiões, plantas salutareas para curar as feridas de seu filho.

Seu filho! Esta palavra não faz bater teu coração? Não a inspira à submissão, ao respeito, ao amor sem limite? Seu filho! Tu, homem, criatura finita, o filho do Senhor, do Altíssimo dos Céus! Tu, seu filho bem-amado! Oh! não lamentos mais contra seus decretos, filho, mas abençoa esse pai, que te conduz à sua morada.

Aquela que foi: MARGUERITE³¹.

³¹ Recebida em Bordeaux, outubro de 1864. Mensagem extraída de L'Avenir [O Futuro], Paris, 1º ano, N° 16, p. 4, 20 de outubro de 1864.

XXVIII. A LIBERDADE

Liberdade, onde está o teu templo? procuro-o em vão. É que na terra não o edificaram para ti? Todavia escuto todas as bocas proclamar tua feliz influência para a felicidade de todos! Teu nome misturou-se em todos os discursos eloqüentes de nossos oradores modernos; a imprensa te consagra cada dia louvores de seu devotamento afetuoso e de seu proselitismo; todos os peitos estremecem à lembrança de tuas antigas façanhas; todos os corações palpitam de alegria, de amor e de esperança pronunciando teu nome bendito, e não te vejo em nenhuma parte.

Responde-me, onde estás, para que te ofereça minhas homenagens!

“Não estou na terra; é em vão que tu te fatigas em me procurar; reino na imensidade. O espaço me pertence, o espaço com seus mundos inumeráveis, seus sóis resplandecentes, seus jardins maravilhosos, suas imagens graciosas, suas multidões de Espíritos errantes, esvoaçando em todos os sentidos ao meu redor, roçando-me de leve com suas asas transparentes, repousando-se aos meus pés, coroando minha cabeça com um diadema cintilante, divertindo-se com meus cabelos como a borboleta sobre as flores. Livre da liberdade fraterna que une, aqui, por amor, todas as criaturas saídas das mãos poderosas de Deus, eu estou bem aqui; não tenho inimigos; ninguém nem sonha em me destronar; vivo feliz, em paz, no reino de meu pai.

“Desci algumas vezes na terra e não pude permanecer nela; enchiam-me de ultrajes e de calúnias; construíam em meu nome os instrumentos de morte, e faziam-me banhar em ondas de sangue; ensurdecera pelos bramidos de uma multidão em delírio; sofri muito, mas Deus tornou a chamar-me para ele. Não voltarei entre os homens senão quando o espiritismo lhes terá feito praticar minha santa divisa: *amor e caridade*; e quando eles tiverem com-

preendido que a verdadeira liberdade não virá habitar entre eles senão a esse preço, farão todos os seus esforços para merecer meu advento, e abrigar-me-ei sob sua tenda, quando estiverem unidos pelos laços da verdadeira fraternidade.”³²

³² Não há, no texto, o nome do Espírito que deu a comunicação. Mensagem extraída de *L'Union Spirite Bordelaise* [A União Espírita Bordelesa], Bordeaux, 1º ano, N° 16, pp. 95-96, 22 de setembro de 1865.

XXIX. DUAS EXISTÊNCIAS

NOVELA

I³³

Naquela época em que a nobreza esmagava sem piedade tudo o que a cercava, como o carvalho sufoca sob sua sombra as fracas plantas que crescem muito perto de seu tronco vigoroso, vivia, em um opulento solar, uma jovem e encantadora criança de dezesseis anos apenas. Os longos vestidos de luto dos quais estava coberta faziam sobressair o tom deslumbrante de sua carnação de um branco rosado tão transparente que os filetes azuis que levavam a vida no corpo delicado podiam se seguir a olho. Os cabelos, de um louro pálido ligeiramente colorido de cinza, faziam brilhar ainda mais dois grandes olhos negros cuja doçura parecia disputá-lo à malícia. Pequena boca risonha, pé de criança, talhe de ninfa, flexibilidade de gata, tal era a jovem e bela Margareth de Rothenfeld, no momento em que começa nossa história.

Um tutor é sempre necessário, quando se trata de uma jovem herdeira órfã e, sobretudo, em uma história que pode assemelhar-se a um romance mas que deve, entretanto, levar o sinete da verdade. O tutor de Margareth era um velho barão, arrogante, orgulhoso de seus antepassados, orgulhoso de sua fortuna, orgulhoso de..... de que não eram todos orgulhosos, nessa época!

O barão tinha um filho; — este é ainda de uma absoluta necessidade em todos os relatos dessa natureza — mas o nobre pimpolho, também todo orgulhoso como seu pai, era muito menos belo, muito menos valente do que aqueles dos quais arrastava o nome,

³³ Novela Extraída de *L'Union Spirite Bordelaise*, 1º ano, N° 44, pp. 189-192, 22 de abril de 1866.

porque não o levava. Entretanto, apesar de seus vícios, era amoroso, amoroso em perder a cabeça dele ou, antes, em fazê-la perder aos outros; amoroso de quem? Vo-lo adivinhais.

Margareth, ainda que jovem, era tão desenvolvida como espírito quanto seus encantos o eram como mulher. Ambiciosa, orgulhosa de sua beleza, a perspectiva de viver estiolada entre os velhos muros do solar nada tinha que tentasse sua viva imaginação que nada sonhasse menos do que um trono para sentar e, para futilidades, para os adereços de um reino. Contudo, apesar de seus protestos, apesar até de suas lágrimas, ela foi constrangida a suportar o esposo que seu tutor lhe destinava. O sacrifício foi consumado. Mas, como em todos os sacrifícios é preciso uma vítima e como a bela Margareth não era a menos disposta, no mundo, a sê-la, essa vítima foi seu esposo que dela tomou o lugar e, na própria noite do hímen, quando entrou em seus apartamentos ela dispensou suas criadas, uma beberagem preparada pelo digno capelão do castelo, seu diretor de consciência, foi oferecida por suas brancas e doces mãos àquele que contava com impaciência os segundos cuja marcha muito lenta o separava ainda do objeto de seus desejos. Essa beberagem tornou viúva a virgem recentemente casada, e a coroa nupcial foi assim mudada em novos crepes de luto.

Mas isso não foi tudo: era preciso fugir da vingança do pai que, ainda que não amando esse filho do qual se envergonhava, não contava menos com esse casamento para aumentar o brilho de sua fortuna e elevar sua raça.

Auxiliada pelo capelão discreto e complacente, Margareth partiu na própria noite e se mudou para uma cidade vizinha onde, trocando de vestes e tomando o procedimento e o tom de um jovem pajem indo encontrar seu senhor na corte, fez com sangue frio todos os seus preparativos de partida.

Não vos falarei da cólera do barão, das diligências que fez para apoderar-se de novo de sua pupila e vingar a morte de seu filho e também, essa a mais cruel ainda de suas esperanças: fazei-vos uma idéia dela, e como isso não é útil para a marcha de nosso relato,

seguiremos nossa bela viajante na França onde seu desejo de se agradar a chamava. Esquecera de vos dizer que Margareth nascera na Áustria.

Na corte, sua beleza, sua fortuna não tardaram a lhe atrair as homenagens de toda a flor da cavalaria; mas, absorvida por uma idéia única, aquela de subir em um trono, seja pelos passos que a ele conduzem à vista de todos, seja introduzindo-se furtivamente por trás, ela repelia todos os aspirantes à sua mão. Entretanto, ardente como uma Italiana (seus grandes olhos negros recordavam aqueles do pajem florentino de sua mãe), voluptuosa como uma Alemã, o amor devia triunfar, cedo ou tarde, de suas recusas; mas o amor prudente, o amor clandestino que se apodera sem comprometer.

Apesar de suas precauções, várias vezes seu talhe tomou proporções inusitadas; ela foi obrigada a chamar em seu auxílio a ciência de sua alma danada, seu capelão, que não a deixara. Mas qualquer que fosse sua boa vontade para dar a essa cintura fina a flexibilidade que perdia, não pode impedir que três vezes as provas vivas não viessem atestar as fraquezas de Margareth.

Digamos em seu louvor que uma vez mãe, ela não teve a coragem de destruir os frutos de seus amores criminais; mas teve esse, mais culpado ainda, talvez, de os abandonar!

Não seguiremos nossa heroína nos belos anos de sua vida: sempre as mesmas ambições, sempre as mesmas faltas!

Encontrá-la-emos a vinte anos de distância, quando os róseos de sua tez começavam a perder o frescor, que seus olhos brilhavam mais do brilho da cólera ou da inveja do que dos fogos do amor. Seu poder decaía, mas não sua ambição.

Ela encontrou então em seu caminho um belo rapaz, pajem na casa do duque de ***, pelo qual tivera grandes ternuras. Esse duque, *mãe rica* sem dúvida, seguiu o menino nascido de suas relações com Margareth, fizera-o erguer e, como não podia apresentá-lo como seu filho, fizera-o entrar em sua casa a título de pajem

e lhe prometia para mais tarde sua proteção armada. Margareth, impressionada pela beleza do jovem Jehan, não pode se defender de uma afeição profunda que sentiu por ele. Por seu lado, atraído por não sei que corrente fluídica, Jehan não podia viver senão aos pés de Margareth; de tal modo que, para evitar um crime que apavorava sua consciência, o duque de *** foi obrigado a comunicar à mãe e ao filho o laço íntimo que os uniam.

Não ides crer que essa revelação inesperada os enchesse de assombro, lançasse o desespero em suas almas arrebatando-lhes para sempre as ilusões muito adoradas. Não, longe disso. O amor que os unia, ou antes o sentimento atrativo que os atraía um para o outro, nada tinha dessas paixões desordenadas que não se podem extinguir senão na saciedade. Eles se amavam sem o saber, como ter-se-iam amado se soubessem. Eis tudo.

Mas cultivando essa afeição, a natureza não dera prova de uma grande sagacidade. Ela quisera fazer amadurecer um bom fruto em árvores más. Do fruto, nada senão a casca e a aparência; e como o sabor foi amargo!

Não podendo mais brilhar por seus próprios encantos, perdendo seu império pouco a pouco, Margareth se esforçou de o reconquistar por meio de seu filho.

Jehan, de um caráter fraco ainda que irascível, deixou-se influenciar facilmente e tornou-se, guiado por essa mão hábil, o mais horrível instrumento, seja de vingança, seja de captação, que pudesse imaginar a mais perversa natureza. E o pacto durou assim até a morte do rapaz que, muito felizmente para a sociedade, morreu antes da idade madura, esgotado pelas devassidões de toda natureza, levando com ele o egoísmo, o ódio e o orgulho por companheiros do caminho, nessa viagem de onde ele dissera que não se volta.

Quanto à mãe, ela continuou a viver como vivera. O luxo e o aparato encheram a sua existência (as outras paixões deviam ter se extinguido sob os gelos da idade) e, chegou a uma velhice bastante

avançada, morreu *santamente*, deixando todos os seus bens para duas abadias nas quais diziam-se as missas em perpetuidade para o repouso de sua alma.

Assim seja!

II

Se eu fosse um verdadeiro romancista antes que um romancista *verdadeiro*, teria podido tirar qualquer outro partido da *novela* que vos contei.

Em lugar de vos dizer em algumas palavras a vida de minha heroína, teria tomado sua mãe no berço, ter-vos-ia traçado o plano do castelo feudal no qual sua juventude feliz transcorrera; ter-vos ia feito a descrição exata dos locais, das encostas, dos planos; teríeis deslizado comigo sobre o curso de água que serpenteava no prado e enchia, se fosse preciso, os fossos. Teríeis escutado os doces juramentos de amor trocados entre a poética e sonhadora Marie e seu jovem e ardente primo, filho caçula de uma ilustre mas muito pobre casa da Áustria. Depois, passando bruscamente do doce ao terrível, ter-vos-ia feito assistir ao assalto ao castelo por um orgulhoso vizinho, muito contente de aproveitar um pretexto de caçar às escondidas para se apropriar das terras que o cercavam; depois ter contado os tiros de arcabuzes, os abalos dados nas portas pelos aríetes, os feixes de ramos empilhados diante delas para fazê-las ceder pelo fogo, ter-vos-ia feito ver a pálida Marie levando as chaves do solar ao cruel invasor e pedindo a vida para os vassallos fiéis que se agruparam ao redor dela para a proteger com seus corpos. Eles a amavam tanto! Ela era tão doce, tão bela, tão adorável!....

Ela implorava, a pobre menina! A pobre órfã cujo pai acabava de ser mortalmente ferido! Ela implorava, porque o jovem e bem-amado Arthur, ele também, estava ali, estendido na sala de armas, a cabeça aberta e banhado em seu sangue... mas o hábil *algebrista* dissera: “Toda esperança não está perdida”, e Marie, para o sal-

var, resolvera sacrificar seu patrimônio. E depois, o que ela podia fazer? Seu pai morto, seu noivo ferido!

O cruel inimigo, sobreexcitado pelo aspecto dessa inocente criança, apanhou as chaves dizendo: “Nobre senhorita, longe de mim exigir que uma tão bela pessoa vá morrer em um claustro! As chances da guerra me fizeram senhor de vosso castelo, mas a lei de beleza me faz vosso escravo. Concedo a vida salva a todos aqueles que estão incluídos neste lugar, com a condição de que, antes do pôr do sol, a bela Marie terá aceitado o título de condessa de Rothenfeld”. Marie quis recusar, mas o conde obstinou-se. Era preciso optar entre a morte de seus fiéis defensores, a morte de seu bem-amado, ou o sacrifício de sua vida!... A noite, a jovem esposa do conde jurara fidelidade ao seu feroso esposo.

Sempre se eu fosse um verdadeiro romancista, ter-vos-ia feito assistir à vida íntima de Marie, em seus sofrimentos, em suas dores informando que Arthur arrancara o aparelho aplicado sobre sua chaga muito aberta e preferira morrer do que viver sem sua bem-amada. E pensar que sua vida lhe custara um tão grande, um tão longo sacrifício!...

Ter-vos-ia descrito ainda o aspecto do castelo forte de Rothenfeld. Ter-vos-ia feito caçar o cervo, forçar o javali com o conde; ter-vos-ia contado o número dos pratos de carne distribuídos simetricamente sobre a longa mesa dividida no centro pela saleira de prata com as armas da casa. Teríamos degustado juntos os vinhos da Itália e da Grécia que corriam em ondas, e teríamos erguido os combatentes introduzidos sob a mesa depois de beber ou caídos furados por uma punhalada, em seguida de uma querela de precedência, por uma questão de mais ou menos de destreza na caça ou da antigüidade mais ou menos contestável da casa. Depois, finalmente, após vos ter feito assistir ao nascimento de Margareth, ter-vos-ia mostrado o jovem Jean, pajem, criança levantada do chão na porta do solar, educada pela dama do lugar, verdadeiro querubim, mas que não tinha no coração amor senão para sua dama; ter-vos-ia mostrado com sua morena e bela figura florentina, seus

vinte e dois anos, de pé atrás da cadeira de espaldar alto esculpido em carvalho negro, onde o poderoso conde tomava lugar para suas orgias; teríeis ouvido o barão de Vongerth, seu vizinho, amoroso repellido por Marie, fazer elogios ao seu hospedeiro sobre os belos olhos de sua filha, então, com a idade de dez anos, belos olhos tão semelhantes àqueles do pajem que, verdadeiramente, poder-se-ia crer que o mesmo operário os fabricara. É quando teríeis visto o conde se erguer, terrível de furor em sua embriaguez e, com uma mão tornada firme pela força da cólera, cravar sua larga adaga em pleno peito do jovem Jean que não teve tempo de pensar em sua dama adorada. Depois teríeis seguido o enterro do alto e a poderosa dama Marie, condessa de Rothenfeld, morta vinte e quatro horas depois, em seguida a horríveis convulsões, não tendo podido proferir uma única palavra, mas tendo, por um supremo esforço, lançado sua órfã nos braços de seu esposo.

Alguns anos mais tarde, ter-vos-ia mostrado o conde, atormentado de remorsos, vendo sem cessar levantar-se diante dele o espectro de Jean, sua ferida bem aberta, ainda sentindo o sangue tépido jorrar sobre suas mãos, enlamear seu rosto e, não podendo acalmar seus terrores que à vista da pequena Margareth, verdadeiro retrato de sua mãe, menos os olhos que, dissemo-lo, por sua fatal semelhança com aqueles do pobre pajem, causaram todas essas infelicidades.

Ter-vos-ia explicado de que modo o envoltório semelhante não estabelece sempre a natureza íntima idêntica, e teríeis visto Margareth crescendo sob os olhos do conde, estragada por ele que não queria lhe fazer padecer nenhuma contrariedade, desenvolvendo-se tanto em maus sentimentos como em beleza.

Ter-vos-ia conduzido em seguida junto ao leito mortuário do conde. Teríamos encontrado o barão seu companheiro de armas junto dele, recebendo em depósito sua filha Margareth e jurando educá-la e amá-la como sua própria filha, já que o céu lhe recusou o favor de ter uma filha, o que desejara sempre, e lhe concedeu um filho sem o qual ele passaria muito bem.

Ter-vos-ia dito tudo isto e muitas outras coisas ainda, se tivesse sido um verdadeiro romancista; mas teria sido muito longo para um romancista verdadeiro, e meu editor talvez se tivesse assustado com ele. Mais valia para ambos não vos oferecer senão uma pequena *novela*, em forma de folhetim se quereis (é a moda para o momento), e acabar mostrando-vos as conseqüências dessa primeira parte. Logo, pois, a seqüência, praza a Deus, e aos nossos guias.³⁴

III³⁵

Disse que Margareth morrerá, ou ainda que ela acabará?³⁶ — Por que essa questão? — É que estabeleço uma grande diferença entre essas duas palavras. Talvez ides rir escutando-me, mas vou tratar de fazer-vos partilhar minha opinião colando-vos em meu ponto de vista:

Finir [acabar], é ter chegado ao termo de uma jornada laboriosa, fatigado do trabalho, mas satisfeito de ter cumprido a tarefa e de chegar ao momento do repouso; é assistir tranqüilamente à desagregação da matéria, entrevendo através do nevoeiro que se espessa pouco a pouco a aurora que se levanta; é dormir-se na calma, sabendo que se despertará na alegria.

Mourir [morrer], oh! morrer, é diferente! É ver, ao pé de seu leito de dor, levantar-se o esqueleto hediondo cujas mãos geladas vos apalpam, se estendem a vós... É sentir o ar faltar aos pulmões, ver desaparecer os rostos amados, procurar sob seus dedos crispados um ponto de apoio que escapa... É escutar com terror o sangue que

³⁴ L'Union Spirite Bordelaise, 1º ano, Nº 45, pp. 213-215, 1º de maio de 1866.

³⁵ L'Union Spirite Bordelaise, 1º ano, Nº 46, pp. 232-238, 8 de maio, de 1866.

³⁶ Était morte: no original: estava morta, morrerá; avait fini, no original: tinha acabado, acabara, morrerá. O autor vai fazer a diferença entre mourir = morrer e finir = acabar, terminar, embora também possa ser usado como morrer. Assim, vamos conservar as duas palavras em Francês, mourir e finir. N. do T.

não pode mais descer, o sino tocar o dobre da morte nas orelhas, bater em golpes redobrados sobre as fontes, inchar ao partir o coração que não pode mais nem recebê-lo, nem impeli-lo. É lançar um rápido golpe de vista sobre o passado que se afasta deixando a perspectiva de um futuro que apavora, porque, apesar do passaporte assinado pelas autoridades eclesiásticas e dado a todo moribundo que o pede, credes que o próprio devoto parte tranqüilo quando sente que não cumpriu a obra de sua vida? Não, a angústia do desconhecido, do desconhecido que pressente sem o compreender, vem sempre destruí-lo. Os atos maus de sua vida se levantam diante dele, todos! Eles se reúnem aos seus olhares apavorados, e o agonizante compreende que deve haver outra coisa para estabelecer um balanço exato, como uma beatitude assalariada³⁷ ou uma danação gratuita.

Morrer! É não ter a fé que sustenta, não ter a esperança que consola!

Margareth morrera! Sim, recorde-me de vo-lo ter dito: Morte, com todos os terrores que sua vida culpada arrastava; terrores mais fortes do que a certeza dada pelos santos padres que, todavia, tarifaram bem alto a purificação de sua consciência.

Esboçar-vos-ei sua passagem no outro mundo? Far-vos-ei assistir ao seu pavor quando, ao sair da letargia dolorosa provocada pela crise final, ela se encontrava jovem junto de seu esposo envenenado, de seu sogro cheio do espírito de vingança que o animara, de seu filho que lhe reprovava de tê-lo impelido ao crime em lugar de tentar desviá-lo dele como seu dever de mãe prescrevia, como ela se empenhara em fazê-lo antes de aparecer na terra nessa última encarnação? Dir-vos-ei todos os seus sofrimentos, todas as suas lutas? Em luta com seu orgulho, angustiada pelo remorso, porque no fundo não era seriamente má, quanto não sofreu, a

³⁷ Não compreendo muito o que o Espírito quis dizer por *beatitude assalariada* no outro mundo. A beatitude pode ser olhada como um salário concedido àquele que o mereceu, mas não é assalariada; a não ser que ele não entenda os dons feitos para o obter? Mas, nesse caso, ainda o salário seria para aqueles que vendem a esperança e não para a beatitude. (*Nota da médium*).

pobre Margareth!... que quadros hediondos não se desenrolaram aos seus olhos aterrorizados, que imprecações não vierem afligir seu sentidos desvairados!!!

Louca de dor e de vergonha (há loucos entre nós, ainda que não sejam completamente como os vossos), não sabendo como se livrar dos vingadores que a perseguiram, — ela cria-o assim, pelo menos — errou durante séculos, antes de ter compreendido que, o orgulho sendo seu mais implacável inimigo, era o orgulho que devia combater.

Finalmente, deixa de errar sem objetivo, de procurar uma sombra se afastava sem cessar, ela se humilha e suplica graça.

O arrependimento se fez luz: um arrependimento sincero que lhe fez desejar reparação, sua promessa foi atendida!

Margareth reapareceu na cena do mundo, mas...

Não é mais a grande dama ativa que todos deviam admirar, sob a qual tudo devia curvar-se. É, ai de mim! é... uma simples artesã. Nascida em uma família burguesa, no meio de uma comodidade suficiente para prover às necessidades da educação dos filhos, Anne a cresceu sob os olhos de seus pais cuja terna solicitude a envolveu com todos os cuidados que reclamava sua saúde delicada. Um pouco... até muito preguiçosa, ela aproveitou o amor que se tinha por ela, para negligenciar sob pretextos fúteis de saúde, a educação, os talentos que lhe queriam dar.

Corrigida em seus vícios, mas tendo ainda uma raiz no fundo do coração, a posição de sua família a humilhava. O que era ela no meio do mundo? o que era ela para os felizes da terra que a enlameavam passando em suas carruagens, para as mulheres elegantes cujos vestidos de seda e de veludo se amarrotavam com desprezo³⁸ contra seus vestidos de lã, tão coquetemente arranjados não obstante que Anne estivesse encantadora em sua simplicidade.

³⁸ Meu amigo Xavier entregou-se às comparações um pouco arriscadas, parece-me. Nunca ouvi dizer que a seda e o veludo experimentassem o *desprezo* pela lã. Aquelas que os trazem, é possível. (*Nota da médium*).

Encantadora! sim, mas não feliz! Ela ainda ambicionava. Menos do que, então, em sua última existência, mas, vós o sabeis, há plantas tenazes que deixam durante muito tempo algum filho de suas raízes na terra e do qual não pode se desembaraçar senão à força de perseverança.

Anna conseguira na idade em que as jovens estão desejosas de trocar de posição, senão para satisfazer à promessa da natureza a fim de preencher por sua vez a tarefa tão séria, tão gloriosa de esposas e de mães, pelo menos para se libertar do jugo da família que, tão leve quanto seja, pesa sempre um pouco: para ter toaletes mais elegantes, aparecer mais facilmente, se dar finalmente *uma posição*.

Anna podia escolher entre um jovem amanuense arrojado, bem elevado, mas pouco afortunado, e um rico negociante cujos brilhantes negócios faziam abater de despeito todos os seus rivais. Ela tinha, graças à economia de sua família, um dote bastante considerável que bastasse para colocar Léon, nosso jovem amanuense, em estado de se dar um lugar ao sol; mas não era melhor que esse dote aumentasse ainda os negócios do negociante? Uma posição feita não é sempre preferível a uma posição a fazer?

Anna³⁹ fez sua escolha, e pouco tempo depois, a caxemira⁴⁰ da Índia se estendia sobre seus ombros fatigados, a seda roubava aos olhares suas formas graciosas. Ela revelava aos olhos do público ricas toaletes, mas estava envolvida nelas e seus encantos nisso perdiam. De amor, de simpatia, de semelhança de gostos, de caracteres, de hábitos, deles não se tratou. E, contudo, não é nessa situação o que, em todos os sentidos, se deve procurar quando se

³⁹ O autor espiritual, usou, nestes três parágrafos, o nome de “Anna”, e não “Anne”, como vinha fazendo, e seguiu usando “Anna” até o fim. N. do T.

⁴⁰ Caxemira: lã muito fina e macia feita do pêlo de um tipo de cabra de Caxemira (Índia e Paquistão); fio dessa lã, geralmente empregado, em vestimentas próprias para estações mais frias; tecido em cuja composição entra esse fio de lã, ou outros que o imitam, segundo o *Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa 1.0*. N. do T.

trata de contratar um compromisso para toda uma existência!

Orgulhoso outro tanto e mais, muito mais do que sua mulher, Maurice não vira em seu casamento senão uma belíssima pessoa cujo espírito e as graças podiam ser-lhe úteis; o próprio dote não deixava senão de ter um certo mérito, porque para ter uma reputação de grande negociante, de homem hábil, de artífice de negócios, é preciso às vezes se arriscar muito; os lances de dados não são sempre felizes e os credores perdem às vezes a paciência.

Maurice foi se fixar em Paris, grande centro das inteligências.... e do cretinismo, do talento.... e da tolice, da honra.... e da baixeza. Em Paris pode-se tudo, dizia-se; e fazendo de sua mulher um degrau para si procurou lançar-se no mundo da especulação. Mas, ai de mim! por mais hábil que ele fosse, encontrou sempre alguém mais hábil; por tão..... esperto quanto fosse, encontrou sempre outro mais.... esperto, e o dote de Anna foi logo dissipado, e os credores tomaram o que podia restar, e a pobre jovem se viu reduzida à mais terrível miséria.

Aqui começa a reparação: a verdadeira, a proveitosa.

Anna tinha dois caminhos a seguir:

Tendo, por sua falta, desenvolvido os maus instintos de seu filho, em uma existência anterior, tinha de sofrer as conseqüências desses mesmos instintos com seu marido, para combatê-los, para vencê-los.. Ali estava sua tarefa, sua reparação.

Já tendo falido pelo orgulho, pelo egoísmo, pela ambição, tinha para vencer-se a si mesma, em viver humilde, resignada, devotada.

A primeira parte de sua vida devia tê-la preparado, mas ela ainda deixara-se arrastar por seus instintos: a segunda era mais difícil, porque se ela tivesse compreendido mal, a reincidência era inevitável, e a provação perdida.

O que fez ela?

Ela se revolta; lamenta o jovem e amoroso amigo que seus pais queriam fazê-la esposar, amaldiçoa seu marido, seu destino, blas-

fema contra Deus! O que fizera ela para ser tão infeliz, quando tantas de suas amigas viviam na opulência, tendo como ela contratado um casamento absolutamente como se faz um negócio, mas tendo tido a *sorte* em sua especulação? O que fizera ela de mais ou de menos? Era ele um Deus que pudesse assim humilhar, sob sua mão de ferro, alguém de suas criaturas, quando deixava tais outras levantar tão orgulhosamente a frente? Ou Deus não existe, ou somos joguetes de sua vontade despótica, lançados na terra por capricho e abandonados a nós mesmos, à mercê dos eventos que surgissem.... em virtude de quais leis.... do acaso!

Assim falava Anna, e ela sofria. Oh! sofria todas as torturas do Inferno, porque tornara-se mãe, porque amava os dois pequenos seres que lhe deviam a vida, e ela amaldiçoava seu nascimento, adorando-os completamente.

Um dia contudo, aquele que ela repelira, aquele que lhe amara, que a amava ainda, mas com um amor devotado e puro que poucos dentre os homens compreendem hoje, Léon veio trazer-lhe a consolação, a resignação, a fé enfim. Léon era espírita. Por ele a luz se fez, e com ela, a calma entrou na alma da pobre desolada. Ela compreendeu seus deveres: em lugar de repelir aquele que fizera a desgraça de sua vida, ela ligou-se a seus passos, esperando, à força de boas palavras, de conselhos, de devotamento, reconduzir a um caminho melhor aquele a quem consagrara sua vida. Repe-liu as idéias de vingança que, às vezes, a fizeram sorrir em suas lágrimas, e não se julgou mais com direito de procurar no amor clandestino um alívio aos seus sofrimentos; compreendeu todo o valor de um juramento pronunciado livremente, ainda que uma das partes não preenchesse as condições dele; e, agora, humilde de coração, piedosa, resignada, Anna, operária laboriosa *ganha* o pão de sua jovem família que cresceu sob seus olhos na austeridade de uma crença raciocinada.

O próprio Maurice, encorajado pelo exemplo de sua mulher, seduzido por sua candura e seus conselhos obteve um emprego que, à força de zelo e de energia, um dia, trará de volta à casa a

comodidade. E, então, ela permanecerá nela, porque a ambição e o luxo não estarão mais ali para afastá-la dela.

Aí está o fim de minha *novela*; ela é bem prosaica, não é? Seria necessário terminar por um golpe de teatro para impressionar. Mas, o que quereis, leitores, não tinha senão a contar-vos uma história verdadeira, à parte os nome que me permiti arranjar para minha idéia. Vos mostrei os dois caminhos a seguir para minha heroína, e lhe fiz escolher o melhor, por fim, porque queria vos dar um bom exemplo. Ela o escolherá definitivamente? Disso nada sei ao certo: ela ainda está no início do caminho. Possa essa historieta, se ela lhe cai sob os olhos, servir-lhe de guia e esclarecê-lo. Meu objetivo será alcançado.

Agora meu nome que não conhecias muito,

*Teu amigo: XAVIER.*⁴¹

APÊNDICE

Sabes bem, meu caro Mentor, que se estivesse suscetível, ocorreria de me irritar! Mas, esteja tranqüilo, não quero que possas me acusar de ter posto o orgulho em minha *obra literária* e não me ofendi com tuas observações.

Achas que não sustentei o estilo *enfático* que tomara no início, e que o meu fim está bem *terra a terra*. Pobre de mim! pobre de mim! oh! meu querido guia, se te recordasses de minhas observações, terias compreendido melhor que eu nada inventava, mas relatava somente os fatos de meu conhecimento, esforçando-me por lhe dar da melhor forma que posso a cor da época. Quanto ao desfecho não pude seguir o mesmo caminho, justificadamente. É

⁴¹ Esse Espírito se apresentou, há cerca de três anos, como Espírito leviano, chistoso desagradável, mistificador. Tem sido bastante difícil trazer de volta. Há bem dois anos que não ouvira falar dele. (*Nota da médium*).

de mim isso; construído sobre as possibilidades, sobre as probabilidades. Mas devo ter, por ordem superior, me abster de fazer alguma alusão de posição que pudesse pôr a heroína existente no caminho, e dar-lhe ensejo de crer que eu traçava seu presente e, por consequência, seu futuro.

Tire desse esclarecimento as consequências que desejardes; não estou autorizado a dele dizer-te mais.

Ao bom entendedor, meia palavra basta!

XAVIER.

XXX. A CARIDADE

Meus amigos, a caridade, que chamais a justo título a filha do céu, é esse belo e nobre sentimento que faz bater vossos corações à vista, ao único pensamento de uma miséria a mitigar; é essa virtude que, em qualquer esfera terrestre que vivêsseis, vos faz dizer vendo até o último dos homens: é meu irmão, devo-lhe ajuda e proteção; é esse sentimento que é o complemento da lei moral que cada um traz em germe no fundo de seu coração, dessa lei que Deus promulgou do alto do Sinai e escreveu em seu santo Evangelho.

O mais perverso espírito, o mais recalitrante a todo pensamento de progresso, não pode negar essa verdade e se esse ser, infelizmente arrastado pelo gênio do mal, parecesse desconhecer sua essência eterna, sua consciência, sentinela vigilante, gritar-lhe-ia: Olha no fundo de teu coração e lê: *Deus, amor, caridade!!...*

Amai-vos, meus amigos, amai vossos irmãos e, por um justo retorno, rendei a Deus amor por amor.

A adoração e o amor voltam de direito a Deus; ele vos revelou que vós não o ofendíeis expondo-lhe vossas necessidades que ele conhece, porém, antes mesmo que vós as experimentásseis. — Seríeis verdadeiramente dignos de compaixão se vossos corações não estivessem cheios desses sentimentos que devem fazê-los vibrar, quando a criação inteira louva sua majestade, celebra sua grandeza, manifesta seu poder e se abandona à sua providência infinita.

Sois todos irmãos; o negro da África, embrutecido pela escravidão; o lapônio, mirrado pelo frio do norte; o estúpido malaio, são vossos irmãos, formados da mesma massa que vós: o envoltório, por mais grosseiro que ele pareça é a casca que encerra uma alma humana, também nobre em sua essência como aquela do mais digno europeu.

A deformidade ou a indigência não podem fazer perder a qualidade do homem, imagem viva da divindade. E contudo em vos-

sa terra onde a ambição está tão ativa, onde os prazeres são tão variados, sabe-se somente se há infelizes? deseja-se sabê-lo? E se muitos são infelizes, não é precisamente porque são virtuosos?

Oh! ricos, cujas mesas são suntuosamente servidas, esses gritos de dor, que ouvis ao longe e que vos importunam, são impelidos por esses Lázaros que não pedem senão as migalhas de vossas mesas! Entretanto, apesar de suas súplicas, suas lágrimas mesmo, eles obtêm sempre o que pode aliviar suas misérias? Pobre de mim! não. O pobre segundo os homens é um ser que se esquece, que se abandona, que se proscree; dir-se-ia que ele é a escória da natureza inteira, dir-se-ia até que seu estado infeliz lhe imprimiu na fronte essa palavras: *vergonha, ignomínia!* Quando aparece, foge-se dele; crê-se ser transportado a esses lugares afligidos pelo trovão e do qual se afasta, porque se os teme. Crer-se-ia verdadeiramente, vendo-o, que sua desgraça tirou-lhe a *dignidade e a humanidade!*...

E entretanto, se se refletisse no que falta a esse ser para ser honrado em vossa terra, estar-se-ia envergonhado pensando que a ele só falta um pouco de ouro; e o sabeis, vós, meus amigos, já vo-lo disse, se muito pedem ou imploram a caridade, é justamente porque eles são virtuosos; mas, não se quer pensar nisso, prefere-se lastimá-los da ponta dos lábios ou lançar-lhes algumas moedas para afastá-los.

Como é possível! a faculdade que é concedida pela sorte daria direito àquele que usa dela o direito de insultar aquele para quem dá a esmola?

Ó vós, meus amigos, que sois felizes e favorecidos, favorecidos porque sois contados no número dos valentes operários da divina caridade, fazei-vos uma outra idéia qualquer, de pobre!

O pobre é obra por excelência da criação; é como a revelação da sabedoria de Deus; se o rico é o protetor do pobre, o pobre é o salvador do rico, porque ele lhe oferece a ocasião de transformar suas riquezas em caridade que lhe servirão para comprar o céu.

Ele é um emprego mais nobre das riquezas do que fazê-las servir para reparar as misérias conhecidas, para prodigalizar os so-

corros àqueles que sofrem? Uma alma devotada pode ter as emoções mais doces do que aquelas que ela experimenta à vista dos felizes que ela fez por suas esmolas e as consolações morais que ela sabe distribuir? Não certamente: mas para isto é preciso que as esmolas sejam caritativas e não isso que se chama vulgarmente uma liberalidade, um benefício e do qual o verdadeiro nome é: *ostentação orgulhosa*. A esmola caritativa se oculta. Jesus-Cristo não disse: “Quando fizerdes a esmola, que vossa mão esquerda não saiba o que faz vossa mão direita, a fim de que vossa esmola seja secreta?” E então a compaixão que tereis para vosso protegido, as palavras afetuosas que acompanharão vosso dom produzirão mais frutos do que a própria esmola.

Porque sabeí-o bem, meus amigos, a caridade não tem somente para missão aliviar as misérias do corpo, mas ela deve também, e é o seu mais belo papel, aliviar as da alma.

Nada agrada a Deus como a amizade de uns encorajando a paciência dos outros, nada lhe desagrade também como essa paciência posta à prova pela indiferença e pela insensibilidade. Há alguma coisa de triste e de repugnante como essas almas que celebram o orgulho da esmola para passar por benfeitores da humanidade enquanto seu verdadeiro título é: *vis mercenários*? Há alguma coisa de consolador e de tocante como essa caridade exercida pelo pobre para com o rico como pelo rico para com o pobre, essa caridade que é o cumprimento das palavras do Cristo: amai-vos uns aos outros; essa caridade finalmente que faz que se perdoe tudo o que pode, e da parte seja de quem for, trazer insulto ao nosso amor próprio.

Oh! sim, é essa caridade moral que agrada sobretudo a Deus e isso porque ela pode ser exercida pelo pobre como pelo rico, pelo operário como pelo patrão ou o amo, pelo servo como pelo senhor!...

Que ela é bendita essa alma ferida, que elevando-se para o divino Mestre, lhe diz: “Senhor, vede o fundo de meu coração e sabeí que não somente perdôo, mas também que vos suplico de perdoar àquele que ultrajou.”

Como é digna aos olhos do Eterno essa alma que sabe opor o perdão à ofensa! E não é aqui o caso de vos dizer, meus amigos, vós os infatigáveis pioneiros da divina revelação: “ Sois achincalhados, ridiculizados por causa de vossa crença no espiritismo; os Escribas, os Fariseus novos, não contentes de os renegar, insultam aqueles que têm justas razões de crer nas manifestações dos Espíritos; os epítetos grosseiros e injuriosos (impostores, sacerdotes da deusa Loucura) não vos são poupados: sede caridosos, meus amigos, perdoai; que vossa fé e vossa boa vontade sustentem vosso zelo e vossa coragem.

“Continuai a trabalhar na obra do espiritismo que é a regeneração.

“Lastimai aqueles que não querem ver a luz, porque os séculos de decepções serão seu quinhão.

“Ainda uma vez, meus amigos, perdão, coragem e perseverança!!..”

Terminando, digo que não poderia existir satisfação maior e mais nobre, prazeres mais dignos do que aqueles que se experimenta quando se prodigaliza consolações e socorros, quando se repara misérias. Considerai as riquezas e suprimi delas as doçuras que elas permitem fazer, o resto é para invejar? não, porque não pode servir senão para pôr em evidência os defeitos de seus possuidores.

Se sois ricos, meus caros amigos, aliviad o jugo da indigência pelas esmolas; se a mediocridade de vossa abastança não vos permite nenhum sacrifício, que vossas palavras e vossa humanidade supram a ela; dessa maneira cumprireis certamente o grande preceito do divino Redentor: amai-vos uns aos outros!

JOSEPH.⁴²

⁴² Mensagem extraída de L'Union Spirite Bordelaise, 2º ano, Nº 49, pp. 14-16, 1º de junho de 1866.

APÊNDICE



AS GANGORRAS ESPÍRITAS

Caro Senhor Bez.

Lestes *le Courrier de la Gironde* [O Correio da Gironde] de sexta-feira? Se sim, deveis ter observado algumas linhas que se encontram abaixo da 4ª coluna, 1ª página. Se não, ei-las em cópia:

“Ainda os Davenport é o assunto. Engano-me, não se trata deles, mas simplesmente de seu famoso armário. Tem-se tanto e tanto falado desse móvel, e, é preciso confessá-lo, ele divertiu muitíssimo os parisienses, que os industriais hábeis pensaram em explorar o veio. Vê-se hoje em Paris um brinquedo muito engenhoso. É um pequeno armário em madeira branca cujas faces são bastante bem unidas; os médiuns são fixados no banco. Fecha-se a porta e imediatamente um barulho semelhante a uma bala fulminante se faz ouvir. Então, se se abre o armário, tudo desapareceu, banco e médiuns. O armário pode servir indefinidamente, basta comprar os médiuns que se vendem às dúzias e que são fabricados com o papel do qual se fazem os fogos de artifício de salão.

“Esses brinquedos, inventados em vista do ano novo, receberam o nome de *gangorras espíritas*. Os irmãos Davenport, dos quais a gangorra foi tão vitoriosamente demolida pelo Sr. Robin, sempre tiveram a honra de dar seu nome ao brinquedo do ano, brinquedo que fará, como se diz, a felicidade das crianças e a tranqüilidade dos pais.”

Eis, pois, os fabricantes de brinquedos que se põem em concorrência com os *pregadores tonantes* para fazer a propaganda; e que propaganda, grande Deus! essa que se dirige à infância.

Os sermões, ainda passa: os pais escutavam às vezes, as crianças neles dormiam sempre e o espiritismo era para eles ou carta fechada, ou sucessor do papão. Mas hoje, graças a essa nova invenção a palavra espiritismo se encontra intimamente ligada a uma idéia agradável, e quando os meninos tiverem feito estourar bem os médiums em papel, quererão saber o que é um verdadeiro médium e suas pequenas mãos experimentarão sobre as mesinhas de boneca, e o lápis, destinado a resolver um problema ou acabar uma versão, correrá sobre o caderno para mostrar aos jovens adeptos que os fogos de artifício não se acabam todos em fumaça....

O que prova uma vez mais que, nos julgamos muito fracos para fazer propaganda em uma grande escala, nossos amáveis inimigos empregam todos os meios em seu poder para nos ajudar.

Ao seu dispor,
Mil lembranças,

ÉMILIE COLLIGNON.¹

¹ Carta extraída de *L'Union Spirite Bordelaise*, 1º ano, Nº 27, pp. 65-66, 15 de dezembro de 1865.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	9
ÉMILIE COLLIGNON GRANDE MÉDIUM DA CODIFICAÇÃO ESPÍRITA	17

1ª PARTE

UMA PALAVRA DE PASSAGEM	33
Deus!.....	37
ÀS SENHORAS DE BORDEAUX.	39
DIZER E FAZER SÃO DOIS.....	42
FÁBULA	42
A EMANCIPAÇÃO DAS MULHERES.....	44
A FILHA DO POBRE	51
O LUXO	54
NEM TUDO O QUE RELUZ É OURO.....	59
Provérbio	59
NOTA ESPECIAL DO TRADUTOR:	69
Traduzindo:.....	71

2ª PARTE

AO SENHOR JEAN MACÉ.	77
MADAME,	79
A EDUCAÇÃO NA FAMÍLIA E PELO ESTADO, CHEFE DA FAMÍLIA NACIONAL.....	80
A instrução é uma alavanca da qual a educação é o ponto de apoio.	80

I. NA FAMÍLIA.....	82
II. A FAMÍLIA ESCOLA PRIMÁRIA.....	86
III. A INSTRUÇÃO OBRIGATÓRIA.....	89
IV. DEVERES DO ESTADO, CHEFE DA FAMÍLIA NACIONAL.....	91
V. A CIÊNCIA NA ESCOLA. A RELIGIÃO NA IGREJA.....	95
VI. O QUE SERÁ UM DIA.....	96
VII. OBJEÇÕES.....	97
VIII. O QUE É: O QUE DEVERIA SER.....	99
A todas as objeções pode-se responder:.....	99
IX. QUESTÃO DE NUMERÁRIO!	109
X. A NAÇÃO É A FAMÍLIA COLETIVA.....	112
XI. AOS EGOÍSTAS.....	114
XII. O QUE O HOMEM PODE; O QUE ELE DEVE.....	115

3ª PARTE - Mensagens Mediúnicas

I. A RESIGNAÇÃO	121
II. FILHOS DO ESPIRITISMO LEMBRAI-VOS.....	123
III. DEIXAI O TEMPO CORRER SUAS ONDAS.....	124
IV. A CHAVE DE DIAMANTE.....	127
V. ORGULHO O QUE PODES FAZER?	129
VI. NÃO BRINQUEIS COM A VERDADE.....	130
VII. A MISÉRIA DOURADA.....	132
VIII. O ORGULHO	135
IX. MARGUERITE.....	139
X. OS OBSTÁCULOS.....	141
XI. O CAMPONÊS E O BOM CURA	143
XII. O ORVALHO	147

XIII. HISTÓRIA DE DOIS FEIXES DE LENHA	150
XIV. OS TRÊS APELOS.....	152
XV. O REGATO	155
APÓLOGO	155
XVI. OS DOIS PAIS.....	157
XVII. O PROGRESSO	160
XVIII. NOEL	163
XIX. A FRATERNIDADE	166
XX. OS VIZINHOS.....	169
ESTRANHA HISTÓRIA.....	169
XXI. DA PACIÊNCIA NAS PROVAÇÕES	172
XXII. CRISTÃO DE CORAÇÃO	175
XXIII. PÁSCOA.....	177
XXIV. A VERDADEIRA FAMÍLIA.....	180
XXV. DEUS É PAI ANTES DE SER JUIZ	182
XXVI. OS PEQUENOS PÁSSAROS	184
XXVII. SOBRE A MORTE.....	186
XXVIII. A LIBERDADE	189
XXIX. DUAS EXISTÊNCIAS	191
I	191
II	195
III.....	198
APÊNDICE.....	204
XXX. A CARIDADE	206

APÊNDICE

AS GANGORRAS ESPÍRITAS.....	211
-----------------------------	-----